

Organizadores

Antônio Augusto Moreira de Faria

Denise dos Santos Gonçalves

Maria Juliana Horta Soares

Mário de Andrade e os trabalhadores

antologia de prosa e verso



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2019

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Coordenadora

Emília Mendes

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação de originais

Katryn Rocha

Diagramação

Ana Cláudia Dias Rufino

Deborah Gomes

Revisão de provas

Bruna Honório

Giulia Leroy

ISBN

978-85-7758-356-0 (digital)

978-85-7758-355-3 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Mário de Andrade: trabalhador intelectual múltiplo que valorizou a cultura e o povo do Brasil**

Contos e Crônicas

- 11 Trabalhadores personagens na prosa de Mário de Andrade**

Denise dos Santos Gonçalves

- 15 O poço**
31 Primeiro de Maio
41 Túmulo, túmulo, túmulo
55 O besouro e a rosa
65 Os Sírios
69 Esquina
73 Meu Engraxate

Diários de viagem

- 77 O turista aprendiz Mário de Andrade e seus diários de viagem**

Antônio Augusto Moreira de Faria

- 79 Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega – 1927**

95 Viagem etnográfica – 1928

Poesia

133 O cotidiano do trabalhador brasileiro em versos

Maria Juliana Horta Soares

- 137 Arraiada**
- 139 Tostão de chuva**
- 141 Dois poemas acreanos**
- 141 Descobrimento**
- 142 Acalanto do seringueiro**
- 145 Aspiração**
- 147 Louvação matinal**
- 151 Melodia moura**
- 153 O carro da miséria**
- 159 Lira Paulistana**
- 167 Obsessão**
- 169 [SAMBINHA]**

Poema dramático

173 O poema dramático *Café*

Luiz Paixão Lima Borges

Café

- 175 Conceção melodramática**
- 195 Tragédia coral em três atos**

Alguns fatos biobibliográficos

- 225 Biografia**
- 229 Referências**

Mário de Andrade: trabalhador intelectual múltiplo que valorizou a cultura e o povo do Brasil

Este livro reúne textos em prosa e verso escritos por Mário Raul Moraes de Andrade (1893-1945), um dos principais expoentes do modernismo na cultura brasileira. Mário de Andrade foi um intelectual múltiplo: dedicou-se a literatura, música, etnografia, folclore, arquitetura, fotografia, crítica literária e preservação histórica e artística, entre outras atividades culturais. Foi também o primeiro chefe do Departamento (hoje Secretaria) Municipal de Cultura, na capital paulista, e um dos criadores do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O escritor produziu, entre outros gêneros, poemas, romances, contos e um diário de viagens, *O turista aprendiz*, nos quais revela seu interesse pelo nosso país, pela nossa cultura e pelo nosso povo. Toda a sua obra busca o “resgate de um Brasil de feição mestiça e desgarrado dos padrões europeus de então, mais indígena, mais africano, mais caboclo e caipira, [que] inicia uma nova síntese cultural [e] procura abarcar as múltiplas faces da brasilidade.”¹

Conforme diz o próprio título, foram selecionados para esta antologia tanto textos em prosa (contos “O poço”, “Primeiro de maio”, “Túmulo, túmulo, túmulo”, “O besouro e a rosa”, e “Os sírios”; crônicas “Esquina” e “Meu engraxate”; além de textos do diário de viagens *O turista aprendiz*) quanto em versos; neste caso, além de uma quinzena de poesias, o poema dramático “Café”.

¹ ANDRADE. *Poesias Completas*, p. 12.

Houve o cuidado de selecionar textos na íntegra, a fim de proporcionar aos leitores a possibilidade de que cada texto seja lido por completo, e não por fragmentos; portanto, não há trechos de textos. Por isto, a antologia não inclui obras que a tornariam extremamente longa, como as que Mário de Andrade denominou “rapsódia” (*Macunaíma*) e “idílio” (*Amar, verbo intransitivo*).

A leitura de cada texto por completo proporciona a possibilidade de apreciação adequada às características da linguagem desenvolvida por Mário de Andrade – como a ironia, que utiliza com frequência para questionar relações de trabalho injustas e muitas vezes cruéis, e o coloquialismo, que leva o autor a, também com frequência, romper convenções ortográficas e gramaticais.

Esta é a terceira antologia produzida pelo Grupo de Estudos em Linguagem, Trabalho, Educação e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (LINTRAB/UFMG),² somando-se a *Poemas brasileiros sobre trabalhadores: uma antologia de domínio público* (2011) e *Lima Barreto: artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores* (2013).

A primeira antologia traz textos de poetas que, vivendo entre os séculos XVII e XIX, escreveram sobre o trabalho e os trabalhadores, entre outros temas e personagens daquele período em que houve no Brasil tanto a escravidão quanto outras condições de trabalho desumanas, algumas das quais persistiram mesmo após a abolição oficial do escravismo. Na antologia, o ponto de vista é o dos subjugados, daqueles que sofreram na carne a exploração de seu trabalho. Os escritores são Gregório de Mattos (1636-1696), Alvarenga Peixoto (1744-1792), Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Luiz Gama (1830-1882), Machado de Assis (1839-1908), Fagundes Varela (1841-1875), Castro Alves (1847-1871), Cruz e Souza (1861-1898), Olavo Bilac (1865-1918) e Augusto dos Anjos (1884-1914).

A segunda antologia é *Lima Barreto: artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores*, publicada em 2013, com textos de Afonso Henriques

² Sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), o LINTRAB congrega professores e alunos, de graduação e pós-graduação, que desenvolvem análise de discursos em cujos textos estão presentes o trabalho como tema e os trabalhadores como personagens. São estudados prioritariamente os discursos literário, jornalístico, histórico e educacional.

de Lima Barreto (1881-1922), um trabalhador que escreveu sobre trabalhadores. Funcionário público e escritor, presenciou momentos históricos como a abolição da escravatura (1888), a Proclamação e as primeiras décadas da República Brasileira, e a Revolução Russa (1917). Quase um século após sua morte, ocorrida em 1922, o escritor continua atual porque escreveu muito, e bem, sobre operários e outros personagens do povo.

As três antologias trazem textos que já estão em domínio público, o que acontece 70 anos após o falecimento de seus autores. Isso torna possível divulgar os textos gratuitamente com o auxílio da internet, hospedando-os na página eletrônica do LINTRAB/UFMG (www.lintrab.blogspot.com.br). Assim, é possível difundir amplamente textos literários que confirmam ao trabalhador o papel de personagem protagonista.

A importância do trabalho como tema literário relaciona-se com o fato de que, embora sejam personagens subalternizados, ou mesmo preteridos e silenciados em discursos hegemônicos na sociedade brasileira contemporânea, os trabalhadores constituem a maioria da população, no Brasil como em qualquer outra nação. Com pouco prestígio cultural e poder econômico, a voz de quem vive de seu próprio trabalho é silenciada com frequência. A proposta do LINTRAB/UFMG é contribuir para reverter esta situação, divulgando textos que muitas vezes são desconhecidos dos leitores. Isto contribui também para manter em circulação textos de importantes autores de língua portuguesa que direcionaram seu olhar para os trabalhadores e souberam captar o dia a dia e o viver desses homens e mulheres.

Por fim, os organizadores desta antologia agradecem a outros pesquisadores que, realizando excelentes trabalhos anteriores, possibilitaram que a obra escrita por Mário de Andrade chegasse aos leitores de forma confiável e fiel.

Ler Mário de Andrade é algo prazeroso e enriquecedor.

Boa leitura!

Antônio Augusto Moreira de Faria

Denise dos Santos Gonçalves

Maria Juliana Horta Soares

(Organizadores)

Contos e Crônicas

Trabalhadores personagens na prosa de Mário de Andrade

Denise dos Santos Gonçalves

Os sete contos e crônicas publicados nesta antologia compuseram, em edições distintas, os livros *Primeiro andar*, *Os contos de Belazarte*, *Os filhos da Candinha* e *Contos novos*, o último uma publicação póstuma. Os manuscritos do autor e as notas às diversas edições são registros do seu obstinado trabalho de escrever, reescrever, organizar e reorganizar sua própria obra.

“Túmulo, túmulo, túmulo” e “O besouro e a rosa” foram publicados originalmente na obra *Os contos de Belazarte*, cuja primeira edição, em 1934, não apresentava a configuração que se tornou definitiva a partir da segunda edição. Nas “Notas” à segunda edição de *Belazarte*, de 1944, Mário de Andrade explicava que aquela versão “apresenta integridade livre e definitiva”, o que resultava da inclusão de “O besouro e a rosa”, que não compusera a edição de 1934, e da exclusão do conto “Caso em que entra bugre”, que passaria a compor a obra *Primeiro andar*.

Também na segunda edição de *Primeiro andar*, Mário de Andrade cuidou de registrar e explicar a movimentação de “O besouro e a Rosa”. O autor esclarece que “quanto a ‘O besouro e a Rosa’, primeira história que Belazarte me contou, desligou-se prazerosamente deste livro e tomou seu lugar no *Belazarte*”.

Antes de sua publicação no livro *Primeiro andar*, o conto “O besouro e a Rosa” havia sido publicado na revista *América brasileira*, em 1924. A versão publicada nos livros teria sido revisada em 1925, durante o processo de planejamento da primeira obra de contos.

Segundo o escritor, na “verdadeira” segunda edição de *Primeiro andar*, “se correm por aí algumas talvez centenas de exemplares com capa nova ilustrada e crismada ‘2ª edição’ é que o proprietário da primeira fez isso por sua exclusiva conta, no desejo de desencaixar os exemplares que restavam”, foi acrescentado, entre outros, o conto “Os Sírios”. Ainda segundo Mário de Andrade, na mesma nota da 2ª edição da obra, um bom conto para os teóricos da nomenclatura ensinarem a ele o que não era um conto, apesar de o ser.

“Túmulos, túmulos, túmulos”, escrito em 1926, foi publicado nas versões de *Belazarte* dos anos 1934 e 1944.

Em *Contos novos*, obra publicada em 1947, dois anos após a morte de Mário de Andrade, pela Livraria Martins Editora, apresenta-se o resultado do trabalho de organização de textos iniciado pelo autor no período em que viveu no Rio de Janeiro – de 1938 a 1941. O escritor planejava publicá-los em seu terceiro livro de contos – e provavelmente por isso deixara pastas organizadas nas quais categorizava os textos publicáveis sob os títulos provisórios de *Contos revividos* e *Contos piores*. O título *Contos novos* foi atribuído por ocasião da seleção dos textos que compoñam a edição póstuma, organizada por amigos de Mário.

Contos Novos é composto por nove contos, dois dos quais publicados também na presente antologia: “O poço” e “Primeiro de Maio”. Nos manuscritos em que registrou o trabalho de preparação e organização dos textos, Mário de Andrade anotou que “Primeiro de Maio” já havia sido publicado em duas ocasiões anteriores – em junho de 1934, na revista *Rumo*, do Rio de Janeiro, e em junho de 1935, na revista *Novella*, de São Paulo. De acordo com os registros deixados por Mário de Andrade, o texto publicado nos periódicos foi bastante modificado até alcançar a versão final que integrou o projeto do terceiro livro.

“O poço” foi originalmente publicado na primeira versão de *Contos Novos*. Os manuscritos deixados pelo autor revelam que o processo criativo desse conto resultou em ao menos três versões, frutos de revisões no período de 28 de julho a 26 de dezembro de 1942.

Além desses cinco contos, esta antologia traz duas crônicas, “Esquina” e “Meu Engraxate”, ambos de *Os filhos da Candinha*. Em carta a Manuel Bandeira, de 1934, o autor explica a obra: “O que imaginei, me

parece mais feliz, será reunir em livro um certo número de crônicas de vários assuntos [...] E descobri um nome adorável pro livro: Os filhos da Candinha [...] que quer dizer, a voz do povo, o que andam falando, os diz-ques”.

No que concerne às relações de trabalho presentes como tema nos contos e crônicas a seguir, neles são exemplificados (muitas vezes de forma irônica) postos e vínculos bastante característicos do início do século XX. “O besouro e a Rosa” e “Túmulo, túmulo, túmulo” trazem como protagonista o trabalhador doméstico. No primeiro, Rosa fora criada pela família, mas era encarregada dos afazeres da casa – muito provavelmente em troca de moradia e alimentação, o que não é explicitado no texto. Ellis, por sua vez, personagem do segundo, era um criado pago, mas percebe-se uma relação de quase propriedade de Belazarte pelo “negrinho”: “Dinheiro faz cócega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não há meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim”. Ellis, por sua vez, coloca-se em uma posição de sujeição ao empregador, espécie de ídolo para ele.

“O poço” é outro conto que traz como tema a exploração de trabalhadores – rurais, no caso. O temperamento do fazendeiro Joaquim Prestes coloca em risco a vida de seus empregados, à mercê dos caprichos e desmandos do patrão. Prestes, por avareza, resolve abrir um poço artesiano sem contratar um poceiro. Ao deixar cair uma caneta tinteiro no fundo da abertura, não se importa com o frio ou o risco de morte para os trabalhadores, nem com a futilidade do que exige deles: mesmo tendo toda uma gaveta de canetas, uma delas de ouro, arrisca a vida de seus empregados para recuperar o objeto que deixou cair no poço.

Em “Primeiro de Maio”, a coisificação dos trabalhadores se faz explícita. Os carregadores de malas na Estação Ferroviária da Luz não são chamados por seus respectivos nomes, mas por números. O protagonista, 35, de folga no Dia do Trabalho, não consegue se sentir bem em outro papel. Seu mundo é aquele do trabalho; lazer e ócio não estão para ele reservados.

A representação de postos de trabalho quase extintos é outro aspecto interessante dos textos a seguir. “Primeiro de Maio” tem como personagens, carregadores de malas, profissão ainda existente em

rodoviárias e centros comerciais, mas com bem menos frequência do que em um século atrás. Já “Os sírios” traz atividades também mais presentes à época: imigrantes que trabalhavam como mascates, em seus primeiros tempos após chegarem ao Brasil e que em alguns casos se tornavam posteriormente proprietários de casas comerciais, no conto, um café e um hotel.

Por fim, as duas crônicas que esta antologia traz elegem igualmente como protagonistas trabalhadores brasileiros característicos do início do século passado. Em “Esquina”, o narrador-personagem, do segundo andar de um edifício no centro do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, descreve as mais diversas profissões existentes naquele ambiente urbano. Biscateiros, costureiras, operários e mulheres que davam pensão a estudantes e trabalhadores personagens passam pela rua, diante das janelas, aguçando a curiosidade do narrador.

Em “Meu Engraxate”, por sua vez, não só é retratada uma profissão praticamente extinta nos dias de hoje como é resgatado o conceito de propriedade do qual tratamos anteriormente. O narrador, cliente do trabalhador que dá título à crônica, fica extremamente insatisfeito quando este passa a trabalhar em uma casa lotérica. “É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou”. Mesmo em tom humorístico, o texto ilustra como não há sinal de satisfação pela evolução do trabalhador – apenas um incômodo pela alteração na rotina do cliente.

O poço

Ali pelas onze horas da manhã o velho Joaquim Prestes chegou no pesqueiro. Embora fizesse força em se mostrar amável por causa da visita convidada para a pescaria, vinha mal-humorado daquelas cinco léguas de fordinho cabritando na estrada péssima. Aliás o fazendeiro era de pouco riso mesmo, já endurecido por setenta e cinco anos que o mumificavam naquele esqueleto agudo e taciturno.

O fato é que estourara na zona a mania dos fazendeiros ricos adquirirem terrenos na barranca do Mogi pra pesqueiros de estimação. Joaquim Prestes fora dos que inventaram a moda, como sempre: homem cioso de suas iniciativas, meio cultivando uma vaidade de família – gente escoteira por aqueles campos altos, desbravadora de terras. Agora Joaquim Prestes desbravava pesqueiros na barranca fácil do Mogi. Não tivera que construir a riqueza com a mão, dono de fazendas desde o nascer, reconhecido como chefe, novo ainda. Bem rico, viajado, meio sem que fazer, desbravava outros matos.

Fora o introdutor do automóvel naquelas estradas, e se o município agora se orgulhava de ser um dos maiores produtores de mel, o devia ao velho Joaquim Prestes, primeiro a se lembrar de criar abelhas ali. Falando o alemão (uma das suas “iniciativas” goradas na zona) tinha uma verdadeira biblioteca sobre abelhas. Joaquim Prestes era assim. Caprichosíssimo, mais cioso de mando que de justiça, tinha a idolatria da autoridade. Pra comprar o seu primeiro carro fora à Europa, naqueles tempos em que os automóveis eram mais europeus que americanos.

Viera uma “autoridade” no assunto. E o mesmo com as abelhas de que sabia tudo. Um tempo até lhe dera de reeducar as abelhas nacionais, essas “porcas” que misturavam o mel com a samora. Gastou anos e dinheiro bom nisso, inventou ninhos artificiais, cruzou as raças, até fez vir umas abelhas amazônicas. Mas se mandava nos homens e todos obedeciam, se viu obrigado a obedecer às abelhas que não se educaram um isto. E agora que ninguém falasse perto dele numa inocente jeteí, Joaquim Prestes xingava. Tempo de florada no cafezal ou nas fruteiras do pomar maravilhoso, nunca mais foi feliz. Lhe amargavam penosamente aquelas mandassaias, mandaguaris, bijuris que vinham lhe roubar o mel da *Apis Mellifica*.

E tudo o que Joaquim Prestes fazia, fazia bem. Automóveis tinha três. Aquela marmon de luxo pra o levar da fazenda à cidade, em compras e visitas. Mas como fosse um bocado estreita para que coubessem à vontade, na frente, ele choferando e a mulher que era gorda (a mulher não podia ir atrás com o mecânico, nem este na frente e ela atrás) mandou fazer uma “rolls-royce” de encomenda, com dois assentos na frente que pareciam poltronas de hol, mais de cem contos. E agora, por causa do pesqueiro e da estrada nova, comprara o fordinho cabritante, todo dia quebrava alguma peça, que o deixava de mau humor.

Que outro fazendeiro se lembrara mais disso! Pois o velho Joaquim Prestes dera pra construir no pesqueiro uma casa de verdade, de tijolo e telha, embora não imaginasse passar mais que o claro do dia ali, de medo da maleita. Mas podia querer descansar. E era quase uma casa-grande se erguendo, quarto do patrão, quarto pra algum convidado, a sala vasta, o terraço telado, tela por toda a parte pra evitar pernilongos. Só desistiu da água encanada porque ficava um dinheirão. Mas a casinha, por detrás do bangalô, até era luxo, toda de madeira aplainada, pintadinha de verde pra confundir com os mamoeiros, os porcos de raça por baixo (isso de fossa nunca!) e o vaso de esmalte e tampa. Numa parte destocada do terreno, já pastavam no capim novo quatro vacas e o marido, na espera de que alguém quisesse beber um leitezinho caracu. E agora que a casa estava quase pronta, sua horta folhuda e uns girassóis na frente, Joaquim Prestes não se contentara mais com a água da geladeira, trazida sempre no forde em dois termos gordos, mandara abrir um poço.

Quem abria era gente da fazenda mesmo, desses camaradas que entendem um pouco de tudo. Joaquim Prestes era assim. Tinha dez chapéus estrangeiros, até um panamá de conto de réis, mas as meias, só usava meias feitas pela mulher, “pra economizar” afirmava. Afora aqueles quatro operários ali, que cavavam o poço, havia mais dois que lá estavam trabucando no acabamento da casa, as marteladas monótonas chegavam até a fogueira. E todos muito descontentes, rapazes de zona rica e bem servida de progresso, jogados ali na ceva da maleita. Obedeceram, mandados, mas corroídos de irritação.

Só quem estava imaginando que enfim se arranjava na vida era o vigia, esse caipira da gema, bagre sorna dos alagados do rio, maleiteiro eterno a viola e rapadura, mais a mulher e cinco famílias enfezadas. Esse agora, se quisesse tinha leite, tinha ovos de legornes finas e horta de semente. Mas lhe bastava imaginar que tinha. Continuava feijão com farinha, e a carne-seca do domingo.

Batera um frio terrível esse fim de julho, bem diferente dos invernos daquela zona paulista, sempre bem secos nos dias claros e solares, e as noites de uma nitidez sublime, perfeitas pra quem pode dormir no quente. Mas aquele ano umas chuvas diluviais alagavam tudo, o couro das carteiras embolorava no bolso e o café apodrecia no chão.

No pesqueiro o frio se tornara feroz, lavado daquela umidade maligna que, além de peixe, era só o que o rio sabia dar. Joaquim Prestes e a visita foram se chegando pra fogueira dos camaradas, que logo levantaram, machucando chapéu na mão, bom-dia, bom-dia. Joaquim tirou o relógio do bolso, com muita calma, examinou bem que horas eram. Sem censura aparente, perguntou aos camaradas si ainda não tinham ido trabalhar.

Os camaradas responderam que já tinham sim, mas que com aquele tempo quem aguentava permanecer dentro do poço continuando a perfuração? Tinham ido fazer outra coisa, dando uma mão no acabamento da casa.

– Não trouxe vocês aqui pra fazer casa.

Mas que agora estavam terminando o café do meio-dia. Espaçavam as frases, desapontados, principiando a não saber nem como ficar de pé. Havia silêncios desagradáveis. Mas o velho Joaquim Prestes impassível,

esperando mais explicações, sem dar sinal de compreender nem de desculpar ninguém. Tinha um, era o mais calmo, mulato desempenado, fortíssimo, bem escuro na cor. Ainda nem falara. Mas foi esse que acabou inventando um jeito humilhante de disfarçar a culpa inexistente, botando um pouco de felicidade no dono. De repente contou que agora ainda ficara mais penoso o trabalho porque enfim já estava minando água. Joaquim Prestes ficou satisfeito, era visível, e todos suspiraram de alívio.

- Mina muito?
- A água vem de com força, sim senhor.
- Mas precisa cavar mais.
- Quanto chega?
- Quer dizer, por enquanto dá pra uns dois palmo.
- Parmo e meio, Zé.

O mulato virou contrariado para o que falara, um rapaz branco, enfezadinho, cor de doente.

- Ocê marcou, mano...
- Marquei sim.
- Então com mais dois dias de trabalho tenho água suficiente.

Os camaradas se entreolharam. Ainda foi o José quem falou:

- Quer dizer... a gente nem não sabe, tá uma lama... O poço tá fundo, só o mano que é leviano pode descer...

- Quanto mede?
- Quarenta e cinco palmo.

- Papagaio! escapou da boca de Joaquim Prestes. Mas ficou muito mudo, na reflexão. Percebia-se que ele estava lá dentro consigo, decidindo uma lei. Depois meio que largou de pensar, dando todo o cuidado lento em fazer o cigarro de palha com perfeição. Os camaradas esperavam, naquele silêncio que os desprezava, era insuportável quase. O rapaz não conseguiu se aguentar mais, como que se sentia culpado de ser mais leve que os outros. Arrancou:

- Por minha causa não, Zé, que eu desço bem.

José tornou a se virar com olhos enraivecidos pro irmão. Ia falar, mas se conteve enquanto outro tomava a dianteira.

- Então ocê vai ficar naquela dureza de trabalho com essa umidade!

– Se a gente pudesse revezar inda que bem..., murmurou o quarto, também regularmente leviano de corpo mas nada disposto a se sacrificar. E decidiu:

– Com essa chubarada a terra tá mole demais, e se afunda!... Deus te livre...

Aí José não pôde mais adiar o pressentimento que o invadia e protegeu o mano:

– `cê besta, mano! e sua doença!

A doença, não se falava o nome. O médico achara que o Albino estava fraco do peito. Isso de um ser mulato e o outro branco, o pai espanhol primeiro se amigara com uma preta do litoral, e quando ela morrera, mudara de gosto, viera pra zona da Paulista casar com moça branca. Mas a mulher morrera dando à luz o Albino, e o espanhol, gostando mesmo de variar, se casara mas com a cachaça. José, taludinho, inda aguentou-se bem na orfandade, mas o Albino, tratado só quando as colonas vizinhas lembravam, Albino comeu terra, teve tifo, escarlatina, desinteria, sarampo, tosse comprida. Cada ano era uma doença nova, e o pai até esbravejava nos janeiros: “Que enfermidade le falta, caramba!” e bebia mais. Até que desapareceu pra sempre.

Albino, nem que fosse pra demonstrar a afirmativa do irmão, teve um acesso forte de tosse. E Joaquim Prestes:

– Você acabou o remédio?

– Inda tem um poucadinho, sim sinhô.

Joaquim Prestes mesmo comprava o remédio do Albino e dava, sem descontar no ordenado. Uma vidraça que o rapaz quebrara, o fazendeiro descontou os três mil e quinhentos do custo. Porém montava na marmon, dava um pulo até a cidade só pra comprar aquele fortificante estrangeiro, “um dinheirão!” resmungava. E eram mesmo dezoito mil-réis.

Com a direção da conversa, os camaradas perceberam que tudo se arranjava pelo melhor. Um comentou:

– Não vê que a gente está vendo si o sol vem e seca um pouco, mode o Albino descer no poço.

Albino, se sentindo humilhado nessa condição de doente, repetiu agressivo:

– Por isso não que eu desço bem! já falei...

José foi pra dizer qualquer coisa mas sobreteve o impulso, olhou o mano com ódio. Joaquim Prestes afirmou:

– O sol hoje não sai.

O frio estava por demais. O café queimando, servido pela mulher do vigia, não reconfortava nada, a umidade corroía os ossos. O ar sombrio fechava os corações. Nenhum passarinho voava, quando muito algum pio magoado vinha botar mais tristeza no dia. Mal se enxergava o aclive da barranca, o rio não se enxergava. Era aquele arminho sujo da névoa, que assim de longe parecia intransponível.

A afirmação do fazendeiro trouxera de novo um som apreensivo no ambiente. Quem concordou com ele foi o vigia chegando. Só tocou de leve no chapéu, foi esfregar forte as mãos, rumor de lixa, em cima do fogo. Afirmou baixo, com voz taciturna de afeiçãoado àquele clima ruim:

– Peixe hoje não dá.

Houve silêncio. Enfim o patrão, o busto dele foi se erguendo impressionantemente agudo, se endireitou rijo e todos perceberam que ele decidira tudo. Com má vontade, sem olhar os camaradas, ordenou:

– Bem... é continuar todos na casa, vocês estão ganhando.

A última reflexão do fazendeiro pretendia ser cordial. Mas fora navalhante. Até a visita se sentiu ferida. Os camaradas mais que depressa debandaram, mas Joaquim Prestes:

– Você me acompanhe, Albino, quero ver o poço.

Ainda ficou ali dando umas ordens. Havia de tentar uma rodada assim mesmo. Afinal jogou o toco do cigarro na fogueira, e com a visita se dirigiu para a elevação a uns vinte metros da casa, onde ficava o poço.

Albino já estava lá, com muito cuidado, retirando as tábuas que cobriam a abertura. Joaquim Prestes, nem mesmo durante a construção, queria que caíssem “coisas” na água futura que ele iria beber. Afinal ficaram só aquelas tábuas largas, longas, de cabreúva, protegendo a terra do rebordo do perigo de esbarrondar. E mais aquele aparelho primário, que “não era o elegante, definitivo”, Joaquim Prestes foi logo explicando à visita, servindo por agora pra descer os operários no poço e trazer terra.

– Não pise aí, nhô Prestes! Albino gritou com susto.

Mas Joaquim Prestes queria ver a água dele. Com mais cuidado, se acorou numa das tábuas do rebordo e firmando bem as mãos em

duas outras que atravessavam a boca do poço e serviam apenas pra descanso da caçamba, avançou o corpo pra espiar. As taboas abaularam. Só o viram fazer o movimento angustiado, gritou:

– Minha caneta!

Se ergueu com rompante e sem mesmo cuidar de sair daquela bocarra traiçoeira, olhou os companheiros, indignado:

– Essa é boa!... Eu é que não posso ficar sem a minha caneta-tinteiro! Agora vocês hão de ter paciência, mas ficar sem minha caneta é que eu não posso! têm que descer lá dentro buscar! Chame os outros, Albino! e depressa! que com o barro revolvido como está, a caneta vai afundando!

Albino foi correndo. Os camaradas vieram imediatamente, solícitos, ninguém sequer lembrava mais de fazer corpo mole nem nada. Pra eles era evidente que a caneta-tinteiro do dono não podia ficar lá dentro. Albino já tirava os sapatões e a roupa. Ficou nu num átimo da cintura pra cima, arregaçou a calça. E tudo, num átimo, estava pronto, a corda com o nó grosso pro rapaz firmar os pés, afundando na escuridão do buraco. José mais outro, firmes, seguravam o cambito. Albino com rapidez pegou na corda, se agarrou nela, balanceando no ar. José olhava, atento:

– Cuidado, mano...

– Vira.

– Albino...

– Nhô?

– ... veja si fica na corda pra não pisar na caneta. Passe a mão de leve no barro...

– Então é melhor botar um pau na corda pra fincar os pés.

– Qual, mano! vira isso logo!

José e o companheiro viraram o cambito, Albino desapareceu no poço. O sarilho gemeu, e à medida que a corda se desenrolava o gemido foi aumentando, aumentando, até que se tornou num uivo lancinante. Todos estavam atentos, até que se escutou o grito de aviso do Albino, chegado apenas uma queixa até o grupo. José parou o manejo e fincou o busto no cambito.

Era esperar, todos imóveis. Joaquim Prestes, mesmo o outro camarada espiavam, meio esquecidos do perigo da terra do rebordo

esbarrondar. Passou um minuto, passou mais outro minuto, estava desagradabilíssimo. Passou mais tempo, José não se conteve. Segurando firme só com a mão direita o cambito, os músculos saltaram no braço magnífico, se inclinou quanto pôde na beira do poço:

– Achooooou!

Nada de resposta.

– Achou, manoooo!...

Ainda uns segundos. A visita não aguentara mais aquela angústia, se afastara com o pretexto de passear. Aquela voz de poço, um tom surdo, ironicamente macia que chegava aqui em cima em qualquer coisa parecia com um “não”. Os minutos passavam, ninguém mais se aguentava na impaciência. Albino havia de estar perdendo as forças, grudado naquela corda, de cócoras, passando a mão na lama coberta de água.

– José...

– Nhô. Mas atentando onde o velho estava, sem mesmo esperar a ordem, José asperejou com o patrão: – Por favor, nhô Joaquim Prestes, sai daí, terra tá solta!

Joaquim Prestes se afastou de má vontade. Depois continuou:

– Grite pro Albino que pise na lama, mas que pise num lugar só. José mais que depressa deu a ordem. A corda bambeou. E agora, aliviados, os operários entreconversavam. O magruço, que sabia ler no jornal da vendinha da estação, deu de falar, o idiota, no caso do “Soterrado de Campinas”. O outro se confessou pessimista, mas pouco, pra não desagradar o patrão. José mudo, cabeça baixa, olho fincado no chão, muito pensando. Mas a experiência de todos ali, sabia mesmo que a caneta-tinteiro se metera pelo barro mole e que primeiro era preciso esgotar a água do poço. José ergueu a cabeça, decidido:

– Assim não vai não, nhô Joaquim Prestes, percisa secar o poço.

Aí Joaquim Prestes concordou. Gritaram ao Albino que subisse. Ele ainda insistiu uns minutos. Todos esperavam em silêncio, irritados com aquela teima do Albino. A corda sacudiu, chamando. José mais que depressa agarrou o cambito e gritou:

– Pronto!

A corda enrijou retesada. Mesmo sem esperar que o outro operário o ajudasse, José com músculos de amor virou sozinho o sarilho. A mola deu aquele uivo esganado, assim virada rápido, e veio uivando, gemendo.

– Vocês me engraxem isso, que diabo!

Só quando Albino surgiu na boca do poço o sarilho parou de gemer. O rapaz estava que era um monstro de lama. Pulou na terra firme e tropeçou três passos, meio tonto. Baixou muito a cabeça sacudida com estertor “purrr!”, agitava as mãos, os braços, pernas, num halo de lama pesada que caía aos ploques no chão. Deu aquele disfarce pra não desapontar:

– Puta frio!

Foi vestindo, sujo mesmo, com ânsia, a camisa, o pulôver esburacado, o paletó. José foi buscar o seu próprio paletó, o botou silencioso na costinha do irmão. Albino o olhou, deu um sorriso quase alvar de gratidão. Num gesto feminino, feliz, se encolheu dentro da roupa, gostando.

Joaquim Prestes estava numa exasperação terrível, isso via-se. Nem cuidava de disfarçar para a visita. O caipira viera falando que a mulher mandava dizer que o almoço do patrão estava pronto. Disse um “Já vou” duro, continuando a escutar os operários. O magruço lembrou buscarem na cidade um poceiro de profissão. Joaquim Prestes estrilou. Não estava pra pagar poceiro por causa duma coisa à toa! que eles estavam com má vontade de trabalhar! esgotar poço de pouca água não era nenhuma áfrica. Os homens acharam ruim, imaginando que o patrão os tratara de negros. Se tomaram dum orgulho machucado. E foi o próprio magro, mais independente, quem fixou José bem nos olhos, animando o mais forte, e meio que perguntou, meio que decidiu:

– Bamo!...

Imediatamente se puseram nos preparos, buscando o balde, trocando as tábuas atravessadas por outras que aguentassem peso de homem. Joaquim Prestes e a visita foram almoçar.

Almoço grave, apesar do gosto farto do dourado. Joaquim Prestes estava árido. Dera nele aquela decisão primária, absoluta de reaver a caneta-tinteiro hoje mesmo. Pra ele, honra, dignidade, autoridade não tinha gradação, era uma só: tanto estava no custear a mulher da gente como em reaver a caneta-tinteiro. Duas vezes a visita, com ares de quem não sabe, perguntou sobre o poceiro da cidade. Mas só o forde podia ir

buscar o homem e Joaquim Prestes, agora que o vigia afirmara que não dava peixe, tinha emburrado, havia de mostrar que, no pesqueiro dele, dava. Depois, que diabo! os camaradas haviam de secar o poço, uns palermas! Estava numa cólera desesperada. Botando a culpa nos operários, Joaquim Prestes como que distrai a culpa de fazê-los trabalhar injustamente.

Depois do almoço chamou a mulher do vigia, mandou levar café aos homens, porém que fosse bem quente. Perguntou si não havia pinga. Não havia mais, acabara com a friagem daqueles dias. Deu de ombros. Hesitou. Ainda meio que ergueu os olhos pra visita, consultando. Acabou pedindo desculpa, ia dar uma chegadinha até o poço pra ver o que os camaradas andavam fazendo. E não se falou mais em pescaria.

Tudo trabalhava na afobação. Um descia o balde. Outro, com empuxões fortes na corda, afinal conseguia deitar o balde lá no fundo pra água entrar nele. E quando o balde voltava, depois de parar tempo lá dentro, vinha cheio apenas pelo terço, quase só lama. Passava de mão em mão pra ser esvaziado longe e a água não se infiltrar pelo terreno do rebordo. Joaquim Prestes perguntou si a água já diminuía. Houve um silêncio emburrado dos trabalhadores. Afinal um falou com rompante:

– Quá!...

Joaquim Prestes ficou ali, imóvel, guardando o trabalho. E ainda foi o próprio Albino, mais servil, quem inventou:

– Si tivesse duas caçamba...

Os camaradas se sobressaltaram, inquietos, se entreolhando. E aquele peste de vigia lembrou que a mulher tinha uma caçamba em casa, foi buscar. O magruço, ainda mais inquieto que os outros, afiançou:

– Nem com duas caçambas não vai não! é lama por demais! tá minando muito...

Aí o José saiu do seu silêncio torvo pra pôr as coisas às claras:

– De mais a mais, duas caçamba precisa ter gente lá dentro, Albino não desce mais.

– Quê que tem, Zé! deixa de história! Albino meio que estourou.

De resto o dia aguentara um bocado, sempre escuro, nuvens de chumbo tomando o céu todo. Nenhum pássaro. Mas a brisa caíra por volta das treze horas, e o ar curto deixava o trabalho aquecer os corpos

movidos. José se virara com tanta indignação para o mano, todos viram: mesmo com desrespeito pelo velho Joaquim Prestes, o Albino ia tomar com um daqueles cachações que apanhava quando pegado no truco ou na pinga. O magruço resolveu se sacrificar, evitando mais aborrecimento. Interferiu rápido:

– Nós dois se reveza, José! Desta eu que vou.

O mulato sacudiu a cabeça, desesperado, engolindo raiva. A caçamba chegava e todos se atiraram aos preparativos novos. O velho Joaquim Prestes ali, mudo, imóvel. Apenas de vez em quando aquele jeito lento de tirar o relógio e consultar a claridade do dia, que era feito uma censura tirânica, pondo vergonha, quase remorso naqueles homens.

E o trabalho continuava infrutífero, sem cessar. Albino ficava o quanto podia lá dentro, e as caçambas, lentas, naquele exasperante ir e vir. E agora o sarilho deu de gritar tanto que foi preciso botar graxa nele, não se suportava aquilo. Joaquim Prestes mudo, olhando aquela boca de poço. E quando Albino não se aguentava mais o outro magruço o revezava. Mas este depois da primeira viagem, se tomara dum medo tal, se fazia lerdado de propósito, e era recomendações a todos, tinha exigências. Já por duas vezes falara em cachaça.

Então o vigia lembrou que o japonês da outra margem tinha cachaça a venda. Dava uma chegadinha lá, que o homem também sempre tinha algum trairão de rede, pegado na lagoa.

Aí Joaquim Prestes se destemperou por completo. Ele bem que estava percebendo a má vontade de todos. Cada vez que o magruço tinha que descer eram cinco minutos, dez, mamparreando, se despia lento. Pois até não se lembrara de ir na casinha e foi aquela espera insuportável pra ninguém! (E o certo é que a água minava mais forte agora, livre da muita lama. O dia passava. E uma vez que o Albino subiu, até, contra o jeito dele, veio irritado, porque achara o poço na mesma.)

Joaquim Prestes berrava, furo de raiva. O vigia que fosse tratar das vacas, deixasse de invencionice! Não pagava cachaça pra ninguém não, seus imprestáveis! Não estava pra alimentar manha de cachaceiro!

Os camaradas, de golpe, olharam todos o patrão, tomados de insulto, feridíssimos, já muito sem paciência mais. Porém Joaquim Prestes ainda insistia, olhando o magruço:

- É isso mesmo!... Cachaceiro!... Dispa-se mais depressa! cumpra o seu dever!.

E o rapaz não aguentou o olhar cutilante do patrão, baixou a cabeça, foi se despindo. Mas ficara ainda mais lerdo, ruminando uma revolta inconsciente, que escapava na respiração precipitada, silvando surda pelo nariz. A visita, percebendo o perigo, interveio. Fazia gosto de levar um pescado à mulher, si o fazendeiro permitisse, ele dava um pulo com o vigia lá no tal de japonês. E irritado fizera um sinal ao caipira. Se fora, fugindo daquilo, sem mesmo esperar o assentimento de Joaquim Prestes. Este mal encolheu os ombros, de novo imóvel, olhando o trabalho do poço.

Quando, mais ou menos uma hora depois, a visita voltou ao poço outra vez, trazia afobada uma garrafa de caninha. Foi oferecendo com felicidade aos camaradas, mas eles só olharam a visita assim meio de lado, nem responderam. Joaquim Prestes nem olhou, e a visita percebeu que tinha sucedido alguma coisa grave. O ambiente estava tensíssimo. Não se via o Albino nem o magruço que o revezava. Mas não estavam ambos no fundo do poço, como a visita imaginou.

Minutos antes, poço quase seco agora, o magruço que já vira um bloco de terra se desprender do rebordo, chegada a vez dele, se recusara descer. Foi meio minuto apenas de discussão agressiva entre ele e o velho Joaquim Prestes, desce, não desce, e o camarada, num ato de desespero se despedira por si mesmo, antes que o fazendeiro o despedisse. E se fora, dando as costas a tudo, oito anos de fazenda, curtindo uma tristeza funda, sem saber. E Albino, aquela mansidão doentia de fraco, pra evitar briga maior, fizera questão de descer outra vez, sem mesmo recobrar fôlego. Os outros dois, com o fantasma próximo de qualquer coisa mais terrível, se acovardaram. Albino estava no fundo do poço.

Agora o vento soprando, chicoteava da gente não aguentar. Os operários tremiam muito, e a própria visita. Só Joaquim Prestes não tremia nada, firme, olhos fincados na boca do poço. A despedida do operário o despeitara ferozmente, ficara num deslumbramento horrível. Nunca imaginara que num caso qualquer o adversário se arrogasse a iniciativa de decidir por si. Ficara assombrado. Por certo que havia de mandar embora o camarada, mas que este se fosse por vontade própria,

nunca pudera imaginar. A sensação do insulto estourara nele feito uma bofetada. Si não revidasse era uma desonra, como se vingar!... Mas só as mãos se esfregando lentíssimas, denunciavam o desconcerto interior do fazendeiro. E a vontade reagia com aquela decisão já desvairada de conseguir a caneta-tinteiro, custasse o que custasse. Os olhos do velho engoliam a boca do poço, ardentes, com volúpia quase. Mas a corda já sacudia outra vez, agitadaíssima agora, avisando que o Albino queria subir. Os operários se afobaram. Joaquim Prestes abriu os braços, num gesto de desespero impaciente.

– Também Albino não parou nem dez minutos!

José ainda lançou um olhar de imploração ao chefe, mas este não compreendia mais nada. Albino apareceu na boca do poço. Vinha agarado na corda, se grudando nela com terror, como temendo se despegar. Deixando o outro operário na guarda do cambito, José com muita maternidade ajudava o mano. Este olhava todos, cabeça de banda decependo na corda, boca aberta. Era quase impossível lhe aguentar o olho abobado. Como que não queria se desagarrar da corda, foi preciso o José, “sou eu, mano”, o tomar nos braços, lhe fincar os pés na terra firme. Aí Albino largou da corda. Mas com o frio súbito do ar livre, principiou tremendo demais. O seguraram pra não cair. Joaquim Prestes perguntava se ainda tinha água lá em baixo.

– Fa... Fa...

Levou as mãos descontroladas à boca, na intenção de animar os beijos mortos. Mas não podia limitar os gestos mais, tal o tremor. Os dedos dele tropeçavam nas narinas, se enfiavam pela boca, o movimento pretendido de fricção se alargava demais e a mão se quebrava no queixo. O outro camarada lhe esfregava as costas. José veio, tirou a garrafa das mãos da visita, quis desarrolhar, mas não conseguindo isso logo com aqueles dedos endurecidos, abocanhou a rolha, arrancou. José estava tão triste... Enrolou, com que macieza! a cabeça do maninho no braço esquerdo, lhe pôs a garrafa na boca:

– Beba, mano.

Albino engoliu o álcool que lhe enchera a boca. Teve aquela reação desonesta que os tragos fortes dão. Afinal pôde falar:

– Farta... é só tá-tá seco.

Joaquim Prestes falava manso, compadecido, comentando inflexível:

– Pois é, Albino: se você tivesse procurado já, decerto achava. Enquanto isso a água vai minando.

– Si eu tivesse uma lúiz...

– Pois leve.

José parou de esfregar o irmão. Se virou pra Joaquim Prestes. Talvez nem lhe transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos:

– Albino não desce mais.

Joaquim Prestes, ferido desse jeito, ficou que era a imagem descomposta do furor. Recuou um passo na defesa instintiva, levou a mão ao revólver. Berrou já sem pensar:

– Como não desce!

– Não desce não. Eu não quero.

Albino agarrou o braço do mano mas toma com safanão que quase cai. José traz as mãos nas ancas, devagar, numa calma de morte. O olhar não pestaneja, enfiando no do inimigo. Ainda repete, bem baixo, mas mastigando:

– Eu não quero não sinhô.

Joaquim Prestes, o mal pavoroso que terá vivido aquele instante... A expressão do rosto dele se mudara de repente, não era cólera mais, boca escancarada, olhos brancos, metálicos, sustentando o olhar puro, tão calmo, do mulato. Ficaram assim. Batia agora uma primeira escuridão do entardecer. José, o corpo dele oscilou milímetros, o esforço moral foi excessivo. Que o irmão não descia estava decidido, mas tudo mais era uma tristeza em José, uma desolação vazia uma semiconsciência de culpa lavrada pelos séculos.

Os olhos de Joaquim Prestes reassumiam uma vibração humana. Afinal baixaram, fixando o chão. Depois foi a cabeça que baixou, de súbito, refletindo. Os ombros dele também foram descendo aos poucos. Joaquim Prestes ficou sem perfil mais. Ficou sórdido.

– Não vale a pena mesmo...

Não teve a dignidade de aguentar também com a aparência externa da derrota. Esbravejou:

– Mas que diacho, rapaz! vista saia!

Albino riu, iluminando o rosto agradecido. A visita riu pra aliviar o ambiente. O outro camarada riu, covarde. José não riu. Virou a cara, talvez para não mostrar os olhos amolecidos. Mas ombros derreados, cabeça enfiada no peito, se percebia que estava fatigadíssimo. Voltara a esfregar maquinalmente o corpo do irmão, agora não carecendo mais disso. Nem ele nem os outros, que o incidente espantara por completo qualquer veleidade do frio.

Quer dizer, o caipira também não riu, ali chegado no meio da briga pra avisar que os trairões, como Joaquim Prestes exigia, devidamente limpos e envoltos em sacos de linho alvo, esperavam pra partir. Joaquim Prestes rumou pro forde. Todos o seguiram. Ainda havia nele uns restos de superioridade machucada que era preciso enganar. Falava ríspido, dando a lei com lentidão:

– Amanhã vocês se aprontem. Faça frio não faça frio mando o poceiro cedo. E... José...

Parou, voltou-se, olhou firme o mulato:

– ... doutra vez veja como fala com seu patrão.

Virou, continuou, mais agitado agora, se dirigindo ao forde. Os mais próximos ainda o escutaram murmurar consigo: "... não sou nenhum desalmado...".

Dois dias depois o camarada desapeou da besta com a caneta-tinteiro. Foram levá-la a Joaquim Prestes que, sentado à escrivaninha, punha em dia a escrita da fazenda, um brinco. Joaquim Prestes abriu o embrulho devagar. A caneta vinha muito limpa, toda arranhada. Se via que os homens tinham tratado com carinho aquele objeto meio místico, servindo pra escrever sozinho. Joaquim Prestes experimentou, mas a caneta não escrevia. Ainda a abriu, examinou tudo, havia areia em qualquer frincha. Afinal descobriu a rachadura.

– Pisaram na minha caneta! brutos...

Jogou tudo no lixo. Tirou da gaveta de baixo uma caixinha que abriu. Havia nela várias lapiseiras e três canetas-tinteiro. Uma era de ouro.

Primeiro de Maio

No grande dia Primeiro de Maio, não eram bem seis horas e já o 35 pulara da cama, afobado. Estava bem-disposto, até alegre, ele bem afirmara aos companheiros da Estação da Luz que queria celebrar e havia de celebrar. Os outros carregadores mais idosos meio que tinham caçoado do bobo, viesse trabalhar que era melhor, trabalho deles não tinha feriado. Mas o 35 retrucara com altivez que não, não carregava mala de ninguém, havia de celebrar o dia deles. E agora tinha o grande dia pela frente.

Dia dele... Primeiro quis tomar um banho pra ficar bem digno de existir. A água estava gelada, ridente, celebrando, e abriu um sol enorme e frio lá fora. Depois fez a barba. Barba era aquela penuginha meio loura, mas foi assim mesmo buscar a navalha dos sábados, herdada do pai, e se barbeou. Foi se barbeando. Nu só da cintura pra cima por causa da mamãe por ali, de vez em quando a distância mais aberta do espelhinho refletia os músculos violentos dele, desenvolvidos desarmoniosamente nos braços, na peitaria, no cangote, pelo esforço cotidiano de carregar peso. O 35 tinha um ar glorioso e estúpido. Porém ele se agradava daqueles músculos intempestivos, fazendo a barba.

Ia devagar porque estava matutando. Era a esperança dum turumbamba macota, em que ele desse uns socos formidáveis nas fuças dos polícias. Não teria raiva especial dos polícias, era apenas a ressonância vaga daquele dia. Com seus vinte anos fáceis, o 35 sabia, mais da leitura dos jornais que de experiência, que o proletariado era uma

classe oprimida. E os jornais tinham anunciado que se esperava grandes "motins" do Primeiro de Maio, em Paris, em Cuba, no Chile, em Madri.

O 35 apressou a navalha de puro amor. Era em Madri, no Chile que ele não tinha bem lembrança se ficava na América mesmo, era a gente dele... Uma piedade, um beijo lhe saía do corpo todo, feito proteção sadia de macho, ia parar em terras não sabidas, mas era a gente dele, defender, combater, vencer... Comunismo?... Sim, talvez fosse isso. Mas o 35 não sabia bem direito, ficava atordoado com as notícias, os jornais falavam tanta coisa, faziam tamanha mistura de Rússia, só sublime ou só horrenda, e o 35 infantil estava por demais machucado pela experiência pra não desconfiar, o 35 desconfiava. Preferia o turumbamba porque não tinha medo de ninguém, nem do Carnera, ah, um soco bem nas fuças dum polícia... A navalha apressou o passo outra vez. Mas de repente o 35 não imaginou mais em nada por causa daquele bigodinho de cinema que era a melhor preciosidade de todo o seu ser. Lembrou aquela moça do apartamento, é verdade, nunca mais tinha passado lá pra ver se ela queria outra vez, safada! Riu.

Afinal o 35 saiu, estava lindo. Com a roupa preta de luxo, um nó errado na gravata verde com listinhas brancas e aqueles admiráveis sapatos de pelica amarela que não pudera sem comprar. O verde da gravata, o amarelo dos sapatos, bandeira brasileira, tempos de grupo escolar... E o 35 se comoveu num hausto forte, querendo bem o seu imenso Brasil, imenso colosso gigante, foi andando depressa, assobiando. Mas parou de supetão e se orientou assustado. O caminho não era aquele, aquele era o caminho do trabalho.

Uma indecisão indiscreta o tornou consciente de novo que era o Primeiro de Maio, ele estava celebrando e não tinha o que fazer. Bom, primeiro decidiu ir na cidade pra assuntar alguma coisa. Mas podia seguir por aquela direção mesmo, era uma volta, mas assim passava na Estação da Luz dar um bom-dia festivo aos companheiros trabalhadores. Chegou lá, gesticulou o bom-dia festivo, mas não gostou porque os outros riram dele, bestas. Só que em seguida não encontrou nada na cidade, tudo fechado por causa do grande dia Primeiro de Maio. Pouca gente na rua. Deviam de estar almoçando já, pra chegar cedo no maravilhoso jogo de futebol escolhido pra celebrar o grande dia. Tinha mas era muito polícia,

polícia em qualquer esquina, em qualquer porta cerrada de bar e de café, nas joalherias, quem pensava em roubar! nos bancos, nas casas de loteria. O 35 teve raiva dos policiais outra vez.

E como não encontrasse mesmo um conhecido, comprou o jornal pra saber. Lembrou de entrar num café, tomar por certo uma média, lendo. Mas a maioria dos cafés estavam de porta cerrada e o 35 mesmo achou que era preferível economizar dinheiro por enquanto, porque ninguém não sabia o que estava pra suceder. O mais prático era um banco de jardim, com aquele sol maravilhoso. Nuvens? umas nuvenzinhas brancas, ondulando no ar feliz. Insensivelmente o 35 foi se encaminhando de novo para os lados do Jardim da Luz. Eram os lados que ele conhecia, os lados em que trabalhava e se entendia mais. De repente lembrou que ali mesmo na cidade tinha banco mais perto, nos jardins do Anhangabaú. Mas o Jardim da Luz ele entendia mais. Imaginou que a preferência vinha do Jardim da Luz ser mais bonito, estava celebrando. E continuou no passo em férias.

Ao atravessar a estação achou de novo a companheirada trabalhando. Aquilo deu um mal-estar fundo nele, espécie não sabia bem, de arrependimento, talvez irritação dos companheiros, não sabia. Nem queria nunca decidir o que estava sentindo já... Mas disfarçou bem, passando sem parar, se dando por afobado, virando pra trás com o braço ameaçador, "Vocês vão ver!..." Mas um riso aqui, outro riso acolá, uma frase longe, os carregadores companheiros, era tão amigo deles, estavam caçoando. O 35 se sentiu bobo, era impossível recusar, envilecido. Odiou os camaradas.

Andou mais depressa, entrou no jardim em frente, o primeiro banco era a salvação, sentou. Mas dali algum companheiro podia divisar ele e caçoar mais, teve raiva. Foi lá no fundo do jardim campear banco escondido. Já passavam negras disponíveis por ali. E o 35 teve uma ideia muito não pensada, recusada, de que ele também estava uma espécie de negra disponível, assim. Mas não estava não, estava celebrando, não podia nunca acreditar que estivesse disponível e não acreditou. Abriu o jornal. Havia logo um artigo muito bonito, bem pequeno, falando na nobreza do trabalho, nos operários que eram também os "operários da nação", é isso mesmo! O 35 se orgulhou todo comovido. Se pedissem pra ele matar, ele

matava, roubava, trabalhava grátis, tomado dum sublime desejo de fraternidade, todos os seres juntos, todos bons... Depois vinham as notícias. Se esperavam "grandes motins" em Paris, deu uma raiva tal no 35. E ele ficou todo fremente, quase sem respirar, desejando "motins" (devia ser turumbamba) na sua desmesurada força física, ah, as fuças de algum... polícia? polícia. Pelo menos os safados dos polícias.

Pois estava escrito em cima do jornal: em São Paulo a Polícia proíbe comícios na rua e passeatas, embora se falasse vagamente em motins de tarde no Largo da Sé. Mas a polícia já tomara todas as providências, até metralhadoras, estavam em cima do jornal, nos arranha-céus, escondidas, o 35 sentiu um frio. O sol brilhante queimava, banco na sombra? Mas não tinha, que a Prefeitura, pra evitar safadez dos namorados, punha os bancos só bem no sol. E ainda por cima era aquela imensidade de guardas e polícias vigiando que nem bem a gente punha a mão no pescoço dela, trilo. Mas a Polícia permitira a grande reunião proletária, com discurso do ilustre Secretário do Trabalho, no magnífico pátio interno do Palácio das Indústrias, lugar fechado! A sensação foi claramente péssima. Não era medo, mas por que que a gente havia de ficar encurralado assim! É! é pra eles depois poderem cair em cima da gente, (palavrão)! não vou! Não sou besta! Quer dizer: vou sim! desaforo! (palavrão), socos, uma visão tumultuária, rolando no chão, se machucava mas não fazia mal, saíam todos enfurecidos do Palácio das Indústrias, pegavam fogo no Palácio das Indústrias, não! a indústria é a gente, "operários da nação", pegavam fogo na igreja de São Bento mais próxima que era tão linda por "drento", mas pra quê pegar fogo em nada! (O 35 chegara até a primeira comunhão em menino...), é melhor a gente não pegar fogo em nada; vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do Governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dele. Pronto. Isso o 35 consentiu, não porque o tinguisse o menor separatismo (e o aprendido no grupo escolar?), mas nutria sempre uma espécie de despeito por São Paulo ter perdido na revolução de 32. Sensação aliás quase de esporte, questão de Palestra-Coríntians, cabeça inchada, porque não vê que ele havia de se matar por causa de uma besta de revolução diz-que democrática, vão "eles"!... Se fosse o Primeiro de Maio, pelo menos... O 35 mal percebeu que se regava todo

por “drento” dum espírito generoso de sacrifício. Estava outra vez enormemente piedoso, morreria sorrindo, morrer... Teve uma nítida, envergonhada sensação de pena. Morrer assim tão lindo, tão moço. A moça do apartamento...

Salvou-se lendo com pressa, oh! os deputados trabalhistas chegavam agora às nove horas, e o jornal convidavam (*sic*) o povo pra ir na Estação do Norte (a estação rival, desapontou) para receber os grandes homens. Se levantou mandado, procurou o relógio da torre da Estação da Luz, ora! não dava mais tempo! quem sabe se dá!

Foi correndo, estava celebrando, raspou distraído o sapato lindo na beirada de tijolo do canteiro, (palavrão), parou botando um pouco de guspe no raspão, depois engraxo, tomou o bonde pra cidade, mas dando uma voltinha pra não passar pelos companheiros da estação. Que alvoroço por dentro, ainda havia de aplaudir os homens. Tomou o outro bonde pro Brás. Não dava mais tempo, ele percebia, eram quase nove horas quando chegou na cidade, ao passar pelo Palácio das Indústrias, o relógio da torre indicava nove e dez, mas o trem da Central sempre atrasa, quem sabe? bom: às quatorze horas venho aqui, não perco, mas devo ir, são nossos deputados no tal de Congresso, devo ir. Os jornais não falavam nada dos trabalhistas, só falavam dum que insultava muito a religião e exigia divórcio, o divórcio o 35 achava necessário (a moça do apartamento...), mas os jornais contavam que toda a gente achava graça no homenzinho, “Vós, burgueses”, e toda a gente, os jornais contavam, acabaram se rindo do tal de deputado. E o 35 acabou não achando mais graça nele. Teve até raiva do tal, um soco é que merecia. E agora estava quase torcendo pra não chegar com tempo na Estação.

Chegou tarde. Quase nada tarde, eram apenas nove e quinze. Pois não havia mais nada, não tinha aquela multidão que ele esperava, parecia tudo normal. Conhecia alguns carregadores dali também e foi perguntar. Não, não tinham reparado nada, decerto foi aquele grupinho que parou na porta da Estação, tirando fotografia. Aí outro carregador conferiu que eram os deputados sim, porque tinham tomado aqueles dois sublimes automóveis oficiais. Nada feito.

Ao chegar na esquina o 35 parou pra tomar o bonde, mas vários bondes passaram. Era apenas um moço bem-vestidinho, decerto à

procura de emprego por aí, olhando a rua. Mas de repente sentiu fome e se reachou. Havia por dentro, por “drento” dele um desabalar neblinoso de ilusões, de entusiasmo e uns raios fortes de remorso. Estava tão desagradável, estava quase infeliz... Mas como perceber tudo isso se ele precisava não perceber!... O 35 percebeu que era fome.

Decidiu ir a pé pra casa, foi a pé, longe, fazendo um esforço penoso para achar interesse no dia. Estava era com fome, comendo aquilo passava. Tudo deserto, era por ser feriado, Primeiro de Maio. Os companheiros estavam trabalhando, de vez em quando um carregado, o mais eram conversas divertidas, mulheres de passagem, comentadas, piadas grossas com as mulatas do jardim, mas só as bem limpas mais caras, que ele ganhava bem, todos simpatizavam logo com ele, ora por que que hoje me deu de lembrar aquela moça do apartamento!... Também: moça morando sozinha é no que dá. Em todo caso, pra acabar o dia era uma ideia ir lá, com que pretexto?... Devia ter ido em Santos, no piquenique da Mobiliadora, doze paus convite, mas o Primeiro de Maio... Recusara, recusara repetindo o “não” de repente com raiva, muito interrogativo, se achando esquisito daquela raiva que lhe dera. Então conseguiu imaginar que esse piquenique monstro, aquele jogo de futebol que apaixonava eles todos, assim não ficava ninguém pra celebrar o Primeiro de Maio, sentiu-se muito triste, desamparado. É melhor tomo por esta rua. Isso o 35 percebeu claro, infosismável que não era melhor, ficava bem mais longe. Ara, que tem! Agora ele não podia se confessar mais que era pra não passar na Estação da Luz e os companheiros não rirem dele outra vez. E deu a volta, deu com o coração cerrado de angústia indizível, com um vento enorme de todo o ser assoprando ele pra junto dos companheiros, ficar lá na conversa, quem sabe? trabalhar.. E quando a mãe lhe pôs aquela esplêndida macarronada celebrante sobre a mesa, o 35 foi pra se queixar “Estou sem fome, mãe”. Mas a voz lhe morreu na garganta.

Não eram bem treze horas e já o 35 desembocava no parque Pedro II outra vez, à vista do Palácio das Indústrias. Estava inquieto mas modorrento, que diabo de sol pesado que acaba com a gente, era por causa do sol. Não podia mais se recusar o estado de infelicidade, a solidão enorme, sentida com vigor. Por sinal que o parque já se mexia bem agitado. Dezenas de operários, se via, eram operários endomingados,

vagueavam por ali, indecisos, ar de quem não quer. Então nas proximidades do palácio, os grupos se apinhavam, conversando baixo, com melancolia de conspiração. Polícias por todo lado.

O 35 topou com o 486, grilo quase amigo, que policiava na Estação da Luz. O 486 achara jeito de não trabalhar aquele dia porque se pensava anarquista, mas no fundo era covarde. Conversaram um pouco de entusiasmo semostradeiro, um pouco de Primeiro de Maio, um pouco de "motins". O 486 era muito valentão de boca, o 35 pensou. Pararam bem na frente do Palácio das Indústrias que fagulhava de gente nas sacadas, se via que não eram operários, decerto os deputados trabalhistas, havia até moças, se via que eram distintas, todos olhando para o lado do parque onde eles estavam.

Foi uma nova sensação tão desagradável que ele deu de andar quase fugindo, polícias, centenas de polícias, moderou o passo como quem passeia. Nas ruas que davam pro parque tinha cavalarias aos grupos, cinco, seis, escondidos na esquina, querendo a discricção de não ostentar força e ostentando. Os grilos ainda não faziam mal, são uns (palavrão)! O palácio dava ideia duma fortaleza enfeitada, entrar lá drento, eu!... O 486 então, exaltadíssimo, descrevia coisas piores, massacres horrendos de "proletários" lá dentro, descrevia tudo com a visibilidade dos medrosos, o pátio fechado, dez mil proletários no pátio e os polícias lá em cima nas janelas, fazendo pontaria na maciota.

Mas foi só quando aqueles três homens bem-vestidos, se via que não eram operários, se dirigindo aos grupos vagueantes, falaram pra eles em voz alta: "Podem entrar! não tenham vergonha! podem entrar!" com voz de mandando assim na gente... O 35 sentiu um medo franco. Entrar ele! Fez como os outros operários: era impossível assim soltos, desobedecer aos três homens bem-vestidos, com voz mandando, se via que não eram operários. Foram todos obedecendo, se aproximando das escadarias, mas o maior número, longe da vista dos três homens, torcia caminho, iam se espalhar pelas outras alamedas do parque, mais longe.

Esses movimentos coletivos de recusa acordaram a covardia do 35. Não era medo, que ele se sentia fortíssimo, era pânico. Era um puxar unânime, uma fraternidade, era carícia dolorosa por todos aqueles companheiros fortes tão fracos que estavam ali também pra... pra celebrar?

pra... O 35 não sabia mais pra quê. Mas o palácio era grandioso por demais com as torres e as esculturas, mas aquela porção de gente bem-vestida nas sacadas enxergando eles (teve a intuição violenta de que estava ridiculamente vestido), mas o enclausuramento na casa fechada, sem espaço de liberdade, sem ruas abertas pra avançar, pra correr dos cavalarias, pra brigar... E os polícias na maciota, encarapitados nas janelas, dormindo na pontaria, teve ódio do 486, idiota medroso! De repente o 35 pensou que ele era moço, precisava se sacrificar: se fizesse um modo bem visível de entrar sem medo no palácio, todos haviam de seguir o exemplo dele. Pensou, não fez. Estava tão oprimido, se desfibrara tão rebaixado naquela mascarada de socialismo, naquela desorganização trágica, o 35 ficou desolado numa vez. Tinha piedade, tinha amor, tinha fraternidade, e era só. Era uma sarça ardente, mas era sentimento só. Um sentimento profundíssimo, queimando, maravilhoso, mas desamparado, mas desamparado. Nisto vieram uns cavalarias, falando garantidos:

– Aqui ninguém não fica não! a festa é lá dentro, me'rmão! no parque ninguém não para não!

Cabeças chatas... E os grupos deram de andar outra vez, de cá para lá, riscando no parque vasto, com vontade, com medo, falando baixinho, mastigando incerteza. Deu um ódio tal no 35, um desespero tamanho, passava um bonde, correu, tomou o bonde sem se despedir do 486, com ódio do 486, com ódio do Primeiro de Maio, quase com ódio de viver.

O bonde subia para o centro mais uma vez. Os relógios marcavam quatorze horas, decerto a celebração estava principiando, quis voltar, dava muito tempo, três minutos pra descer a ladeira, teve fome. Não é que tivesse fome, porém o 35 carecia de arranjar uma ocupação senão arrebatava. E ficou parado assim, mais de uma hora, mais de duas horas, no Largo da Sé, diz que olhando a multidão.

Acabara por completo a angústia. Não pensava, não sentia mais nada. Uma vagueza cruciante, nem bem sentida, nem bem vivida, inexistência fraudulenta, cínica, enquanto o Primeiro de Maio passava. A mulher de encarnado foi apenas o que lhe trouxe de novo à lembrança a moça do apartamento, mas nunca que ele fosse até lá, não havia pretexto, na certa que ela não estava sozinha. Nada. Havia uma paz, que paz sem cor por "drento"...

Pelas dezessete horas era fome, agora sim, era fome. Reconheceu que não almoçara quase nada, era fome, e principiou enxergando o mundo outra vez. A multidão já se esvaziava, desapontada, porque não houvera nem uma briguinha, nem uma correria no Largo da Sé, como se esperava. Tinha claros bem largos, onde os grupos dos polícias resplandeciam mais. As outras ruas do centro, essas então quase totalmente desertas. Os cafés, já sabe, tinham fechado, com o pretexto magnânimo de dar feriado aos seus "proletários" também.

E o 35 inerte, passivo, tão criança, tão já experiente da vida, não cultivou vaidade mais: foi se dirigindo num passo arrastado para a Estação da Luz, pra os companheiros dele, esse era o domínio dele. Lá no bairro os cafés continuavam abertos, entrou num, tomou duas médias, comeu bastante pão com manteiga, exigiu mais manteiga, tinha um fraco por manteiga, não se amolava de pagar o excedente, gastou dinheiro, queria gastar dinheiro, queria perceber que estava gastando dinheiro, comprou uma maçã bem rubra, oitocentão! foi comendo com prazer até os companheiros. Eles se ajuntaram, agora sérios, curiosos, meio inquietos, perguntando pra ele. Teve um instinto voluptuoso de mentir, contar como fora a celebração, se enfeitar, mas fez um gesto só, (palavrão) cuspiu um muxoxo de desdém pra tudo.

Chegava um trem e os carregadores se dispersaram, agora rivais, colhendo carregos em porfia. O 35 encostou na parede, indiferente, catando com dentadinhas cuidadosas os restos da maçã, junto aos carochos. Sentia-se cômodo, tudo era conhecido velho, os choferes, os viajantes. Surgiu um farrancho que chamou o 22. Foram subir no automóvel mas afinal, depois de muita gritaria, acabaram reconhecendo que tudo não cabia no carro. Era a mãe, eram as duas velhas, cinco meninos repartidos pelos colos e o marido. Tudo falando: "Assim não serve não! As malas não vão não!" aí o chofer garantiu enérgico que as malas não levava, mas as malas elas "não largaram não", só as malas grandes que eram quatro. Deixaram elas com o 22, gritaram a direção e partiram na gritaria. Mais cabeça-chata, o 35 imaginou com muita aceitação.

O 22 era velhote. Ficou na beira da calçada com aquelas quatro malas pesadíssimas, preparou a correia, mas coçou a cabeça.

– Deixa que te ajudo, chegou o 35.

E foi logo escolhendo as duas malas maiores, que ergueu numa só mão, num esforço satisfeito de músculos. O 22 olhou pra ele, feroz, imaginando que o 35 propunha rachar o ganho. Mas o 35 deu um soco só de pândega no velhote, que estremeceu socado e cambaleou três passos. Caíram na risada os dois. Foram andando.

Túmulo, túmulo, túmulo

Belazarte me contou:

Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo... Eu sempre falo que a gente deve ser enérgico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda mesmo não tem vontade, não tem paciência que faça desgraça parar.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprego bom e inda por cima arranjando sempre uns biscates por aí, que me deixavam viver à larga. Dinheiro faz cócega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não há meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim. Achava gostoso esses pedaços de cinema: o dono vai saindo, vem o criado com chapéu e bengala na mão, "Prudêncio, hoje não boio em casa, querendo sair, pode. Té logo". "Té logo, seu Belazarte."

Veio um criado mas eu não simpatizava com ele não. Sei lá si percebeu? uma noite pediu a conta e dei graças. Levei uns pares de dias assim, até que indo ver uns terrenos longe, estava no mesmo banco do bonde um tiziu extraordinário de simpático. Que olhos sossegados! você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke. Desci matutando, vi os terrenos, peguei o bonde que voltava. Instinto é uma curiosidade: quando o condutor veio cobrar a passagem e percebi que era o mesmo da ida, tive a certeza que o negrinho havia de estar no carro. Olhei para trás, pois não é que estava mesmo! Encontrei os olhos dele, dito e feito: senti uma doçura por dentro uma calma lenta, pensei: está aí, disso é que você carece pra criado. Mudei de banco e meio juruviá puxei conversa:

- Me diga ãa coisa, você não sabe por acaso de algum moço que queira ser meu criado? Mas quero brasileiro e preto.

Riu manso, apalpando a vista com a pálpebra. Me olhou, respondendo com voz silenciosa, essa mesma de gente que não pensa nem viveu passado:

- Tem eu, sim senhor. O senhor querendo...

- Eu, eu quero sim, por que não havia de querer? Quanto você pede?

Etc. E ele entrou pro meu serviço.

Quando indaguei o nome dele, falou que chamava Ellis.

Ellis era preto, já disse... Mas uma boniteza de pretura como nunca eu tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio nhato, porém aquela cor elevava o meu criado a tipo-de-beleza da raça tizia. Com dezenove anos sem nem um poucadico de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava nada mesmo! Nem que ele estivesse trabalhando pesado, suor corria, ficava o risco da gota feito rastinho de lesma e só. Bastava que lavasse a cara, pronto: voltava o preto opaco outra vez. Era doce, aveludado o preto de Ellis... A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquela cor humilde, mão que andou todo o dia apertando passe bem de muito branco emproado e filho-da-mãe. Ellis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o coco. Pixaim fininho, tão fofa que era ver piri de beira-rio. Beiço, não se percebia, negro também. Só mesmo o olhar amarelado, cor de óleo de babosa, é que descansava no meio daquela igualdade perfeita. É verdade que os dentes eram brancos, mas isso raramente se enxergava, porque Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miséria pra andar mostrando gengiva a cada passo. A gente tinha impressão de que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, do mesmo preto exato da epiderme.

Como criado, manda a justiça contar que ele não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar de criado bom. Não é que fosse rúim não, porém tinha seus carnegões, moleza chegou ali, parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida pra limpar esta janela. E depois deu de sair muito, não tinha noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto,

e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com ele, escutava tudo num desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assunto pra desbaratar, meio com dó daquele tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada por mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir comigo:

– Sei bem que de tanto lavar copo vem um dia em que um escapole da mão... Está bom, veja si não quebra mais, ouviu?

– Sei, seu Belazarte.

E ficava esperando, jururu que fazia dó. Eu é que encafifava. Com aquele olho-de-pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nela só pra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, arranja não-sei-o-quê, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, ùa mancha, qualquer coisa assim:

– Ellis, me limpe isto.

Ele vinha chegando meio encolhido e limpava. Então olho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:

– Está bom assim, seu Belazarte?

– Está. Pode ir.

Ia. Porém ficava rondando. Mesmo que fosse lá no andar térreo trabalhar, me levava no pensamento, ia imaginando um jeito de me agradar. E não tinha mais parada nos agradinhos discretos enquanto eu não ria pra ele. Então gengiva aparecia. Quando chegava de noite já sabe, vinha pedindo pra ir no cinema, eu tinha pena, deixava. E quantas vezes ainda não acabei dando dinheiro pro cinema!

Nesse andar é lógico que eu mesmo estava fazendo arte de ficar sem criado. Foi o que sucedeu. Ellis tomou conta de mim duma vez. Piorar, piorou não, mas já estava difícil de dizer quem era o criado de nós dois. Sim, porque, afinal das contas quem que é o criado? quem serve ou quem não pode mais passar sem o serviço, digo mais, sem a companhia do outro?

– Ellis, você já sabe ler?... Uhm... acho que vou ensinar francês pra você, porque si um dia eu for pra Europa, não vou sem você.

– Si seu Belazarte for, eu vou também.

Sempre com o mesmo respeito. Às vezes eu chegava em casa sorumbático, moído com a trabalhadeira do dia, Ellis não falava nada, nem vinha com amolação, porém não arredava pé de mim, descobrindo o que eu queria pra fazer. Foi uma dessas vezes que escutei ele falando no portão pra um companheiro:

– Hoje não, seu Belazarte carece de mim.

Até achei graça. E principiei verificando que aquilo não tinha jeito mais, Ellis não trabalhava. Estava tomando um lugar muito grande em minha vida. Pois então vamos fazer alguma coisa pelo futuro dele, decidi. Entramos os dois numa explicação que me abateu, por causa dos sentimentos desencontrados que me percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chofer, mas não tinha dinheiro pra tirar a carta. Tive ciúmes, palavra. Secretamente eu achava que ele devia só pensar em ser meu criado. Mas venci o sentimento besta e falei que isso era o de menos, porque eu emprestava os cobres. Só que não pude vencer a fraqueza e, com pretexto de esclarecer, ajuntei:

– Você pense bem, decida e volte me falar. Chofer é bom, dá bem, só que é ofício perigoso e já tem muito chofer por aí. Muitas vezes a gente imagina que faz um giro e faz, mas é um jirau. Enfim, tudo isso é com você. Já falei que ajudo, ajudo.

Foi então que ele me confessou que precisava ganhar mais porque estava com vontade de casar.

– Ellis, mas que idade você tem, Ellis!

– Dezanove, sim senhor.

– Puxa! e você já quer casar!

Deu aquele sorriso entreaberto, sossegado:

– Gente pobre carece casar cedo, seu Belazarte, sinão vira que nem cachorro sem dono.

Não entendi logo a comparação. Ellis esclareceu:

– Pois é: cachorro sem dono não vive comendo lixo dos outros?...

Meio que me despeitava também, isso do Ellis gostar de mais outra pessoa que do patrão, porém já sei me livrar com facilidade destes egoísmos. Perguntei quem era a moça.

– É tizia que nem eu mesmo, seu Belazarte. Se chama Dora.

Encabulou, tocando na namorada. Falei mais uma vez pra ele pensar bem no que ia fazer e me comunicasse.

Dias depois ele veio:

– Seu Belazarte... andei matutando no que o senhor me falou, semana atrás...

– Resolveu?

– Pois então a gente pode fazer uma coisa: espero o dia dos anos do senhor e depois saio.

Tive um despeito machucando. Decerto fui duro:

– Está bom, Ellis.

Não se mexeu. Depois de algum tempo, muito baixinho:

– Seu Belazarte...

– O que é.

– Mas... seu Belazarte... eu quero sair por bem da casa do senhor... até a Dora me falou que... me falou que decerto o senhor aceitava ser nosso padrinho...

Custou ele falar de tanta comoção. Olhei pra ele. O óleo de babosa destilava duas lágrimas negras no pretume liso.

Me comovi também.

– Sai por bem, é lógico! não tenho queixa nenhuma de você.

– Quando o senhor quiser alguma coisa, me chame que eu venho fazer. O senhor foi muito bom para mim...

– Não fui bom, Ellis, fui como devia porque você também foi direito.

Botei a mão no ombro dele pra sossegar o comovido soluçante, estava engasgado, o pobre!... Sem se esperar, rápido, virou a cara de lado, encolheu o ombro, beijou minha mão, partiu fechando a porta.

Já me sentava outra vez, pensando naquele beijo que fazia a minha mão tão recompensada por toda a humanidade, a porta abriu de leve. E ele, não se mostrando:

– Seu Belazarte, o senhor não falou que aceitava...

Até me ri.

– Aceito, Ellis! Quando que você casa?

– Si arranjar licença logo, caso no 8 de dezembro, sim senhor, dia da Virgem Maria.

Não me logrou, porém logrou a Virgem Maria. Saiu de casa dias depois do meu aniversário, e nem bem dona República fez anos, casou com a Dora, num dia claro que parecia querer durar a vida inteira. Cheguei do casamento com uma felicidade artística dentro de mim. Você não imagina que coisa mais bonita Ellis e Dora juntos! Mulatinha lisa, lisa, cor de ouro, isto é, cor de óleo de babosa, cor dos olhos de Ellis! E nos olhos então todo esse pretume impossível que o medo põe na cor do mato à noite. Você decerto que já reparou: a gente vê uns olhos de menina boa e jura: “Palavra que nunca vi olho tão preto”, vai ver? quando muito olho é cor de fumo de mapinguim. É o receio da gente que bota escuriza temível nos olhos desses nossos pecados... Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabelo acolchoado e corpo de potranquinha independente. Tinha um jeito de não-querer, muito fiteiro, um dengue meio fatigado oscilando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ela parecer maior do que era, uma graça flexível... Nem sei bem o que é que o corpo dela tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de boca aberta, extasiado, sem gesto, deixando respeitosa-mente ela passar por entre toda a cristandade... Dora linda!

Ellis desapareceu uns meses e me esqueci dele. A vida é tão bon-dosa que nunca senti falta de ninguém. Reapareceu. Foi engraçado até. Me levantei tarde, desci pra beber meu mate, Ellis no hol, encerando.

- Bom-dia, seu Belazarte.

- Ué! quê que você está fazendo aqui!

- Dona Mariquinha me chamou pra limpar a casa.

- Mas você não está trabalhando então!

- Trabalho, sim senhor, mas a vida anda mesmo dura, seu Belazarte, a gente carece de ir pegando o que acha.

A fúria de casar borrara os sonhos do chofer. Vivia de pedreiro. Mamãe encontrou com ele e se lembrou de dar esse dinheiro semanal pro mendigo quasi. Um Ellis esmolambado, todo sujo de cal. Dora andava com muito enjoo, coisa do filho vindo. Não trabalhava mais. Ellis com pouco serviço. Estava magro e bem mais feio. De repente uma semana não apareceu. Que é, que não é, afinal veio uma conhecida contar que Ellis tinha adoecido de resfriado, estava tossindo muito, aparecendo uns caroços do lado da cara. Quando vi ele até assustei, era um caroção medonho,

parecendo abscesso. Foi no dentista, não sei... dentista andou engambelando Ellis um sem-fim de tempo, começou aparecendo novo caroço do outro lado da cara. Mamãe imaginou que era anemia. Mandamos Ellis no médico de casa, com recomendação. Resultado: estava fraquíssimo do peito e si não tomasse cuidado, bom!

Calvário começou. Ele não sabia bem o que havia de fazer, eu também não podia estar recolhendo dois em casa. Inda mais doentes! Vacas magras também estavam pastando no meu campo nesse tempo... Foi uma tristeza. Ellis andou de cá pra lá, fazendo tudo e não fazendo nada. Mandou buscar a mãe, que vivia numa chacinha emprestada em Botucatu, foram morar todos juntos na lonjura da Casa Verde, diz-que pra criar galinha e por causa do ar bom. Não arranjaram nada com as galinhas nem com os ares. Vieram pra cidade outra vez. Foram morar perto de casa, num porão, depois eu vi o porão, que coisa! Todos morando no buraco de tatu, Ellis, Dora, a mãe dele e mais dois gafanhotos concebidos de passagem.

Ellis voltara pra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou consertando esgotos, depois na Companhia de Gás... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remédio que acabasse inteiramente com os caroços.

Meio rindo, meio sério, nem eram bem sete da manhã, um dia apareceu contando que era pai. Vinha participar e:

– Seu Belazarte, vinha também saber si o senhor queria ser padrinho do tiziu, o senhor já está servindo de meu tudo mesmo.

Falei que sim, meio sem gostar nem desgostar, estava já me acostumando. Dei vinte mil réis. Mamãe, que era a madrinha, andou indo lá no porão deles, arranjando roupas de lã pro desgraçadinho novo.

Nem semana depois, chego em casa e mamãe me conta que Dora tinha adoecido. Pedi pra ela ir lá outra vez, ela foi. Mandamos médico. Dora piorou do dia pra noite, e morreu quem a gente menos imaginava que morresse. Número um.

Agora sim, e a criança? É verdade que a mãe do Ellis tinha inda filho de peito, desmamou o safadinho que já estava errando língua portuguesa, e o leite dela foi mudando de porão.

O dia do batizado, sofri um desses desgostos, fatigantes pra mim que vivo reparando nas coisas. Primeiro quis que o menino se chamasse Benedito, nome abençoado de todos os escravos sinceros, porém a mãe do Ellis resmungou que a gente não devia desrespeitar vontade de morto, que Dora queria que o filho chamasse Armando ou Luís Carlos. Então pus autoridade na questão e cedendo um pouco também, acabamos carimbando o desgraçadinho com o título de Luís.

Havia muita lembrança de Dora naquilo tudo, há só dois dias que ela adormecera. Fizemos logo o batizado porque o menino estava muito aniquiladinho.

Engraçado o Ellis... Até hoje não me arrisco a entender bem qual era o sentimento dele pela Dora. Quando veio me comunicar a morte da pobre, até parecia que eu gostava mais dela, com este meu jeito de ficar logo num pasmo danado, sucedendo coisa triste.

– Dora morreu, seu Belazarte.

– Morreu, Ellis!

Nem posso explicar com quanto sentimento gritei. Ellis também não estava sossegado não, mas parecia mais incapacidade de sofrer que tristeza verdadeira. O amarelão dos olhos ficara rodeado dum branco vazio. Dora ia fazer falta física pra ele, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o sofrimento perguntado do Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, ele vinha pra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga de Ellis pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha dúvida, porém numa ocasião como aquela não é muito de amigo que a gente precisa não, é mais de pessoa que saiba as coisas. Eu sabia as coisas, e havia de arranjar um jeito de acomodar a interrogação.

... e quem diz que na amizade também não existe esse interesse de ajudatório?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mistério da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... É inútil os pernósticos estarem inventando coisas atrapalhadas pra encherem o amor de trezentas auroras-boreais ou caem no domínio da amizade, que também pode existir entre bigode e seios, ou então principiam sutilizando os gestos físicos do amor, caem na bandalheira. Observando,

feito eu, amor de sem-educação, a gente percebe mesmo que nele não tem metafísica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe dum corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A força do amor é que ele pode ser ao mesmo tempo amizade. Mas tudo o que existe de bonito nele, não vem dele não, vem da amizade grudada nele. Amor quando enxerga defeito no objeto amado, cega: "não faz mal!" Mas o amigo sente: "Eu perdoo você." Isso é que é sublime no amigo, essa repartição contínua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espíritos amantes que vão, feito passarinhos de voo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nele...

Dora era corpo só. E uma bondade inconsciente. Eu não tinha corpo mas era protetor. E principalmente era o que sabia as coisas. Desta vez amor não se uniu com amizade: o amor foi pra Dora, a amizade pra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa forma, sendo um frouxo.

Batizado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mãe, por causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e *tutti quanti* pra comer um doce em nossa casa, vieram. Foi um ridículo oprimente pra nós os superiores, e deprimente pra eles os desinfelizes. Estavam esqueléticos, cheios de mãos, não sabendo pegar na xicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente por classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e também já não sabe pegar na xicra mais. Custei pra inventar umas frases engraçadas, depois reparei que não tinham graça nenhuma por causa da Dora se dependendo nelas, não deixando a graça rir. De repente fui-me embora.

Não levou nem semana, o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Número dois.

Ellis nem pôde tratar do enterro. Não é que estivesse pensando muito, mas o carço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na véspera tivera uma vertigem, ninguém sabe por que, junto do filho morrendo. Foi pra cama com febrão de quarenta e um no corpo tremido.

Era a tuberculose galopante que, sem nenhum respeito pelas regras da cidade, estava fazendo cento e vinte por hora na raia daquele

peito apertado. Quando Ellis soube, virou meu filho numa vez. Mandava contar tudo pra mim. Mas não sei por que delicadeza sublime, por que invenção de amizade, descobriu que não me dou bem com a tísica. O certo é que nunca me mandou pedir pra ir vê-lo. Fui. Fui, também uma vez só, de passagem, falando que estava na hora de ir pro trabalho. Mas não deixei faltar nada pra ele. Nada do que eu podia dar, está claro, leite de vacas magras.

Durou três meses, nem isso, onze semanas em que me parece foi feliz. Sim, porque virara criança, e talvez pela primeira vez na vida, inventava essas pequenas faceirices com que a gente nega o amor daqueles por quem se sabe amado. Mantimento, remédios, roupa, tudo minha mãe é que providenciava pra ele, conforme desejo meu. Pois de repente vinha um pedido engraçado, que Ellis queria comer sopa da minha casa, que si eu não podia mandar pra ele ã meia igualzinha àquela que usara no batizado do desgraçadinho, com lista amarela, outra roxa até em cima... Uma feita mandou pedir de emprestado a almofada que eu tinha no meu estúdio e que, ele mandou dizer, até já estava bem velha. É lógico que almofada foi, porém dadinha numa vez.

Da minha parte era tudo agora gestos mecânicos de protetor, meu Deus! como a vida esperada se mecaniza... Não sei... Ellis creio que não, mas eu já fazia muito que estava acostumado a sentir Ellis morto. E aquela espera da morte já pra mim era bem ã morte longa, um andar na gandaia dentro da morte, que não me dava mais que uma saudade cômoda do passado. Era amigo dele, juro, mas Ellis estava morto, e com a morte não se tem direito de contar na vida viva. Ele, isso eu soube depois, ele sim, estava vivendo essa morte já chegada, numa contemplação sublime do passado, única realidade pra ele. Dora tinha sido uma função. A vida prática não fora sinão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em férias? Em mim, é lógico. Isso eu sube depois... Levava o dia falando no amigo, pensando no amigo. E todas aquelas faceirices de pedidos e vontadinhas de criança, não passavam de jeitos de se recordar mais objetivamente de mim. De se aproximar de mim, que não ia vê-lo.

Cheguei em casa pra almoçar, a mãe do Ellis viera dizer que ele estava me chamando, não gostei nada. Si agora ele principiava pedindo

mais isso, eu que tenho um bruto horror de tísica... Enfim mandei a criada lá, que depois do almoço ia.

Quando cheguei na porta, os uivos da mãe dele me deram a notícia inesperada. Sim, inesperada, porque já estava acostumado a ficar esperando e perdera a noção de que o esperado havia mesmo de vir. Entrei. Estavam uma italianona vermelha de tanto choro por tabela e dois tizius fumando.

– Morreu!

– Ahm, su Beladzarte, tanto que o povero está chamando o sinhore!

– Mas já morreu, é!

– Que esperandza! desde manhãzinha está cham...

– Onde ele está?

Um dos tizius.

– Está lá dentro, sim senhor.

Jogou o cigarro e foi mostrando caminho. Segui atrás. Pulei por cima dos uivos saindo duma furna que nunca viu dia, e lá numa sala mais larga, com entrada em arco sem porta dando pro quintal interior, num canto invisível, chorava uma vela, era ali. Ellis vasquejava com as borlas dos caroços dependurados pros lados, medonho de magro. Estava morrendo desde manhã, sempre chamando por mim.

– Mas por que não me avisaram!

Eram não sei quantas vezes que agarravam a vela nas mãos dele já em cruz, pra sempre fantasiadas de morte. De repente soluço parava. O moribundo engulia em seco e pegava me chamando outra vez. Afinal parara de chamar fazia mais de hora. Parece que a coisa estava chegando. Falei baixo, sem querer, me acomodando com o silêncio da morte:

– Ellis... ôh Ellis!

Nada. Só o respiro serrando na madeira seca da garganta. Os outros me olhavam, esperando o bem que eu ia fazer pro coitado. Até parecia que o importante ali era eu. Insisti, lutando com a amizade da morte, mais uniforme que a minha. Com mentira e tudo, até me parece que eu insistia mais pra vencer a predominância da morte, e aqueles assistentes não me verem perder numa luta. Botei a mão na testa morna de Ellis, havia de me sentir.

- Ellis! sou eu, Ellis!... Sossegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você, ouviu!... Ellis!

O soluço parou.

- Pronto! Ansim que está fatchendo desde de manhã, ô povero!... Tira áa vela, Maria!

- Deixe a vela, ôh Ellis!

Ellis abriu as pálpebras, principiou abrindo, parecia que não parava mais de as abrir. Ficaram escancaradas, mas óleo de babosa não vê que escorrendo mais! Pupilas fixas, retas, frechando o teto preto. Pus minha cara onde elas me focalizassem.

- Estou aqui, Ellis! Não tenha medo! você está me enxergando, hein!

- Está sim, seu Belazarte. Viu! desde manhã que está de olho fechado. Ele queria muito be... bem o senhor! também... também o senhor tem sido muito bom pro coitado... de meu filho, ai!... aai! meu filho está morrendo, ahn! ahn! ahn!...

- Ellis! você está precisando de alguma coisa, hein! Eu faço!

A gelatina me recebia sem brilhar. As pálpebras foram cerrando um bocado. Instintivamente apressei a fala, pra que os olhos inda recebessem meu carinho:

- Eu faço tudo pra você! não quero que te falte nada, ouviu bem! Os olhos se esconderam de todo com muita calma.

- Meu filho morreu! ai, ai!... Aai!...

Tive um momento de desespero porque Ellis não dava sinal de me sentir. Insisti mais, ajoelhando junto da cama.

- Ora, o que é isso, Ellis!...

- ahan... só falava no senhor, ahn... ontem mesmo disse pra mim, ahan, que, ahn, melhorando cavava um poço... fundo, aain... pra enterrar todos os mi... micróbios pra depois, pedir pra morar, ahn... no porão da casa do senhor... aai!

- Levem ela! não vale a pena ele estar escutando esse choro!

Transportaram os uivos. Estaria escutando ainda? Insisti numa esperança exacerbada pela anedota da negra, sem querer, perverso, voz pura, doce de carícia:

- Ellis! você não me responde mesmo!

Abriu um pouco os olhos outra vez. Me via!

... foi tão humilde que nem teve o egoísmo de sustentar contra mim a indiferença da morte. O olhar dele teve uma palpação franca pra mim. Ellis me obedecia ainda com esse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte dele. Desapareceu mistério, fatalidade, tudo o que havia de grandioso nela. Foi ãa morte familiar. Foi ãa morte nossa, entre amigos, direitinho aquele dia em que resolvemos, meu aniversário passado, ele ir buscar o casamento e a choferagem de ganhar mais.

Cerrava os olhos calmo. Pesei a mão no corpo dele pra que me sentisse bem. Ao menos assim, Ellis ficava seguro de que tinha ao pé dele o amigo que sabia as coisas. Então não o deixaria sofrer. Porque sabia as coisas...

Número três.

O besouro e a rosa

Belazarte me contou:

Não acredito em bicho maligno mas besouro, não sei não. Olhe o que sucedeu com a Rosa... Dezoito anos. E não sabia que os tinha. Ninguém reparara nisso. Nem dona Carlotinha nem dona Ana, entretanto já velhucas e solteironas, ambas quarenta e muito. Rosa viera pra companhia delas aos sete anos quando lhe morreu a mãe. Morreu ou deu a filha que é a mesma coisa que morrer. Rosa crescia. O português adorável do tipo dela se desbastava aos poucos das vagezas físicas da infância. Dez anos, quatorze anos, quinze... Afinal dezoito em maio passado. Porém Rosa continuava com sete, pelo menos no que faz a alma da gente. Servia sempre as duas solteironas com a mesma fantasia caprichosa da antiga Rosinha. Ora limpava bem a casa, ora mal. Às vezes se esquecia do paliteiro no botar a mesa pro almoço. E no quarto afagava com a mesma ignorância de mãe de brinquedo a mesma boneca, faz quanto tempo nem sei! Lhe dera dona Carlotinha no intuito de se mostrar simpática. Parece incrível, não? porém nosso mundo está cheio desses incríveis: Rosa mocetona já, era infantil e de pureza infantil. Que as purezas como as morais são muitas e diferentes... Mudam com os tempos e com a idade da gente... Não devia ser assim, porém é assim, e não temos que discutir. Mas com dezoito anos em 1923, Rosa possuía a pureza das crianças dali, pela batalha do Riachuelo mais ou menos... Isso: das crianças de 1865. Rosa... que anacronismo!

Na casinha em que moravam as três, caminho da Lapa, a mocidade dela se desenvolvera só no corpo. Também saía pouco e a cidade era pra ela a viagem que a gente faz uma vez por ano quando muito, finados chegando. Então dona Ana e dona Carlotinha vestiam seda preta, sim senhor! botavam um sedume preto barulhando que era um desperdício. Rosa acompanhava as patroas na cassa mais novinha, levando os copos-de-leite e as avencas todas da horta. Iam no Araçá aonde repousava a lembrança do capitão Fragoso Vale, pai das duas tias. Junto do mármore raso dona Carlotinha e dona Ana choravam. Rosa chorava também, pra fazer companhia. Enxergava as outras chorando, imaginava que carecia chorar também, pronto! chororó... abria as torneirinhas dos olhos pretos pretos, que ficavam brilhando ainda mais. Depois visitavam comentando os túmulos endomingados. Aquele cheiro... Velas derretidas, famílias bivacando, afobação encrocada pra pegar o bonde... que atordoamento meu Deus! A impressão cheia de medos era desagradável.

Essa anualmente a viagem grande da Rosa. No mais: chegadas até a igreja da Lapa algum domingo solto e na Semana Santa. Rosa não sonhava nem matutava. Sempre tratando da horta e de dona Carlotinha. Tratando da janta e de dona Ana. Tudo com a mesma igualdade infantil que não implica desamor não. Nem era indiferença, era não imaginar as diferenças, isso sim. A gente bota dez dedos pra fazer comida, dois braços pra varrer a casa, um bocadinho de amizade pra fulano, três bocadinhos de amizade pra sicrano que é mais simpático, um olhar pra vista bonita do lado com o espigão de Nossa Senhora do Ó numa pasmaceira lá longe, e de sopetão, zás! bota tudo no amor que nem no campista pra ver se pega uma cartada boa. Assim é que fazemos... A Rosa não fazia. Era sempre o mesmo bocado de corpo que ela punha em todas as coisas: dedos braços vista e boca. Chorava com isso e com o mesmo isso tratava de dona Carlotinha. Indistinta e bem varridinha. Vazia. Uma freirinha. O mundo não existia pra... qual freira! santinha de igreja perdida nos arredores de Évora. Falo da santinha representativa que está no altar, feita de massa pintada. A outra, a representada, você bem sabe: está lá no céu não intercedendo pela gente... Rosa si carecesse intercedia. Porém sem saber por quê. Intercedia com o mesmo pedaço de corpo: dedos braços vista e boca sem mais nada. A pureza, a infantilidade, a pobreza de

espírito se vidravam numa redoma que a separava da vida. Vizinhança? Só a casinha além, na mesma rua sem calçamento, barro escuro, verde de capim livre. A viela era engulida num rompante pelo chinfrim civilizado da rua dos bondes. Mas já na esquina a vendinha de seu Costa impedia Rosa de entrar na rua dos bondes. E seu Costa passava dos cinquenta, viúvo sem filhos, pitando num cachimbo fedido. Rosa parava ali. A venda movia toda a dinâmica alimentar da existência de dona Ana, de dona Carlotinha e dela. E isso nas horas apressadas da manhã, depois de ferver o leite que o leiteiro deixava muito cedo no portão.

Rosa saudava as vizinhas da outra casa. De longe em longe parava um minuto conversando com a Ricardina. Porém não tinha assunto, que que havia de fazer? partia depressa. Com essas despreocupações de viver e de gostar da vida, como é que podia reparar na própria mocidade! não podia. Só quem pôs reparo nisso foi o João. De primeiro ele enrolava os dois pães no papel acinzentado e atirava o embrulho na varanda. Batia pra saberem e ia-se embora tllindliirim dlimdlim, na carrocinha dele. Só quando a chuva era de vento, esperava com o embrulho na mão.

- Bom-dia.
- Bom-dia.
- Que chuva.
- Um horror.
- Até amanhã.
- Até amanhã.

Porém duma feita, quando embrulhava os pães na carrocinha, percebeu Rosa que voltava da venda. Esperou muito naturalmente, não era nenhum malcriado não. O sol dava de chapa no corpo que vinha vindo. Foi então que João pôs reparo na mudança da Rosa, estava outra. Inteiramente mulher com pernas bem delineadas e dois seios agudos se contando na lisura da blusa, que nem rubi de anel dentro da luva. Isto é... João não viu nada disso, estou fantasiando a história. Depois do século dezenove os contadores parece que se sentem na obrigação de esmiuçar com sem-vergonhice essas coisas. Nem aquela cor de maçã camoesa amorenada limpa... Nem aqueles olhos de esplendor solar.. João reparou apenas que tinha um mal-estar por dentro e concluiu que o mal-estar vinha da Rosa. Era a Rosa que estava dando aquilo nele não tem dúvida.

Alastrou um riso perdido na cara. Foi-se embora tonto, sem nem falar bom-dia direito. Mas daí em diante não jogou mais os pães no passeio. Esperava que a Rosa viesse buscá-los das mãos dele.

- Bom-dia.
- Bom-dia. Por que não atirou?
- É... Pode sujar.
- Até amanhã.
- Até amanhã, Rosa!

Sentia o tal de mal-estar e ia-se embora.

João era quasi uma Rosa também. Só que tinha pai e mãe, isso ensina a gente. E talvez por causa dos vinte anos... De deveras chegara nessa idade sem contato de mulher, porém os sonhos o atiçavam, vivia mordido de impaciências curtas. Porém fazia pão, entregava pão e dormia cedo. Domingo jogava futebol no Lapa Atlético. Quando descobriu que não podia mais viver sem a Rosa, confessou tudo pro pai.

- Pois casa, filho. É rapariga boa, não é?
- É, meu pai.
- Pois então casa! A padaria é tua mesmo... não tenho mais filhos...

E si a rapariga é boa...

Nessa tarde dona Ana e dona Carlotinha recebiam a visita envergonhada do João. Que custo falar aquilo! Afinal quando elas adivinharam que aquele mocetão, manco na fala porém sereno de gestos, lhes levava a Rosa, se comoveram muito. Se comoveram porque acharam o caso muito bonito, muito comovente. E num instante repararam também que a criadinha estava ãa mocetona já. Carecia se casar. Que maravilha, Rosa se casava! Havia de ter filhos! Elas seriam as madrinhas... Quasi se desvirginavam no gozo de serem mães dos filhos da Rosinha. Se sentiam até abraçadas, apertadas e, cruz credo! faziam cada pecadão na inconsciência...

- Rosa!
- Senhora?
- Venha cá!
- Já vou, sim senhora!

Ainda não sabiam si o João era bom mas parecia. E queriam gozar o encafitamento de Rosa e do moço, que maravilha!

Apertados nos batentes da porta relumearam dezoito anos fresquinhos.

- Rosa, olhe aqui. O moço veio pedir você em casamento.
- Pedir o que!...
- O moço diz que quer casar com você.

Rosa fizera da boca uma roda vermelha. Os dentes regulares muito brancos. Não se envergonhou. Não abaixou os olhos. Rosa principiou a chorar. Fugiu pra dentro soluçando. Dona Carlotinha foi encontrar ela sentada na tripeça junto do fogão. Chorava gritadinho, soluçava aguçando os ombros, desamparada.

- Rosa, que é isso! Então é assim que se faz!? Si você não quer, fale!

- Não! Dona Carlotinha, não! Como é que vai ser! Eu não quero largar da senhora!...

Dona Carlotinha ponderou, gozou, aconselhou... Rosa não sabia pra onde ir si casasse, Rosa só sabia tratar de dona Carlotinha... Rosa pôs-se a chorar alto. Careceu tapar a boca dela, salvo seja! pra que o moço não escutasse, coitado! Afinal dona Ana veio saber o que sucedia, morta de curiosidade.

João ficou sozinho na sala, não sabia o que tinha acontecido lá dentro, mas porém adivinhando que lhe parecia que a Rosa não gostava dele.

Agora sim, estava mesmo atordoado. Picou com vergonha da sala, de estar sozinho, não sei, foi pegando no chapéu e saindo num passo de boi-de-carro. Arredondava os olhos espantado. Agora percebia que gostava mesmo da Rosa. A tábua dera uma dor nele, o pobre!

Foi tarde de silêncio na casa dele. O pai praguejou, ofendeu a menina. Depois percebendo que aquilo fazia mal ao filho se calou.

No dia seguinte João atirou o pão no passeio e foi-se embora. Lhe dava de sopetão uma coisa esquisita por dentro, vinha lá de baixo do corpo apertando, quasi sufocava e a imagem da Rosa saía pelos olhos dele trelendo com a vida indiferente da rua e da entrega do pão. Graças a Deus que chegou em casa! Mas era muito sem letras nem cidade pra cultivar a tristeza. E Rosa não aparecia pra cultivar o desejo... No domingo ele foi um zagueiro estupendo. Por causa dele o Lapa Atlético venceu.

Venceu porque derrepentemente ela aparecia no corpo dele e lhe dava aquela vontade, isto é, duas vontades: a... já sabida e outra, de esquecimento e continuar dominando a vida... Então ele via a bola, adivinhava pra que lado ela ia, se atirava, que lhe incomodava agora de levar pé na cara! quebrar a espinha! arrebentasse tudo! morresse! porém a bola não havia de entrar no gol. João naturalmente pensava que era por causa da bola.

Rosa quando viu que não deixava mesmo dona Ana e dona Carlotinha teve um alegrão. Cantou. Agora é que o besouro entra em cena... Rosa sentiu uma calma grande. E não pensou mais no João.

– Você se esqueceu do paliteiro outra vez!

– Dona Ana, me desculpe!

Continuou limpando a casa ora bem ora mal. Continuou ninando a boneca de louça. Continuou.

Essa noite muito quente, quis dormir com a janela aberta. Rolava satisfeita o corpo nu dentro da camisola, e depois dormiu. Um besouro entrou. Zzz, zzz, zzzuuuuuummmm, pá! Rosa dormida estremeceu à sensação daquelas pernas metálicas no colo. Abriu os olhos na escuridão. O besouro passeava lentamente. Encontrou o orifício da camisola e avançava pelo vale ardente entre morros. Rosa imaginou ãa mordida horrível no peito, sentou-se num pulo, comprimindo o colo. Com o movimento, o besouro se despegara da epiderme lisa e tombara na barriga dela, zzz tzzz... tz. Rosa soltou um grito agudíssimo. Caiu na cama se estorcendo. O bicho continuava descendo, tzz... Afinal se emaranhou tzz-tzz, estava preso. Rosa estirava as pernas com endurecimentos de ataque. Rolava. Caiu.

Dona Ana e dona Carlotinha vieram encontrá-la assim, espasmódica, com a espuma escorrendo do canto da boca. Olhos esgazeados relampejando que nem brasa. Mas como saber o que era! Rosa não falava, se contorcendo. Porém dona Ana orientada pelo gesto que a pobre repetia, descobriu o bicho. Arrancou-o com aspereza, aspereza pra livrar depressa a moça. E foi uma dificuldade acalmá-la... Ia sossegando sossegando... de repente voltava tudo e era tal-e-qual ataque, atirava as cobertas rosnava, se contorcendo, olhos revirados, uhm... Terror sem fundamento, bem se vê. Nova trabalhadeira. Lavaram ela, dona Carlotinha se

deu ao trabalho de acender fogo pra ter água morna que sossega mais, dizem. Trocaram a camisola, muita água com açúcar...

– Também por que você deixou janela aberta, Rosa...

Só umas duas horas depois tudo dormia na casa outra vez. Tudo não. Dois olhos fixando a treva, atentos a qualquer ressaibo perdido de luz e aos vultos silenciosos da escuridão. Rosa não dorme toda a noite. Afinal escuta os ruídos da casa acordando. Dona Ana vem saber. Rosa finge dormir, desarrazoadamente enraivecida. Tem um ódio daquela coroca! Tem nojo de dona Carlotinha... Ouve o estalo da lenha no fogo. Escuta o barulho do pão atirado contra a porta do passeio. Rosa esfrega os dedos fortemente pelo corpo. Se espreguiça. Afinal levantou.

Agora caminha mais pausado. Traz uma seriedade nunca vista ainda, na comissura dos lábios. Que negros nas pálpebras! Pensa que vai trabalhar e trabalha. Limpa com dever a casa toda, botando dez dedos pra fazer a comida, botando dois braços pra varrer, botando os olhos na mesa pra não esquecer o paliteiro. Dona Carlotinha se resfriou. Pois Rosa lhe dá uma porção de amizade. Prepara chás pra ela. Senta na cabeceira da cama, velando muito, sem falar. As duas velhas olham pra ela ressabiadas. Não a reconhecem mais e têm medo da estranha. Com efeito Rosa mudou, é outra Rosa. É uma rosa aberta. Imperativa, enérgica. Se impõe. Dona Carlotinha tem medo de lhe perguntar se passou bem a noite. Dona Ana tem medo de lhe aconselhar que descanse mais. É sábado porém podia lavar a casa na segunda-feira... Rosa lava toda a casa como nunca lavou. Faz uma limpeza completa no próprio quarto. A boneca... Rosa lhe desgruda os últimos crespos da cabeça, gesto frio. Afunda um olho dela, portuguesmente, à Camões. Porém pensa que dona Carlotinha vai sentir. A gente nunca deve dar desgostos inúteis aos outros, a vida é já tão cheia deles!... pensa. Suspira. Esconde a boneca no fundo da canastra.

Quando foi dormir teve um pavor repentino: dormir só!... E si ficar solteira! O pensamento salta na cabeça dela assim, sem razão. Rosa tem um medo doloroso de ficar solteira. Um medo impaciente, sobretudo impaciente, de ficar solteira. Isso é medonho! É UMA VERGONHA!

Se vê bem que nunca tinha sofrido, a coitada! Toda a noite não dormiu. Não sei a que horas a cama se tornou insuportavelmente solitária

pra ela. Se ergue. Escancara a janela, entra com o peito na noite, desesperadamente temerária. Rosa espera o besouro. Não tem besouros essa noite. Ficou se cansando naquela posição, à espera. Não sabia o que estava esperando. Nós é que sabemos, não? Porém o besouro não vinha mesmo. Era uma noite quente... A vida latejava num ardor de estrelas pipocantes imóveis. Um silêncio!... O sono de todos os homens, dormindo indiferentes, sem se amolar com ela... O cheiro de campo requeimado endurecia o ar que parara de circular, não entrava no peito! Não tinha mesmo nada na noite vazia. Rosa espera mais um pouquinho. Desiludida, se deita depois. Adormece agitada. Sonha misturas impossíveis. Sonha que acabaram todos os besouros desse mundo e que um grupo de moças caça dela zumbindo: Solteira! às gargalhadas. Chora em sonho.

No outro dia dona Ana pensa que carece passear a moça. Vão na missa. Rosa segue na frente e vai namorar todos os homens que encontra. Tem de prender um. Qualquer. Tem de prender um pra não ficar solteira. Na venda de seu Costa, Pedro Mulatão já veio beber a primeira pinga do dia. Rosa tira uma linha pra ele que mais parece de mulher-da-vida. Pedro Mulatão sente um desejo fácil daquele corpo, e segue atrás. Rosa sabe disso. Quem é aquele homem? Isso não sabe. Nem que soubesse do vagabundo e beberrão, é o primeiro homem que encontra, carece agarrá-lo sinão morre solteira. Agora não namorará mais ninguém. Se finge de inocente e virgem, riquezas que não tem mais... Porém é artista e representa. De vez em quando se vira pra olhar. Olhar dona Ana. Se ri pra ela nesse riso provocante que enche os corpos de vontade.

Na saída da missa outro olhar mais canalha ainda. Pedro Mulatão para na venda. Bebe mais e trama coisas feias. Rosa imagina que falta açúcar, só pra ir na venda. É Pedro que traz o embrulho, conversando. Convida-a pra de-noite. Ela recusa porque assim não casará. Isso pra ele é indiferente: casar ou não casar... Irá pedir.

Desta vez as duas tias nem chamam Rosa, homem repugnante não? Como casá-la com aqueles trinta e cinco anos!... No mínimo, de trinta e cinco pra quarenta. E mulato, amarelo pálido já descorado... pela pinga, Nossa Senhora!... Desculpasse, porém a Rosa não queria casar. Então ela aparece e fala que quer casar com Pedro Mulatão. Elas não

podem aconselhar nada diante dele, despedem Pedro. Vão tirar informações. Que volte na quinta-feira.

As informações são as que a gente imagina, péssimas. Vagabundo, chuva, mau-caráter, não serve não. Rosa chora. Há de casar com Pedro Mulatão e si não deixarem, ela foge. Dona Ana e dona Carlotinha cedem com a morte na alma.

Quando o João soube que a Rosa ia casar, teve um desespero na barriga. Saiu tonto, pra espairer. Achou companheiros e se meteu na caninha. Deixaram ele por aí, sentado na guia da calçada, manhãzinha, podre de bebedeira. O rondante fez ele se erguer.

– Moço, não pode dormir nesse lugar não! Vá pra sua casa!

Ele partiu, chorando alto, falando que não tinha a culpa. Depois deitou no capim duma travessa e dormiu. O sol o chamou. Dor de cabeça, gosto rúim na boca... E a vergonha. Nem sabe como entra em casa. O estrilo do pai é danado. Que insultos! seu filho disto, seu não-sei-que-mais, palavras feias que arrepiam... Ninguém imaginaria que homem tão bom pudesse falar aquelas coisas. Ora! todo homem sabe bocagens, é só ter uma dor desesperada que elas saem. Porque o pai de João sofre deveras. Tanto como a mãe que apenas chora. Chora muito. João tem repugnância de si mesmo. De tarde quando volta do serviço, a Carmela chama ele na cerca. Fala que João não deve de beber mais assim, porque a mãe chorou muito. Carmela chora também, João percebe que si beber outra vez, se prejudicará demais. Jura que não cai noutra, Carmela e ele suspiram se olhando. Ficam ali.

Ia me esquecendo da Rosa... Conto o resto do que sucedeu pro João um outro dia. Prepararam enxoval apressado pra ela, menos de mês. Ainda na véspera do casamento, dona Carlotinha insistiu com ela pra que mandasse o noivo embora. Pedro Mulatão era um infame, até gatuno, Deus me perdoe! Rosa não escutou nada. Bateu o pé. Quis casar e casou. Meia que sentia que estava errada porém não queria pensar e não pensava. As duas solteironas choraram muito quando ela partiu casada e vitoriosa, sem uma lágrima. Dura.

Rosa foi muito infeliz.

Os Sírios

Um dia afinal, depois de vinte anos de mascate por conta própria, se soube que aquele terreno valorizadíssimo era propriedade de Nedim. Vendera metade. Construía aquela casa branca enfeitada, com dois andares. Botara hotel e o café em baixo. Fora buscar, não se sabia onde, uma companheira tão gasta como ele, síria medonha de feia e jorrando malvadeza pelos ângulos. Ela ficava no hotel. Ele no café e... no hotel também. Tinha olhos pra tudo e agora a economia era insultante. Mas Nedim ficara desgraçado e o sofrimento é que mudara inteiramente o jeito dele. Gastara tudo na construção do hotel. Viera, e ficara firme, a sensação de que principiara novamente do começo a ajuntar cruzado por cruzado. A coragem fora mais forte que ele e o quebrara. Tudo ia muito bem; o hotel imundo e o café lhe davam juro duma grandeza gatuna, mas subsistia no coitado uma sensação estragosa de que era espoliado, de que estavam morando na casa dele, que estavam comendo a comida dele. Quando essas fraquezas vinham, fechava os olhos pra não ver os frequentadores do café. Jamais pudera se acomodar com a sala de jantar do hotel. Não comia nela, nem passava por ela nas horas de refeição. Vinham-lhe impulsos de botar pela porta fora toda aquela gente sugadeira, sofria muito.

(...) De primeiro, por instinto natural mais do que por bondade, tomara o costume de dar esmolas. Dava principalmente aos paralíticos, por uma transposição curiosa de personalidade. Mascateava a pé por esses mundos e em cada paralítico que via, se via impossibilitado de

caminhar, ou via toda uma profissão itinerante acabada, pela impossibilidade física dum só. Então dava. Dava com a mesma irregularidade sentimental da maioria dos esmoleres, conforme a impressão de horror que recebia do mendigo. Quanto mais feio este, mais dava, no desejo único de se libertar pelo maior sacrifício, e se o mendigo era loquaz nas gratidões então fugia perseguido, até com raiva do outro.

Pois mesmo o costume de dar mudara agora. Vivía numa luta mesquinha com a mulher. Esta era menos sensível e sabia que estavam ricos. Dava esmolos também, como o marido, e embora o gesto físico de dar fosse nela um insulto pro mendigo, isso não era culpa dela. Era, culpa do corpo horroroso. Não concebia as esmolos de mais de tostão e muito comentara com Nedim os desperdícios deste, algumas vezes até mil réis indo parar nas mãos embrevadas. E agora Nedim que a censurava pelos poucos tostões dos sábados. Nedim tomava conta das esmolos da mulher. Achava mesmo sempre um jeito de surripiar uns três tostões à sabatina esmolar da companheira, não pra conservar, mas pra eles darem durante a semana. E esse dinheiro ele dava bem, sem nenhuma luta com a economia. Dava pelo prazer pessoal de dar. Mas a mulher, está claro que percebia o roubo, e por seu lado roubava em qualquer compra à equivalência do perdido, pra dar exatamente, friamente, o quanto destinava à esmola. Não falava nada pro marido, mas Nedim conhecia a mulher e tinha consciência de, ou antes vergonha por ela perceber os roubos. Nem por isso deixava de roubar; e numa ilusão, só mesmo possível em seres assim tão fatais, se desintegrava da vida econômica da esposa e continuava imaginando que tinha alguma forma de economizar naqueles roubos.

Afora isso, que vida maravilhosamente unânime a dos dois! Só havia entre eles a confiança perfeita e o silêncio. Quase não se falavam. Não tinham o que se dizer, pois um bisava a consciência do outro, apesar de seres diferentíssimos. Tudo o que era espontaneidade em Nedim, se repetia sistematizado, conscientemente nela, e da mesma forma como ele, sem querer, era naturalmente bom, ela era naturalmente má. (...) O que sentia por Nedim era o mais completo, mais frio, mais sistematizado ódio. Está claro que isso jamais lhe atingira o conhecimento, mas o fato é que odiava Nedim. Viviam em muito perfeita harmonia; e as rugas que tinham eram rugas de Nedim, uns gritos ásperos, uns insultos de

“cadela por sua mãe que foi cadela” para baixo, tudo parado no meio, de repente, sem razão para continuar. A megera estava acostumada e não sofria. Obedecia quando era justo obedecer. Desobedecia se não. Não se sentia feliz, porém, não haveria modos de a fazerem desgraçada. Se o marido morresse, a vida continuava, e na certa que encontraria logo alguém que, pretendendo lhe gozar a herança, lhe servisse de objeto pra supliciar. Suplício sutil, feito mais duma criação de ambiente que de gestos reais. Porém, estes existiam também e eram conscientes.

Uma das formas com que ela supliciava Nedim era o gamão. Nedim, não se pode afirmar que gostasse do gamão, jogava-o. O fraco dele era esse gamão, jogado a leite de pato com a mulher. Desde os tempos de casamento, se estavam juntos e sem que fazer, jogavam o gamão. Nedim às vezes, fatigadíssimo duma viagem, e agora, exausto com os terrores financeiros do dia, se atirava numa cadeira na entressombra familiar. A danada largava o servicinho ou calmamente continuava acabando um arranjo. Depois trazia o jogo. Muitas vezes a fadiga de Nedim era tamanha, que ele nem mexia, olhos fechados. A danada arranjava as pedras de ambos e ficava ali, sem uma frase, esperando. Nedim se remordia desesperado. Uma vontade imensa de não jogar, despeito por causa de ter perdido na véspera, aquele número seis que não viera nem uma vez pra ele na negra... Abria os olhos e principiava jogando com afobação. E eram duas horas de martírio. Uma luta de espertezas. Os dois roubavam. O interesse do jogo não estava na vitória, estava na trapaça. Tomavam mais cuidado em somar os pontos do adversário que os próprios. Nos próprios, se errassem, nunca jamais que errariam de maneira a se prejudicar, mas a mínima desatenção que tivessem, era certo que o adversário trapaceava. Somava como lhe convinha, ou na conta dos dados, ou no pulo das pedras. Um gamão que consistia apenas nisso: não deixar o inimigo trapacear.

Pra esse jogo escuso, das horas noturnas, a leite de pato, separados dos homens, no quarto solitário, eles tinham transportado todo o instinto de roubo que a honestidade não deixara eles praticarem na vida. No gamão é que conseguiam a maior intimidade entre si, de seres ávidos, duma ganância fixada em finalidade, capaz de todos os sacrifícios morais. Se detestando no momento, um buscando de qualquer forma prejudicar

o adversário, no jogo é que eles emparceiravam melhor, um encontrando no outro, como num espelho, a única verdade fixa de ambos, que uma espécie de puerilidade moral não os deixava praticar na vida. E quando um pegava o outro na trapaça, vinham as palavras ásperas, os "gatu-nos!", os "filha de cadela!", cantar os passes daquele gamão desgraçado. Mas a verdade é que estavam se insultando a si mesmos. O insulto era uma espécie de autossugestão com que se incitavam a roubar inda mais; um cilício de excitação e ao mesmo tempo uma espécie de qualificação cheia de desprezo pelo que queriam ser. E aquilo esquentava o manejo. Jogavam rápido, numa habilidade prodigiosa de somas e gestos, loucos pra andarem mais depressa, acabar com aquilo e fugirem de si mesmo. Pouco a pouco a noção de jogo se transformara inteiramente neles. Não havia a mínima consciência de roubo. Se ganhavam por alguma trapaça escapada, a sensação da vitória vinha, absolutamente virtuosa, dar um gosto indizível pra Nedim. Pra ela não: dava apenas um olhar de confiança deslavada: "Roubei e você não percebeu!" Ela jogava friamente, ele com toda paixão, mas ambos agastadíssimos. E continuavam assim até que o sírio não suportava mais o suplício, ia dormir, com um sono inexato, bordado de memórias e de raivas. A megera vinha, como um insulto desafiando, se deitar ao lado dele. Nedim recuava com nojo. Outras vezes se lançava feito uma fúria, mais por vingança que outra coisa. Ela se deixava gozar pacientemente, pronta sempre. Mas não tivera jamais um suspiro de amor.

Esquina

É chegado o momento de vos descrever minha esquina.

Eu moro exatamente na embocadura dum desses igarapés cariocas feitos de existências em geral apressadas – ruazinhas, vielas que, nascidas no enxurro do morro próximo, desembocam na famosa rua do Catete. Estranha altura este quarto andar em que vivo... Não é suficientemente alta para que a vida da esquina se afaste de mim, embelezada como os passados; mas não chega a ser bastante baixa pra que eu viva dessa mesma vida da rua e ela me marque com seu pó. Mas apesar dos quartosandares e outras comodidades modernas que a cercam nos becos e praias próximas, a rua do Catete é ainda caracteristicamente uma rua a dois andares. O andar térreo, onde mascateia um comércio miúdo sem muitas ambições, e, tenham as casas três ou quatro andares, um só andar superior, onde se enlata no ar antigo, muitas vezes respirado, uma gentinha de aluguel.

Contemplando essa gente do segundo andar, me ponho imaginando a classe a que pertence. É um lento exército de infieis, que fazem todos os esforços pra não pertencer à classe operária. Mas é fácil verificar que não chegam a ser essa pequena burguesia que vive agarrada ao seu bem-bom e indiferente a tudo mais. Não. É uma casta de inclassificáveis, cuja forma essencial de vida é a instabilidade. Enorme parte dela é pessoal do biscate, que a audácia faz pegar qualquer serviço, qualquer. Ou são empregados baratos que insistem em bancar alturas, e só começam vivendo quando de noite, no sábado, se transfiguram na roupa cinza e

no sapato de praia, e vão por aí, feito gatos, buscando amor. Ou são costureirinhas, bordadeiras, chapeleiras que não trabalham na oficina, isso não! trabalham “particular”, menos vivendo do seu recato ou tradição renitente que da espera de algum príncipe que as eleve a frequentadoras de bar. Há também as famílias: pai cansado, cujo exclusivo sinal de vida é o cansaço, mãe desarranjada que dá pensão pra estudantes de fora e as crianças, muitas crianças, de dois até treze anos. Porque é uma coisa terrivelmente angustiada esta do andar superior da rua do Catete: a quase completa ausência de adolescentes. Com a rara exceção de algum estudantinho pensionista, não se vê uma só garota, um só rapaz de quinze até vinte anos. Não sei se morrem, se fogem – em qualquer dos dois casos buscando vida melhor.

Instáveis no trabalho, instáveis na classe, estes seres são principalmente instáveis na moradia. É mesquinho, mas ninguém mora mais de três meses na mesma casa. As famílias, os sozinhos chegam e da mesma forma partem, quase mensalmente. Mas sem ruído, com humildade sorrateira, mudanças tão reles que não chegam sequer a colorir a existência da esquina. E o andar superior da rua do Catete se enfeita de barbantes em cuja ponta acenam papelões, fazendo o sinal do “Aluga-se”.

Minto. No meio de toda essa instabilidade, há um caso altivo que tem me preocupado até demais. Quase em frente da esquina, há uma casa de janelas fechadas. Desde cheguei aqui, faz um ano e oito meses, essa casa viveu sempre assim. De primeiro imaginei que ninguém morasse ali, e o andar estivesse condenado pela Higiene, que ideia minha! Se a Higiene quisesse agir, creio condenaria toda a rua do Catete. Afinal, uma feita, era pela manhã, percebi que uma nesga tímida se abria numa das portas de sacada da tal casa. A nesga foi se abrindo com muita lentidão, e afinal se aventurou pela abertura uma cabecinha de criança. Criou coragem, entusiasmada com o dia, entrou todinha na sacada, chamou outra da mesma idade e graça, e ambas se debruçaram sobre a rua, olhando tudo, mostrando tudo. E de repente, esquecidas, principiaram soltando felizes risadas. Pela abertura, se percebia que a sala estava inteiramente despida, nenhum móvel. Então apareceu uma senhora que não olhou pra nada, nem inquieta parecia. Apenas deu uns petelecos nas crianças e fechou tudo outra vez. De vez em longe a cena se repete inalterável.

As crianças conseguem abrir a porta e se debruçam, brincando de ver a esquina. Não dura muito, surge a senhora que não olha mundo, dá uns petelecos nas crianças e fecha tudo outra vez.

E há o caso do rapaz que se olhava nu, altas horas, num jogo de espelhos... E há o caso da gorda, o do parálítico a quem morreu a mulher que o tratava, o das duas irmãs, mas tenho que descer para o andar térreo. Na rua, quem vive são os operários. Este operariado do Catete, que mora por aqui mesmo, no fundo das casas, no oco dos quarteirões, nos vários cortiços que arriscam desembocar na própria rua. Muitos vivem de pé no chão, mesmo aqui, bem junto da sublime praça Paris. Não é gente triste, embora todos sejam de físico tristonho. O nível de vida é baixíssimo, só as mocinhas se disfarçam mais. Os outros, mesmo os jovens, mesmo os lusíadas resistentes, mostram sempre qualquer ombro tombado ou peito fundo, marca de imperfeição. Deles a vida não é instável, pelo contrário. São sempre os mesmos e já os conheço a todos. Esta gente, passados os vinte e dois anos e o "ajuntamento" legal ou não, não se movimenta mais: são os homens que vêm até a esquina. De noite, após a janta, ou nos domingos de camisa limpa, eles têm que descansar e se divertir um bocado. Então vêm na esquina, se encostam nas árvores ou se ajuntam na porta dos botequins, conversandinho. Os bondes passam cheios do futebol que nos faz esquecer de nós mesmos. Mas estes homens nem de futebol precisam. Só conseguem é vir até a esquina, reumáticos de miséria.

Mas o bom humor brinca assim mesmo nas bocas, até em horas de trabalho, e a esquina é um espetáculo em que há qualquer coisa de desumano, de macabro até. Como é que este pessoal consegue conservar um bom humor que pipoca em malícias e graças! Esta gente parece ter a leviandade escandalosa do mar de praia que está próximo e se atreve a jogar banhistas quase nus até nesta esquina tão perfeitamente urbana. Mar também achanado, sem crista, de baixo nível de vida, este mar de porto... Nem ao seu parapeito podemos chegar em passeio, porque são tão numerosos os casais indiscretos quanto numerosíssimos os exércitos de baratas, baratinhas, baratões, num assanhamento de carnaval. E é monstruoso, é por completo inexplicável este amor entre baratas,

coberto destas baratas que qualquer calorzinho põe doidas, avançam pelo bairro, cruzam lépidas a esquina, invadem o arranha-céu.

Gasto mais de metade do meu ordenado em venenos contra as baratas. Vivo sem elas, mas só eu sei o que isto me custa de energia moral. Altas horas, quando venho da noite, há sempre uma, duas baratas ávidas, me esperando. Se abro a porta incauto, perdido nos pensamentos insolúveis desta nossa condição, isso elas dão uma corridinha telegráfica, entram e tratam logo de esconder, inatingíveis. Eu sei que, feito de novo o escuro no apartamento, elas irão morrer se banquetecendo com os venenos que me custam a metade do ordenado. Mas me vem uma saudade melancólica dos meus ordenados inteiros, dos livros que não comprei, dos venenos com que não me banqueteei. Pra dar banquete às baratas. Às vezes eu me pergunto: por que não mudo desta esquina?... Mas sempre o meu pensamento indeciso se baralha, e não distingo bem se é esquina de rua, esquina de mundo. E por tudo, numa como noutra esquina, eu sinto baratas, baratas, exércitos de baratas comendo metade dos orçamentos humanos e só permitindo até o meio, o exercício da nossa humanidade. Não é tanto questão de mudança. Havemos de acabar com as baratas, primeiro.

Meu Engraxate

É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou.

Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se pensaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de húngarês, cara de infeliz, não dá simpatia nenhuma. É tímido o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. "Está vendendo bilhete de loteria", respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima: pronto! estava sem engraxate! Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto pra definir que tinha de continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom. É incrível como essas coisas são dolorosas. Sentei na cadeira, com uma desconfiança infeliz, entregue apenas à "fatalidade inexorável do destino".

Pode parecer que estou brincando, estou brincando não. Há os que fazem engraxar os sapatos no lugar onde estão, quando pensam nisso. Há os como eu, que chegam a tomar um bonde comprido, vão até a rua Fulana, só pra que os seus sapatos sejam engraxados pelo "seu" engraxate. Há indivíduos cujo ser como que é completo por si mesmo, seres que se satisfazem de si mesmos. Engraxam sapato hoje num, amanhã noutro engraxate; compram chapéu numa chapelaria e três meses

depois já compram noutra; conversam com a máxima comodidade com os empregados duma e doutra casa e com todos os engraxates desse mundo. Indivíduos assim me dão uma impressão ostensiva de independência feliz, porém não os invejo.

De primeiro, faz talvez vinte anos, meu engraxate foi trabalhar com o meu freguês barbeiro. Era cômodo, ficava tudo perto da minha casa de então. Meu barbeiro, serzinho de uma amabilidade tão loquaz que acabou me convencendo da perfeição da gilete, logo me falou que aquele engraxate falava o alemão. Perguntei por passatempo e o italiano fizera a guerra, preso logo pelos austríacos. Era baixote, atarracado, bigode de arame e uma calvície fraternal. Se estabeleceu uma corrente de forte interdependência entre nós dois, isso o homenzinho trabalhou que foi uma maravilha e meus sapatos vieram de Golconda. Nunca mais nos largamos. Entre nós só se trocaram palavras tão essenciais que nem o nome dele sei, Giovanni? Carlo? não sei. Um dia ele me contou baixinho, rápido, que mudava de porta. Foi o que me deu a primeira noção nítida de que o meu barbeiro era mesmo duma amabilidade insustentável. Mudei com o meu engraxate e, pra não ferir o barbeiro, que afinal das contas era um homem querendo ser bom, me atirei nos braços da gilete a que até agora sou fiel.

Veio o dia em que a engraxadela aumentou de preço. Só soube muito mais tarde, por acaso, meu engraxate não me contou nada, preferindo ficar sem gorjeta, não é lindo! Nos fins de ano, jamais pediu festas, eu dava porque queria. Hoje, tanto as festas como as pequenas gorjetas me produzem um sentimento de mesquinhez; não sei por que dificuldades meu engraxate terá passado, quanto lutou consigo e com a mulher. Afinal não aguentou mais esta crise, vamos ver se vender bilhete rende mais!

O menino, até me deu raiva de tanto que demorou. (Meu engraxate também demorava demais quando era eu, mas não dava raiva). O menino, pra falar verdade, engraxou tão bem como o meu engraxate e meus sapatos continuaram vindo de Golconda. Não sei... não voltei mais lá. Faz semana que não engraxo meus sapatos. Sei que isso não pode durar muito e o mais decente é ficar mesmo freguês do menino, porém minha única e verdadeira resolução decidida é que vou comprar bilhetes de loteria. Não tenho intenção nenhuma de tirar a sorte grande mas... mas que malestar!...

Diários de viagem

O turista aprendiz Mário de Andrade e seus diários de viagem

Antônio Augusto Moreira de Faria

O turista aprendiz foi publicado, postumamente, em 1976; Mário de Andrade havia falecido em 1945. O livro, em forma de diários, narra duas viagens do escritor: a primeira, “pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega”, foi realizada entre maio e agosto de 1927; a segunda, que Mário denominou “viagem etnográfica”, abrangeu Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, entre novembro de 1928 e fevereiro de 1929.

Os diários da viagem pela Amazônia registram entre os personagens aqueles que trabalhavam arduamente em embarcações fluviais, como nos diários de 6 e 11 de julho de 1927; em seringais (18 de julho e o “naco de prosa cearense” de 6 de julho); além de vaqueiros (30 de julho). E não escapa à atenção do escritor viajante a tragédia da qual foram vítimas operários brasileiros e imigrantes que labutaram na construção de uma ferrovia transportadora de borracha na selva, entre os rios Madeira e Mamoré, mortos aos milhares por acidentes e doenças como a malária, decorrentes das condições de trabalho: “cada dormente um corpo de homem tombado, esta Madeira-Mamoré” (diário de 12 de julho de 1927).

Mas é na segunda parte do livro que são mais frequentes os trabalhadores personagens: de um operário carioca (diário de 30 de novembro de 1928) com quem Mário de Andrade conversou no Rio de Janeiro, cidade cujo porto utilizou no embarque para as duas viagens, aos muitos nordestinos observados no périplo por aquela região. Os registros do escritor incluem as condições em que trabalhava e vivia o povo com o

qual conviveu por meses, e abrangem desde o aspecto físico de pernambucanos e norte-rio-grandenses até as precárias moradias de trabalhadores e suas famílias moradoras nos mocambos das capitais pernambucana (diário de 1 de janeiro de 1929) e paraibana (1 e 2 de fevereiro 1929).

São também assinalados, entre outros locais de trabalho, as salinas (diário de 18 de janeiro), com o “calorão do sol” e os baixos salários, em Macau/RN; os carnaubais pertencentes a latifundiários (19 de janeiro); as plantações de algodão “mocó” trabalhadas por meeiros (22 de janeiro). O escritor também nota que as paupérrimas condições de vida para tantos nordestinos transformaram muitos deles em cangaceiros e muitos mais em retirantes: no primeiro caso, podem ser lidos diários como os de 19 e 23 de janeiro; no segundo caso, os de 21 e 22 daquele mesmo mês.

As precárias condições de trabalho e outras dimensões da vida nordestina observadas por Mário de Andrade o levam a um posicionamento questionador das relações sociopolíticas vigentes, no qual chega a realizar a previsão de que os acentuados problemas sociais e políticos “não acabarão de verdade enquanto não vier uma fatal, mas longínqua ainda, bandeira encarnada” (12 de janeiro).

Tudo isto não impede o escritor de registrar o que aprecia favoravelmente em suas jornadas amazônica e nordestina, sobretudo na dimensão estética, que abrange não só as belezas naturais, como a “boniteza de salinas” (17 de janeiro), mas principalmente as culturais, sobretudo a musicalidade popular, como nos registros de 10, 11 e 12 de janeiro de 1929.

Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega – 1927

Prefácio

Mais advertência que prefácio. Durante esta viagem pela Amazônia, muito resolvido a... escrever um livro modernista, provavelmente mais resolvido a escrever que a viajar, tomei muitas notas como vai se ver. Notas rápidas, telegráficas muitas vezes. Algumas porém se alongaram mais pacientemente, sugeridas pelos descansos forçados do vaticano de fundo chato, vencendo difícil a torrente do rio. Mas quase tudo anotado sem nenhuma intenção da obra de arte ainda, reservada pra elaborações futuras, nem com a menor intenção de dar a conhecer aos outros a terra viajada. E a elaboração definitiva nunca realizei. Fiz algumas tentativas, fiz. Mas parava logo no princípio, nem sabia bem por que, desagradado. Decerto já devia me desgostar naquele tempo o personalismo do que anotava. Se gostei e gozei muito pelo Amazonas, a verdade é que vivi metido comigo por todo esse caminho largo de água.

Agora reúno aqui tudo, como estava nos cadernos e papéis soltos, ora mais, ora menos escrito. Fiz apenas alguma correção que se impôs, na cópia. O conjunto cheira a modernismo e envelheceu bem. Mas pro antiviajante que sou, viajando sempre machucado, alarmado, incompleto, sempre se inventando malquisto do ambiente estranho que percorre, a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir o que preservo aqui. Paciência...

São Paulo, 7 de maio

São Paulo. Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio... Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala.

Pois querendo mostrar calma, meio perdi a hora de partir, me esqueci da bengala, no táxi lembrei da bengala, volto pra buscar bengala e afinal consigo levar a bengala pra estação. Faltam apenas cinco minutos pro trem partir. Me despeço de todos, parecendo calmo, fingindo alegria. "Boa-viagem", "Traga um jacaré"... Abracei todos. E ainda faltavam cinco minutos outra vez!

Não fui feito pra viajar, bolas! Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto. Entro na cabina, agora é tarde, já parti, nem posso me arrepender. Um vazio compacto dentro de mim. Sento em mim.

8 de maio

Rio de Janeiro. O almoço foi, como sempre nos meus dias de chegada ao Rio, com Manuel Bandeira. Não sei, acho o Rio uma cidade mui feia, mas dizem que é bonita... A natureza sim é maravilhosa, eu sei, mas a cidade, a urbanidade, o trabalho do homem, o sofrimento e a glória do homem, é uma coisa detestável. O mais importante de observar são as ruas dos bairros de residência e os subúrbios pobres. As ruas residenciais têm um ar família, um ar interior de casa de manhã, ainda sem a limpeza pro dia, um ar indiscreto saia e blusa, que não é só ar, é verdade. A gente continua, como a descrita por Debret, mais que indiscretamente vestida nas portas, nas calçadas. E a pobreza, os operários dos subúrbios não têm a menor dignidade arquitetônica do seu estado: casas enfeitadíssimas, miseráveis, anti-higiênicas e enfeitadas, bancando alegria, festa. É

repugnante. De noite fui com Luciano Gallet esperar no cais uma amiga nossa que chegou da Europa. Manuel Bandeira também estava lá, entusiasmado, esperando um poeta baiano, Godofredo Filho, diz-que muito bom.

21 de maio

Manhã: mercado, já sabe. Visita ao Museu Goeldi, longa, com as coisas bem mostradas. Biblioteca admiravelmente bem conservada pelo dr. Rodolfo de Siqueira Rodrigues, um desses heróis que não se sabe. Fui provar minhas roupas de linho, deixarei aqui no hotel todas as roupas que trouxe de São Paulo, arre! De noite, baile da Assembleia em honra dos viajantes. Não fui. É incrível como vivo excitado, se vê que ainda não sei viajar, gozo demais, concordo demais, não saboreio bem a minha vida. Estas notas de diário são sínteses absurdas, apenas pra uso pessoal, jogadas num anuáriozinho de bolso, me dado no Loide Brasileiro, que só tem cinco linhas pra cada dia. As literatices são jogadas noutro caderninho em branco, em papéis de cartas, costas de contas, margens de jornais, qualquer coisa serve. Jogadas. Sem o menor cuidado. Veremos o que se pode fazer disso em São Paulo.

31 de maio

Vida de bordo. É uma delícia estirar o corpo nestas cadeiras confortáveis da proa, e se deixar viver só quase pelo sentido da vista, sem pensamentear, olhando o mato próximo, que muitas vezes bate no navio. Visto o primeiro jacaré, fez furor. Garças. Pelo anúncio da tarde, chegamos a Santarém, com estranhas sensações venezianas, por causa do hotel ancorado no porto, enfiando o paredão n'água, e com janelas de ogiva! Os venezianos falam muito bem a nossa língua e são todos duma cor tapuia escura, mui lisa. Fomos recebidos com muita cordialidade pelo doge que nos mostrou a cidade que acaba de repente. O relógio da Câmara estava parado, o que nos permitiu compreender Santarém há trinta anos atrás. Ficamos admiravelmente predispostos em favor da

cidade, e as freiras fizeram uma procissãozinha infantil, com uma brisa muito agradável saindo dos estandartes.

Cumplicidade da pobreza... Na entrada do Tapajós vi barcas com umas velas esquisitas, eram as redes de dormir dos pescadores, servindo de vela. De noite, rede; de dia, vela.

1º de junho

Ali pelas vinte e quatro horas da noite de ontem pra hoje, paramos na fazenda do Tapará, pra embarcar vinte bois de corte. Que coisa desumana! é assim: numa espécie de corredor assoalhado que dá pra um terracinho junto d'água, vem um homem correndo que as luzes do navio concedem vestir de um último pedaço de calça esmolambada. Atrás dele vem um boi corcoveando embravecido. Então surge de repente no terracinho um farrancho de tapuios seminus, corpos admiráveis de estilo, rebrilhando na chuvinha propícia, grande cena de teatro. E o grupo dança detrás do boi uma mazurca muito viva de gestos, "êh, boi!" E só se escuta "êh boi", "êh, boi!"... O homem da frente corre até a beirada do assoalho e atira pra bordo a corda em que o bicho está preso. A corda salta que nem se vê, mas de bordo o trabalhador infalível não erra uma, pega a corda e grita "Vá!". Então a barulheira dos tapuios se esganicha em histerismos alegres que aguçam o medo do boi. O pobre animal se atira n'água e vem nadar no costado do navio. O homem da corda puxa o boi, ajeita o boi, prende o laço do guindaste nas guampas do bicho e "Devagar!" que avisa o boi. E o santinho, com as mãos cruzadas no peito, olhos de terror que não se aguenta, nasce das águas como o dia e vai mansamente subindo, subindo, pensando em Deus. Mas eis que um braço diabólico interrompe a assunção, agarra o bicho pelo rabo e o traz pra junto do navio. O guindaste desce um pouco, o boi se agarra como pode e é puxado pro convés de baixo, onde em pouco está dormindo entre as redes do pessoal terceira classe.

Dia farto. Almoço pirarucu, muito bom. Antes da chuva fez um calor tão fecundo que a gente, com uma dessas lentes de aumento comuns, podíamos observar uns nos outros o crescimento da barba. Creio que por causa do calor os índios desta região são mui barbudos e trazem a

barba a tiracolo, em tranças de desenhos complicadíssimos. E é costume os jacarés aparecerem sempre a primeiro de junho nos igapós de beira-rio, pra os turistas poderem contemplá-los com satisfação. Enxergamos muitos boiando.

Depois Óbidos. Recepção do intendente, em cuja casa provo licor de taperebá, muito bem feito. É delicioso. Com menos açúcar seria magnífico. Visita ao forte tradicional, com os seus canhões amansados. Óbidos tem muitas bandeirolas e um coreto feito de folhas de coqueiro na frente da igreja. Esse é o meio dos obidenses mostrarem aos turistas que a cidade tem muita animação. Se a gente pergunta se tem festa, já com vontade de esperar pra ver, os obidenses respondem em coro que a festa foi ontem pra encerramento do mês de Maria. Assim se gasta pouco e corre fama da animação da cidade de Óbidos. Passava uma piracema de jaraquis, a água estava pipocando e os pescadores numa trabalhadeira mãe. "Quem come jaraqui – Fica aqui" é o refrão local. Só de pique, o cozinheiro, na janta, nos apresentou um tucunaré "à portuguesa". Posso lhes garantir que é peixe gostosíssimo no mais, e que Óbidos ficou muito em mim.

6 de julho

O *Vitória* esbarra nos bancos de areia e sacoleja inquieto, nos dando sensações bestas de mar. Voltas bruscas do Madeira. Paradinhas em Sta. Marta e Limoeiro. Pelas onze parada na boca do lago Uruapiara, que tem muitos castanhais. Não descemos. À tardinha, Bom Futuro, bonita. Os apitos de bordo, chamando os casquinhos pra entregar encomendas, gentes, cartas, os apitos trinam até dobrar, numa carreira de ecos que vão dar na Colômbia e na terra dos Parecis. Oh, margens mudas do Madeira... Não cantam nada estas praias, bonitas por demais pra serem também inteligentes, como sucede com as mulheres. Bandos de borboletas amarelas, brancas. Estamos passando as pedras de Baianos pelas dezoito horas, passagem dura pros sondeiros dos dois lados do navio. O sondeiro: "Três e meia... Três e meia... Três e meia... Mesma água..." O praticante vai repetindo: "Três e meia... Três e meia... Três e meia... Mesma

água...” Acabo o meu dia, escutando cantigas na terceira classe, entre tapuios simpáticos e pacientes.

Naco de prosa cearense

Sujeito pequeninho, mal colocado na terceira. Rijo, daquele magruço bom que deixa apenas músculos no corpo. A velha Vei, a Sol, chupou toda a gordura, deixando em troca a ardente morenez e os olhos fundos, claros; e o resto que sobrava da gordura nordestina isso foi no enxurro das chuvas, lá dos limites da Bolívia, quando o inverno vinha feito por cima dos oito seringais. Ar safadinho, meio gasto, com a voz lenta cantando ao violão pra deixar o sono chegar ou pegar algum gosto de mulher, se achar. E assim dizia: – Vou mais pra diante do Guajará, são ainda três dias de lancha até chegar no meu barracão. A família está no Pará. Baixei só para tomar a bênção de minha mãe. Tenho um irmão em Guajará, patrão de lancha e outro em Porto Velho, empregado no Posto. Também já levei esta vida dura de bordo. Fiz seis anos de navegação, porém larguei numa vez essa vida. Faço de tudo, trabalho não me assusta, porém que seja recompensado. Isso de marujo, que nem dorme direito, até por cima de boi botando a rede, pra ganhar oitenta, noventa mil-réis, não vai comigo. Larguei e fiquei em Guajará, numa casa alemã, empregado. Depois comprei um seringal da casa mesmo, os patrões me ajudaram, comprei vinte contos de mercadoria e meti com os meus homens pelo mato. Nesse ano os índios mataram logo quem? o meu mateiro. Fiquei no mato com a colheita, não sabendo o que fazer. Passava as noites num susto, os índios querendo queimar meu caucho e até chorei. Depois, a gente sem mateiro não vale nada. Andar no mato, ando; com a minha bússola vou pra toda a parte, porém o mateiro é que sabe, abre rumo e vai em zigue-zague direito onde estão as árvores. Nesse ano perdi oito contos. Os patrões perdoaram quatro e o resto trabalhei pra pagar. Também é só mais um ano: quatro anos de caucheiro basta!... Depois vendo o meu seringal e vou-me embora pro Rio de Janeiro.

11 de julho

Coisa desagradável... Esta noite, mais um pesadelo mas de outro gênero. Apenas isto; de repente, abrem uma porta no meu sonho, aparece parte da figura de Manuel Bandeira e diz: – Telegrafe imediatamente pra sua família.

Fecha a porta e desaparece, me deixando acordado numa angústia mãe. Não pude mais dormir e não vejo hora de chegar a Porto Velho pra telegrafar. Aliás já me conheço com estes pressentimentos, não estará acontecendo nada em casa, todos bem. Mas é impossível evitar a sensação de que está sucedendo alguma coisa de mal, doença grave, morte, algum desastre terrível. Vivo cheio de pressentimentos, mas pressentimentos violentíssimos, físicos, fulano morreu, vai suceder isto etc. Nunca se realizam. Dizem que devo dar graças, mas a verdade é que irrita. E agora, eu neste desespero pra chegar em Porto Velho e telegrafar.

Saio da cabina e na antemão indecisa o navio se apresta pra tentar esta passagem assombrada do Tamanduá, que é das mais terríveis. Vou para a tolda e o Jucá me chama ao comando. Batem seis horas. O sol se levantou nas horas do costume, tudo está pronto. – Vamos?...

O capitão apenas faz sinal que sim. E o *Vitória* bate as palhetas no perigo e principia se movendo. A manhã, decerto com inveja dos elogios que fizemos à tarde de ontem, está de um mau gosto exemplar, misturando cores sem piedade. Mas nem posso ver, observando as manobras. O *Vitória* avança manso, apalpando as águas traiçoeiras. “Duas braças!” assustava o praticante a bombordo, alteando a voz. “Duas e meio folgada!” consolava o sondeiro de boreste. Então o comandante dava presto uma guinada no leme e o navio refugava o desastre iminente. A outra margem, inda não pacificada, amontoava pedra em que a água encachoirava abujando de cólera, querendo pegar o navio. “Duas escassas” se lastimava o sondeiro de bombordo, e o *Vitória*, gingando forte quase entestava com a praia esquerda, boa pra encalhar, tabuleiro célebre de tartarugas, onde anos atrás se viravam de oito pra dez mil destes petiscos de Júpiter. Mas as boas das gaivotas logo perceberam a maluquice e abriram numa gritaria danada “Tem praia!”, “Tem praia!” nos avisando. “Duas escassas!” pedia socorro o sondeiro de boreste, “Duas escassas!”

ameaçava o de bombordo, e o *Vitória* não sabia mais pra que lado virar, e nos trinta minutos nessa angústia, o vaticano ia encalhar! Mas afinal as falsas praias movediças se fatigaram de andar assim boiando e desceram pra dormir no fundo d'água. "Quatro braças!" cantou o clarim de estibordo. "O navio está safo" comentou o imediato helenista. E de fato, o *Vitória* conseguiu se safar do perigo e nadava gozado por esse mundo de águas.

Pelas oito horas chegou-se a Porto Velho, com Santo Antônio do Mato Grosso, na mesma margem, no outro estado do Brasil, a meia hora do olhar. Recepção oficial. Uma escola pública, com a professora num estado maravilhoso de elegância gorduchinha, coisa linda! acompanhando dona Olívia. Apresentações em penca. Visitas. Mercado sem caráter. Jornal. Almoço a bordo. Enfim posso sair mais livremente. Telegrafo. Fotografias.

– Dr. Mário de Andrade, secretário da Rainha do Café.

Desta vez arrebentei, porque arrebentei!

– Mas... eu não sou secretário de dona Olívia...

– Mas!... o sr. não veio na companhia dela, então!

– Sim... somos muito amigos, viemos...

– Então o sr. está fazendo a viagem por sua conta!!!

Nem era possível zangar com o homem, tal o pasmo dele, vendo alguém que não era uma rainha enfarada e decerto meia maluca, andar passeando por aquelas paragens. Então expliquei com muita paciência pra ele, espécie de explicação coletiva embora tardia, dada a centenas de pessoas que já tinham privado comigo nesta viagem, expliquei que não, que éramos um grupo de amigos paulistas, curiosos de conhecer outros brasis, viajando cada qual por conta própria, pela vaidade ou ventura de conhecer coisas.

Tarde, automóvel de linha, até Santo Antônio do Mato Grosso. Delicioso passeio em terra firme, marco de "limites estaduais"! contradizendo o meu improvisado de Belém e alhures... E caminhadas pra aqui pra acolá, eu calmo, já telegrafara, o importante era telegrafar, gozando. Um delicioso passeio em suor de que chegamos bons, em pó. O calor é maior que o de Manaus. Mas me falaram aqui que em Guajará é muito

pior. Embora reconheçam que hoje está um calor “excepcional”, é sempre esta mesma coisa!...

Me esqueci de contar: Hoje, na recepção, quando o navio ainda estava atracando, eis que de repente escutei um apito de trem, que saudade! meu coração ficou pequenininho. Também fazem mais de dois meses que não escuto esse tenor sublime...

Sintaxe

Quando íamos em busca do marco de limites, perguntei ao descalcinho que ia a meu lado, cansado de me olhar:

- É longe?
- É não.
- Você mora aqui?
- Moro não.
- Então nasceu no estado do Amazonas?
- Nasci não.

Me deu uma canseira!

12 de julho

Desde seis horas, mastigando estirões poentos numa conta, em plena ex-região da morte, cada dormente um corpo de homem tombado, esta Madeira-Mamoré... Vamos a Guajará-Mirim, São Carlos, Santo Antônio, Jaci Paraná, Abunã. Almoço. Casitas caboclas bonitas, com uma invenção arquitetônica adorável. E nos estirões, quando os rodamoinhos nascem no vazio deixado pelo trem que passou, refluem bandos de borboletas agitadas. Provo refresco de vinagreira, vista dias antes num porto de lenha. Azedinho sem graça, de criança mijada. Provei graviola, ah, isso sim, gostei muitíssimo, gosto meio selvagem mas dado, leal, simpático, como o índio Pacanova que vem rindo, rindo muito, pega o chapéu de palha por detrás e tira da cabeça erguendo muito o braço, enquanto oferece a outra mão pra gente num bom-dia de dedos inteiramente abertos. Esta é a primeira calça comprida de Pacanova, que está radiante, o homem maior do mundo.

– Agora que você virou gente, o que você vai ser, Pacanova?

E ele, mas rindo que não acaba, diz que vai ser telegrafista, e quando perguntamos por que, diz que “pra casar com brasileira”. E esclarece depois que não quer casar com índia como ele não, basta ele, Pacanova cem por cento. Quer é brasileira, as nossas mestiças, decerto com alguma África no sangue. O alemão do Vitória que aderiu a esta viagem e estou com raiva dele, vai, fala que índio é “mais brasileiro que as caboclas”. Respondi brabo que brasileiro era Líbero Badaró, vovô Taunay pintor, dão João VI, Matarazzo, mais que eu! Trem, misturado com calor e alemão bobo, não se atura.

Às dezoito paramos na Vila Martinho e damos um pulo na Bolívia, no posto aduaneiro, Vila Bela, que bela! Flores, muitas flores plantadas, ar de gostar da vida, galinhas, legumes... Voltemos ao Brasil. O trem lá vai sacolejando. E sou mesmo eu que me sacolejo monótono nesta que é das mais terríveis estradas de ferro do mundo... Não... não se pode dizer que seja bonito não... Chãos péssimos de cerrado, matos fracos, alagadiços, paus ainda negros, beiradeando o rio encachoeirado e apenas. Ninguém topa no caminho com Atenas nem com Buenos Aires. Ninguém terá pra ver, depois de se lavar no hotel, alguma catedral de Burgos... Mas estes trilhos foram plantados sem reis do Egito e sem escravos... Sem escravos?... Pelo menos sem escravos matados a relho... Milhares de chins, de portugueses, bolivianos, barbadianos, italianos, árabes, gregos, vindos a troco de libra. Tudo quanto era nariz e pele diferente andou por aqui deitando com uma febrinha na boca da noite pra amanhecer no nunca mais. O que eu vim fazer aqui!... Hoje o poeta viaja com suas amigas, na Madeira-Mamoré, num limpadinho carro da inspeção, bem sentado em poltronas de cipó-titica, com perdão da palavra, estritamente feitas pelo alamão de Manaus. Vem um garçom fardado lhe trazer um guaraná Simões, de Belém, geladinho, com o gelo mais lindo do mundo que é o de Porto Velho. Hoje o poeta come peru assado feito por um mestre cook de primo cartello, que subiu no Vitória, destinado pela Amazon River pra adoçar nossa vida. Às vezes se para, as paisagens serão codaquizadas, até cinema se traz! pra pegar em nossos orgulhos futuros a palhoça exótica, trançadinha com cuidado e fantasia. E já no início da noite lunar, o poeta manda o trem ficar esperando por ele, embarca no motor, dez

minutos de rio cortado, e nasce na Bolívia, pátria dele. E cheiro as flores frescas desta terra abençoada, e escuto os meus patrícios falando em surdina uma língua macia, sem nada das pabulagens peruanas. O que eu vim fazer aqui!... Qual a razão de todos esses mortos internacionais que renascem na bulha da locomotiva e vêm com seus olhinhos de luz fraca me espiar pelas janelinhas do vagão?... É Guajará-Mirim, pouco mais de vinte e uma horas. Recepção. Cansaço. Não há acomodação pra todos. Alimento uma mentalidade de estouro. Falo pouco, fazendo força pra me tornar antipático, recuso coisas. Recuso dormida em casa particular, dormirei no vagão! Não tenho água pra banho. Banho de cachaça. E durmo no vagão, heroicamente, sem medo das maleitas nem dos mortos, com um gosto raivoso de fraternidade nas mãos.

13 de julho

Enfim vêm me buscar! Banho excelente na casa dos engenheiros da Madeira-Mamoré. Passeio matinal, em que o bem disposto do corpo tira fotografias sem reparar. Depois, vamos a Puerto Sucre, do outro lado do rio, na margem e cidadinha boliviana. É dez vezes menor que Guajará, mas é um mimo. Não tem casa sem seu jardimzinho, muita flor, muito legume, vi repolhos destamanho! Já Bates maldava dos amazonenses pela falta de cuidado em rodear a casa de conforto vegetal. Parece que a presença do mato bravo lhes basta... Aqui na Bolívia, não. O chefe da alfândega é contrabandista. Dona Olívia e o francês (veio pra isso) compram peles caras e lindas. Caras lá na civilização, aqui são baratíssimas. O próprio homem da alfândega é que as vende e, naturalmente, deixa passar. O passeio é delicioso e só chegamos em Guajará quase quatorze horas, almoçar. O passeio da tarde aos pacaás novos gorou. Visitamos de novo a cidade feia, muito feia. O amontoado de casas cor de terra, de barro cozido, nada de árvores, e várias coisas pretensiosas. O importante foi elevar Guajará-Mirim a cidade pra "poder elevar os impostos" e facilitar uns categorias, vivendo em Cuiabá. Aqui se usa "categoria" no masculino, e, melhor ainda, "catega" pra indicar indivíduo importantão. Como anteontem o marinheiro contando vantagem com um carregador

de terra: – Mme. (*sic*) Penteado é tão rica que o maior catega daqui nem dá pra lhe engraxá os sapatos!...

A cidade está insípida. Janta. Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana. Porém a minha de Belém, essa guardou tudo o que é graça, tudo o que é boniteza há quinze dias daqui. Dona Olívia com as moças vão no baile. Me recuso com tanta energia, que dona Olívia me olha como surpreendida. Depois sorri. Depois ri francamente em cima de mim.

– Mário, você não esqueça de adquirir sua liberdade quando quiser...

Desaponto:

– Eu sei, dona Olívia... mas não é isso não!

Ela sorri um “está bom” meio irônico e se transforma numa garça real.

Bom, mas desta vez, francamente já era demais! Resolvo gastar o tempo da noitinha no cinema, e levavam *Não percas tempo* com William Fairbanks!

Felizmente a cama, na casa dos engenheiros, é de ótima suavidade e consigo dormir sem muito esforço.

18 de julho

Pelas oito horas chegamos de novo a Vencedor, e o comandante Jucá mandou me dizer que, se estava decidido mesmo, podia penetrar no seringal, que ele ia mesmo tomar lenha e nos esperaria quanto quiséssemos. Dona Olívia refugou a excursão que pretendia ser longa. Fomos as duas meninas, o Klein e eu, tendo como guia o mateiro Eduardo. Vamos seguindo o caminho de um seringueiro, ziguezagueando pelo mato, de uma seringueira pra outra. Torneamos também castanheiras gigantescas, enfim, verdadeira floresta “civilizada” amazônica. O trilho do seringueiro está desimpedido do cipoal e da serrapilheira intransponíveis pra nós. Acabamos nos encontrando com o homem cuja viagem diária estávamos seguindo. O observamos na sua faina, fazendo os lapos na árvore, botando as tigelinhas, partindo em busca da seringueira em seguida. Feito o caminho todo, ele voltará no mesmo zigue zague, recolhendo as tigelinhas cheias. Mais de hora de marcha, e topamos com um laguinho fundo. Ninguém não pode imaginar a sensação de paz, de silêncio quase

absurdo que se tem nestes lagos pequenos cercados de árvores colossais. Aqui, ainda a sensação é mais intensa que a das proximidades de Manaus. E aqui não há vitórias-régias, não há nada que traga qualquer disfarce de alegria a esta paz invulnerável. Até as moças baixaram a voz. A água, refletindo o verde negro destas árvores enormes, é de uma profundidade infiel, como se estivesse apodrecendo aos poucos.

E o silêncio não deixa de ser um bocado doentio, embora sem tristeza. No meio disso, uma nota mais amarga que engraçada. Uma casinhola de palha numa nesga de praia íngreme, afundando no laguinho. Junto da casa, se arrastando em seus afazeres, uma mulher de seus cinquenta anos, no mínimo. É parálitica e se chama Bernardina. Quando as moças lhe perguntam a idade, conta que tem apenas vinte e nove.

– A senhora vive sozinha!

– Naãum...

– A senhora é casada?

– Sou sim... (e num ar pachorrento:) quer dizer, amigada.

As frases caem mortas n'água. Se afundam. Resolvemos voltar, mas a caminhada custa a se alegrar; só um quarto de hora depois estamos felizes outra vez, rindo, conversando alto. Passeio somando tudo, dos mais admiráveis da viagem, durado quase três horas.

Pelas quatorze horas paradinha no barracão São José. Pertence ao mesmo proprietário de Vencedor, o Carlos Lindoso, que me oferece uma pele de tamanduá-mambira, ou nembira, também chamado tamanduá-colete. Este é o pedaço mais bonito de floresta amazônica que vimos. Descemos. Conversinha sobre possibilidades da gente, sem mateiro, se perder no matagal. Balança, Klein e eu, embora acompanhados de um tapuio, resolvemos experimentar. Tomamos todas as disposições intelectuais de referência e entramos no mato. Nenhuma originalidade nos escapa, troncos caídos, uma parasita, isto, aquilo. Nem bem andamos uns dez minutos e decidimos voltar, a confusão se estabelece. Quêê tronco? flor? pra que lado está o rio? Só com a ajuda do sol nos endireitamos para a margem do rio, chegamos ao rio. Onde que está o *Vitória*? rio acima? rio abaixo?... Obrigado, tapuio. Vida de bordo, paradinhas. Tarde sublime. Noite fresca.

30 de julho

Barulho e carapanãs, às quatro horas e meia acordo. Limpeza à Água Florida, comprada em Iquitos e que desde a infância nunca mais vira nem cheirara. Fico inteiramente enjoativo. O barulho aumenta e lá pelas seis, dia clareado, principiam embarcando gado noutra lancha, pra Belém. Os vaqueiros me repõem, depois de dois meses, numa normalidade mais afro-brasileira, no geral mulatos. Troncudos, alegres, fazendo festa do trabalho, como em geral por todo este Norte.

- Êh, búu! êh, búu!
- Veeeêhha, bô!...
- Pega, ermão!
- É pro barco ou pra lancha?
- Desça o cabo, ermão!
- Venha, boi! veeêhha, boi!
- Êh, diâ!...
- Eúu!...
- Êiâaaaa...

E os bois desembocam do cercadinho na caiçara.

- Êh, búu!
- Pra lancha, companheiro!
- Venha, boi!

O guindaste grita mais que todos, suspendendo o boi pela armadura. O boi revira os olhos abertíssimos, pescoço duplicado, estiradíssimo, desce na lancha, se apruma. Não se move porém, estarecido ainda do pavor.

- Mande esse boi!
- Nós queremos boi!
- Este é pra lancha, ermão!

Enquanto o administrador de Tuiuiú, "queira desculpar" nos oferece um leite mirradinho, "leite da vazante" ainda.

Partimos. Já são mais de dez horas quando entramos pela boca do lago Arari, centro da ilha. À esquerda, inerte, duplicada na água imóvel do lago a povoação lacustre de Jenipapo. Está fazendo um "excepcional" pavoroso. Damos um passeio de baleeira pelo lago. Remo eu, num

desajeitamento mãe. O calor sobe. Diz-que vai ser ruim se ele nos pegar, na força do dia, dentro ainda do lago. Nos chamam da lancha pra partir. Encurtamos caminho pelas ruas aquáticas do vilarejo e pouco depois de onze a *Tucunaré* parte buscando o rio e a volta pra Belém, fugindo do calor. Oscilamos todos, uma sensação de enjoo de mar, são exatamente onze horas e cinquenta minutos, a *Tucunaré* encalhou! E principia, principiam os funcionários da lancha, os trabalhos de desencalhe. Esvaziam as caldeiras pra ver se a lancha boia, nada. E assim. O calor vai subindo, vai subindo. O céu está branco e reflete numa água totalmente branca, um branco feroz, desesperante, luminosíssimo, absurdo, que penetra pelos olhos, pelas narinas, poros, não se resiste, sinto que vou morrer, misericórdia! O melhor é ficar imóvel, nem falar. E a gente vai vivendo de uma outra vida, uma vida metálica, dura, sem entranhas. Não existo. Até que capto no ar uma esperança de brisa, é brisa sim. O céu branco se escurenta em cinzas pesados de nuvens. Em cinco minutos o céu está completamente cinzento escuro e venta forte um vento agradável nascido das águas fundas. Não consegue chover, mas o calor desapareceu, já são dezesseis horas. Diante da inutilidade dos esforços mandam montaria rio abaixo, em busca de socorro. Mas já estamos vivendo melhor esta vida equatorial. Não tem dúvida nenhuma que ela é mais objetiva que a nossa vida no sul. Não é exatamente uma questão de maior ou menor espiritualidade nossa, mas espiritualidade das coisas. Não sei, mas uma paisagem dos arredores de São Paulo, uma cidadinha, um rio mineiro, uma fazenda paulista, uma laranjeira, uma peroba do sul, não sei... sinto, quando os contemplo, que há qualquer coisa neles que eu não compreendo, uma como vida interior deles, que se resguarda, é misteriosa a alma das coisas. Isso: a alma das coisas. Desde as dunas do Nordeste a alma das coisas desapareceu. Tudo aparece revestido de uma epiderme violenta, perfeitamente delimitada, que não guarda mistérios. Mais franqueza, uma certa brutalidade leal de "coisa" mesmo. E disso vem uma sensualidade de contato em que a gente toda se contagia de uma violenta vida sensorial, embriaga.

Não posso jantar direito com esta ironia sobrando no meu pensamento. O primeiro que viu chamou todos. E ficamos muito tempo vendo as piranhas n'água, relâmpagos vorazes de cinzento e encarnado,

comendo carne. Como elas comem carne! Agora, tenho a impressão que as piranhas todas estão nos espiando d'água, impressionadas, comentando que nós comemos carne...

E a noite chega. Trombeta canta ao violão. Ventura, delícia de deitar na tolda do vento forte que varre os carapanãs... Delícia de se estender na tolda sob um céu errado em que as nuvens é que são a noite e o firmamento atrás é claro, claro, de um verde esmaecido e luminoso... Ventura da gente se deixar viver sem mais nada, sem amanhã, sem ontem, molhando a língua sem economia nos últimos guaraná gelados... Ventura da noite de vento forte que varre os pensamentos, na boca do lago Arari...

15 de agosto

São Paulo, gozo amargo de infelizes... Trem desencarrilado na nossa frente, nos para em Luís Carlos pouco antes de Moji. Dona Olívia e companheiros partem de automóvel chegado. Não aceito lugar, esperando os meus. Besteira, desespero. Mando buscar auto em Moji pra mim, e na bruta contrariedade em que estou, ainda sou obrigado a compartilhá-lo com um desconhecido, o sr. dr. Abelardo César, que se oferece pra vir comigo e racharmos despesas. Aceito a companhia, que hei-de fazer! recuso a rachação, o auto já estava alugado mesmo, seria uma indelicadeza pra comigo mesmo aceitar. E o pior é que desencontro de meus manos e amigos, que tinham tomado automóvel e ido me buscar. Bolas! Enfim, pelas quatorze horas, são exatamente quatorze horas e onze minutos e doze segundos, na "minha" casa, com os "meus", com a "minha" gente. Fecha bem a porta, Bastiana! Fecha a porta com chave, Bastiana! atira a chave na rua.

Viagem etnográfica – 1928

São Paulo, 27 de novembro, 21 horas

Se repetiu a mesma sensação desagradável do ano passado quando parti pro Amazonas. Está provado que não fui feito pra viajar.

Faz já uns seis dias que vivo em dois homens. E o novo, ajuntado agora a mim, é um desconhecido até desagradável capaz de enfrentar a onda enorme do oceano. Vai viajar, vai pro Nordeste. Os amigos abraçam esse viajador, perguntam coisas, e o viajante fala por quanta junta tem, mais projetos que pernilongos na capital luxuosa do gênio Pires do Rio. Não tive a culpa, outro dia. Estava esperando o meu bonde, e no automóvel passando um homem se desbarretou com uma largueza mãe. Respondi ao cumprimento, está claro, enquanto punha reparo na pessoa cumprimentadeira. Não tive a culpa, era Pires do Rio. Senti não estar prevenido, ah... seria tão fácil estar olhando pro céu que todos aceitam sem antipatia nem imposições das classes opressoras. Juro que não tive a culpa.

Mas é isso mesmo. Barulho afobado de estação, o trem de ferro vai partir, todos esses amigos, alunos, me cercando... Tarsila, Osvaldo de Andrade, está na hora, abraços. Subi no vagão. Sem saber direito o que fazia, percorri o corredor inteirinho. Me lembrei que é costume a gente ficar na porta do vagão, nalguma janela, dizendo adeuses pros que ficam, fiz.

Que sensação desagradável. Adeus, gente! – Boa viagem, Mário!
– Divirta bastante! – Não se esqueça da gente!... Minha impressão é que

está tudo errado. Tive ímpeto de botar toda aquela gentarada no vagão, ficar na plataforma eternamente paulistana e berrar contente pros amigos partindo:

– Adeus, gente! Boa viagem! Divirtam bastante!... Boa viagem!

E voltava pra minha rua Lopes Chaves, portava num cinema, coisas assim...

Rio de Janeiro, 30 de novembro, 22 horas

Não posso mais... Três dias de amigos, gente que quero bem particularizadamente, um por um... O prazer e as preocupações da vida se realizando por sessões... E essa obrigação ininterrupta de ser inteligente e culto, falar de pintura um momento, depois de música, depois de poesia, e lembrar por exemplo a existência de Chirico... Chirico!... De fato os homens indivíduos são que nem as palavras. Se a gente matuta um bocado mais autopsiadamente num deles, esmiúça a significação vital dele: Chirico. Um nome de batismo, uma convenção desprezível, servindo de estandarte vaidoso dum objeto fisicamente isolado. Da mesma forma que a panela, cujo perfil, cuja função pessoal e mirim, nós reconhecemos pela palavra "panela". Não posso mais, estou fatigadíssimo de três dias que não faço outra coisa senão distinguir "Chiricos" de "Panelas".

Felizmente que agora não careço de ser inteligente e posso pensar com mais liberdade e escuridão. José estava me esperando na esquina fronteira do hotel e agora caminhamos no meio dos homens, na rua. É até possível que esta rua se particularize com o título de "Avenida" porém pra nós dois é "rua" sem mais nada. Da mesma forma que José, operário...

Me sinto muito humilde porque José está querendo ser bom pra mim. Já me esperou só lá na esquina temendo decerto que as luzes do hotel sarapantassem de me ver abraçando um indivíduo pobre. Agora me arrasta pros lugares de menos gente e menos luz. E vamos lembrando a gripe espanhola, naquele tempo em que defendido pela piedade de São Vicente de Paulo eu rondava pelas adjacências da rua de São Caetano, ajudando os pobres a sofrer. Então conheci José.

Agora ele é comunista com razão. Comunista e comoventemente religioso. Porque não tem mesmo nada de mais comovente que essa religião de todos. Se o desastre é mais prolongado e vai chegando aos poucos, só mesmo indivíduo cabeçudo é que não quer saber de Deus. José imagina que vai me agradar e conta que outro dia entrou na igreja do Rosário passando. Em vez, me comove profundamente. E detesta os padres. Sem dúvida que já terá exclamado em grupo que a religião é uma bobagem que carece acabar... Mas não pergunto isso pra ele não. Negará porque não quer me fazer mal.

E não posso mais outra vez. Porém agora é de comoção. Paramos junto do parapeito e uma onda geme de prazer nos vendo, recém-chegada da Rússia. Meu pensamento está confuso e muito rico... José fala que houve um princípio de ressaca na boca da noite. Escuto a bulha viva da cidade, desindividualizada, bulha comum de cidade grande, que o pisca-pisca das luzes ressalta mais. Tenho um medo pequeno dos símbolos... Lembro confusamente aquele arranha-céu visto do quarto de Graça Aranha, com aquelas não sei quantas janelas cada uma encortinada com uma cor, vermelho, verde, rosa, amarelo, azul, todas as cores, branco... Todas janelas, afinal. José, bem percebi, quis me perguntar alguma coisa sobre as eleições de São Paulo... Teve dó, não perguntou.

– Aqui no Rio foram eleitos dois intendentos comunistas...

– Já sei, José.

José não sabe o que se passa dentro de mim. Nem eu também, aliás. Um caos temível. Lutas, iluminações, contradições, uma vontade tamanha de amar intransitivamente... Voltamos tardinhos pras bandas do hotel. Por trás do meu pensamento a lua se desembaraça das nuvens desorientando a abóbada celeste. "Abóbada celeste"... Prazer amargo de pronunciar lugares-comuns, felicidade, que nem todas, feita de mil infelicidades... Se a sra. Coolidge fizesse as mesmas doações que faz, sem chamá-los de "Prêmio Coolidge", "Concerto Coolidge", não sei que lá Coolidge, era mais justo. Vaidosa sra. Coolidge. E esses... indivíduos, os músicos agradecem... Também os pintores pra vender quadros pro Governo viram governistas... Não posso mais outra vez!...

Rio de Janeiro, 2 de dezembro, 23 horas

O pernambucano maravilhoso conta o que sucedeu pra ele.

– Eu estava meio tocado e quis conhecer aquela mulher da pensão Monte-Carlo. Pensei: se escapou de ser assassinada é porque deve de ser uma coisa extraordinária. Vai, entrei na pensão e perguntei por ela. Estavam dançando e o garçom me respondeu que daí a pouco ela aparecia. Então sentei numa das mesas, esperando. O garçom veio e falou:

– O sr. não pode sentar aí porque a mesa está ocupada.

– Eu sei! respondi. É só pra descansar um bocado enquanto estão dançando.

– É, mas o sr. não pode estar sentado nessa mesa.

Então me levantei. Eu tinha aprendido uma palavra alemã que não sabia o que era nem me lembro mais. Disse ela pro garçom que era alemão. O homem virou indignado, gritando:

– É a sua!

– Minha não! é a sua!

Logo formou um ajuntamento danado, o garçom contou o que eu falara, uma coisa medonha, toda a gente estava contra mim. A dona da pensão gritou pra me prenderem e eu fugi. Meti o punho na porta de vidro que, olhe aí, tomei este golpe fundo, num instante fiquei todo ensanguentado.

Saí correndo pra rua. As mulheres apitavam. Nas janelas das outras casas vizinhas mulheres gritando também, passou um táxi. Tomei ele porém tanto que gritavam:

– Não leve esse cachorro! Paga o vidro?

O chofer parou logo, falando pra eu descer. Passava um automóvel particular, fiquei na frente dele, o moço parou. Eu mostrava a mão ensanguentada pra ele, gritando:

– Me leve que sou filho do Guinle! me leve que sou filho do Guinle!...

O moço nem hesitou, trepei no automóvel andando e disparamos por aquelas ruas, cada esquina virávamos, o moço estava mais branco do que eu, um guarda apitou, eu indicava o caminho, o guarda deu um tiro...

Entramos na rua Correia Dutra, desci do automóvel andando, nunca mais vi o moço nem pra agradecer, a porta custou pra abrir..

Levou tempo pra sarar, olhe o lapo que ficou.

Dias depois, inda estava com o pulso enrolado, quis espairecer, passei disfarçado pela pensão Monte-Carlo e entrei no número 20. Era cedo, eu estava bem distraído, sentei numa das mesas vazias.

De repente escutei que murmuravam:

– É ele!

– É ele, sim!

Todos olhavam pra mim. Era eu. Olhei pra porta, então reconheci o vidro quebrado, que susto! Fui saindo com aparência de calma... O outro dia, eu não entrara na pensão Monte-Carlo não, mas no número 20.

E são assim os casos deste pernambucano que ainda não conseguiu se carioquizar.

No Carnaval deste ano ele ia tomar éter passeando sozinho na praia de Copacabana. Falava pra onda:

– Você não me molha não?

A onda vinha e o molhava.

– Molhou porque eu deixei...

E mais éter nos rodamosinhos do cérebro.

Natal, 1º de janeiro de 1929

Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem do povo. Afinal a situação das chamadas “classes inferiores” é boa ou ruim por aqui? Minha pergunta não cogita da felicidade, é lógico, mas de facilidade de vida porém. Vou dando as minhas observações embora as dê com certa reserva. Passeios que nem o meu são sempre insuficientes pra afirmativas completas. Perguntas não servem pra quase nada: um socialista me afirmou que a situação dos proletários é medonha em Natal e um ricoço com psicologia de filho de senhor de engenho me garantiu que não tem pobreza na cidade.

Já contei que os mocambos do Recife me horrorizaram. A vida de habitação que levam aqueles milhares de trabalhadores e, meu Deus! também de vadios, deve de ser pavorosa. No percurso da Great Western me pareceu que o físico humano baixou de saúde e de simpatia na Paraíba. Mas carece notar que essa zona do estado não era que nem as

atravessadas em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, cheia de engenheiros e algodoais. Na zona rica da Paraíba ainda não passei.

No geral porém a porcentagem de gente com saúde aparente e bom físico é bem grande apesar de eu estar vivendo por enquanto na zona litoriana do Nordeste. A mulataria diminuiu bem de Pernambuco pra cá. Negro tem pouco. O indivíduo 99 por cento das feitas é baixote e bem encordado. Cor de fumo, acharutada, cabelo liso, frequentemente sarará, não raro dentes bons. Na infinita maioria dos casos gente dada, rindo pra você, contando o que sabe. Até às vezes, foi o que me sucedeu no bairro do Alecrim aqui, não cobrando o capilé e os cajus. De fato: indivíduo dado e hospitaleiro talqualmente nordestino jamais não vi. Só recebem com desconfiança quem aparece de polainas, calça de montar, camisa de esporte. Parece que o retrato clássico de Lampião desatarracha assombrações cangaceiras no homem do povo... Também não é bom você aparecer como jornalista, me falaram. Porque é numerosa a rédua dos que andam colhendo por toda a parte assinaturas de revistas e jornais nunca chegados.

Se saúde, facilidade, bem-estar fosse deduzível da alegria, o proletário nordestino vivia no paraíso. A gente daqui é alegre e cantar tanto como ela não sei que se cante. E não deduzo isso da época de festa em que estou não. O pessoal amanhece já na cantoria. E tudo é pretexto pra cantar. Pra conduzir umas vacas, um percurso urbano curto, o vaqueiro de perto de casa, não desleixa o aboio. Os trabalhos pesados não se faz sem cantiga, nem os leves!... As praias ressoam noitemente na toada aberta dos coros. Eu, já estou familiar em Natal porque sou "o dotô que veio de São Paulo studá 'Boi'", como falaram outro dia eu passando. Recife, desde novembro que o pessoal, carnavalizado totalmente, caiu no "frevo", e não tem sábado sem cordão mexe-mexendo, no "chá de barriguinha". Natal está dançando Pastoris, Chegança, Congos e preparando o "Boi" de Reis... Alegria existe muita. O menino examinado no Ateneu, obcecado pelo rico nordestino, falou que temos quarenta dentes na boca. São dentes cremes, largos, no geral saborosíssimos.

Natal, 2 de janeiro

Em Natal, os bairros onde param os proletários são principalmente dois: o do Alecrim e Rocas. Também nas alturas da Lagoa Seca mora bastante operário que, devido à careza do bonde, come areia todo o dia pra atingir o centro da cidade, longe. Só no Alecrim moram pra mais de doze mil almas. Rocas está situado em plena duna, movediça ainda.

Não há mocambo. O manguê fica da outra banda do Potengi, onde ninguém não mora. No Alecrim como em Rocas as casas são cobertas de telha e muitas de tijolo. Se enfileiram, pequitas, porta e janela de frente, em avenidas magníficas, todas com o duplo de largura da rua comum paulistana. A previdência de Pedro Velho delineou o futuro da cidade esplendidamente. Rua estreita só mesmo na parte antiga de Natal. Nas casinhas dos operários se entra numa sala de viver comunicada por um corredor quase da mesma largura com outro mais ou menos corredor, fundo da casa onde a mulher cozinha e todos comem. O espaço que se emparedou entre esses corredores e sala é a "camarinha", quarto pra dormir. No geral se dorme em rede.

A comida é bem monótona. Farinha, feijão e carne-seca. Também usam a carne de sol, pouco secada e pouco durável. Bacalhau. Especialmente o "voadô" salgado, que pescam em quantidade nas costas do Rio Grande do Norte. A pescaria do voadô é bem curiosa e, se fizer alguma, hei de descrever.

O operário toma seu cafezinho de manhã: vai pro serviço. A maioria trabaça no algodão e no açúcar. Descalços no geral, calça e paletó de algodãozinho, às vezes sem camisa, que calor! cobrindo a cabeça com o chapéu de palha de carnaúba, muitas feitas de forma fantasista, muito engraçada.

Pronto: estão trabalhando. Quando senão quando uma cantiga. Trabalho duro, ar de satisfação – a mesma filosofia da "paciência!" comum de brasileiro. Tem hora pra almoço. Os do açúcar muitas feitas não almoçam. Desde manhãzinha prepararam o barril de moco-roró que mata a sede e sustenta até a hora de janta, noitinha, lá em casa. Dizem que o moco-roró é muito alimentar: dose forte de açúcar bruto, água e talhadas de limão. Usam também a nossa "garapa" sulista, caldo de cana puro, que nos tempos de moenda é a bebida comum dos engenhos.

No geral foram oito horas de trabalho. Nunca menos e bastantes vezes mais. Comparando com o sul a vida geral nordestina é barata mas pro operário não me parece que seja não. Se o trabalhador pode sempre alcançar com os biscates aí por uns dez mil réis diários, o salário oscila de três pra seis mil réis, me informaram. É pouco se a gente lembra que o quilo de carne verde inferior custa dois mil réis na cidade.

Bom Jardim, 8 de janeiro

Na anca do terreno o Sol se achata no amarelo sem gosto da bagaceira. Perfume lerdo que não toma corpo bem; não se sabe se de pinga, de açúcar, de caldo de cana. Bois. Três, quatro bois imóveis mastigando a cana amassada, fortes, alguns de bom estilo caracu na anca, no pelo. Mas já os estigmas do zebu principiam aparecendo na zona...

Vem o "cambiteiro" com os jericos, três, no passo miudinho de quem dança um "baiano". Nos cambitos triangulares a cana vai deitada, últimos restos da safra do ano, arrastando no bagaço os topes de folha verde feito um adeus.

Pela porta do engenho escurantada mais pela força da luz de fora, dois homens vêm, um na frente, outro atrás, rituais, eretos, no sempre passo miudinho e dançarino dos "brejeiros". Carregam a "padiola" com os bagaços da cana já moída. Trazem apenas calça e o chapéu de palha de carnaúba, chinesíssimos na forma. E que cor bonita a dessa gente!... Envergonha o branco insosso dos brancos... Um pardo doirado, bronze novo, sob o cabelo de índio às vezes, liso quase espetado.

Entro no engenho. É dos de banguê, movido a vapor. Os homens se movendo na entressombra malhada de sol, seminus, sempre os chapéus chins: meio se me colonializa a sensação. Não parece mais Brasil... Está com jeito da gente andar turistando pelas Áfricas e Ásias do atraso inglês, francês, italiano, não sei quem mais!... Todos os atrasos de conveniência imperialista.

Depois do engenho verde, a construção faz uma queda. No outro plano de lá é a "casa de caldeira"...

Vamo fazê meladura, ôh!...
Lá na casa de caldeira!...

... que nem na cantiga de trabalho. E estão de fato fazendo meladura. O canaleta conduz o caldo de cana pra cascatear pesado, pesado de açúcar, num tanque de cimento – o “parol, como se diz. A fantasista etimologia popular anda já falando em... “farol”...

Fronteiro ao parol está o grupo das tachas fabricando açúcar. Outro malaio, bigodinho ralo, trabuca ali. É o “cunzinhadô”, como se diz em Pernambuco – o mestre, o homem importante que dá o ponto no mel. A musculatura dele quer que eu estude com nomes científicos a anatomia do costado humano. Felizmente que não sei... Vejo mas é o oiro duro daquele corpo, se movendo no esforço, transportando por cocos enormes, com o cabo preso no teto, o caldo fervendo, oiro claro, duma pra outra caldeira. Às vezes o vento vem e achata a fumaça da fervedura. Esconde tudo. Fumaça acaba aos poucos, e a cena revive, o oiro fundo do homem perfilando sobre o oiro claro das espumas das tachas. Na derradeira, o mel está no ponto. A espuma, mais profunda, quase cor das epidermes daqui foi se intumescendo, intumescendo, oval, com um biquinho no centro, ver peito de moça. “Peito de moça” é que falam mesmo... Peito de moça... É o açúcar, delicioso, alimentar, apaixonante, moreno e lindo mesmo como um peito de moça daqui.

Bom Jardim, 9 de janeiro

Os engenhos de banguê tiram o nome duma padiola de carnaúba em que se carrega o bagaço de cana pra bagaceira. A bagaceira é o espaço que fica em torno da casa do engenho. Aí os bois vêm mastigar o bagaço, aproveitando o restico de caldo ficado nele. Depois de seco o bagaço é aproveitado como combustível. O que sobra, no fim da moagem, queima-se. Vai servir de adubo pras terras do canavial.

A casa do engenho, chata, no geral com a chaminé baixota ao lado, é subdividida em duas partes: a casa de máquina e a casa de caldeira, esta em plano inferior. Nas casas de engenho mui antigas que nem esta do Bom Jardim, inda subsiste entre as duas casas uma espécie de

camarote, o "sobradinho", em plano mais alto, dominando o ambiente. Aí que o senhor de engenho ficava nos tempos de dantes, dia inteiro, mandando e vigiando, fazendo e desfazendo.

A casa de máquina é o lugar da moagem. O caldo corre da moenda por um canaleta no chão e vai cair por uma bica na parol que já está na casa de caldeira. Nesta casa é que está o "assentamento", conjunto de tachas em que se fabrica o mel. Outro canaleta conduz a garapa do parol pra tacha de "caldo frio" onde o caldo já principia sendo descachaçado. "Descachaçar" é limpar das impurezas. Estas formam a "cachaça", mistura que o gado adora provavelmente sem razão... Ou por alguma razão... gadal que desconheço.

Do "caldo frio" a garapa é transportada pra tacha que a segue na série de tachas do "assentamento". Essa tacha segunda é a "caldeira" em que o caldo frio ferve pela primeira vez. Na caldeira ainda a fervedura bota as impurezas restantes numa espuma feia que também vai formar a "cachaça" do gado. Da caldeira o caldo fervendo é transportado pras duas tachas seguintes e consecutivas do assentamento, os caldeirotes, pra novas ferveduras que vão apurando o mel. Quando as ferveduras estão espumando até o bordo das tachas, se bota semente de carrapateira nelas: abaixam num átimo. Na caldeira e nos dois caldeirotes a garapa é "ajudada", se sacode um bocado de cal nela pra neutralizar a acidez.

Do segundo caldeirote a garapa já bem grossa é transportada finalmente pra "tacha de boca" onde se dá o ponto no mel, última fervedura. Esta é a tal chamada "peito de moça" porque a espuma toma a forma solene dum seio novo, coisa linda. Quem dá o ponto no mel, em Pernambuco, é o "cunzinhadô". É o homem que trabalha a garapa, que a transporta numa tacha pra imediatamente seguinte, que descachaça, faz tudo. Aqui chamam-no de "mestre" e se tem ajudante, este é o "banguero".

No assentamento as tachas na ordem da tacha de boca pra de caldo frio estão ligadas em plano inclinado descendente por um plano atijolado e caiado com rebordo que impede a garapa de cair no chão. Ela escorre pra tacha imediatamente inferior.

Quando o mel está no ponto, é derramado no "resfriador" onde esfria e vai endurecendo. Não deixam que endureça. É logo despejado

nas formas e transportado prá "casa de purgar", onde, voltadas com a boca pra baixo pra escorrer o "mel de furo", parte incristalizável. No geral basta um dia pro mel escorrer e o açúcar se cristalizar na forma. Tirada esta o pão-de-açúcar está feito, duas partes: o "cabucho" parte seca, definitiva, e a "cara" parte de baixo, úmida ainda. Quebra-se o pão-de-açúcar e a "cara" é levada pra um terreirinho e quebrada. Seca ao Sol. É assim.

Agora, no "quebrador" o açúcar é quebrado pra ensacar, açúcar bruto de exportação.

O que é destinado ao consumo do engenho é purgado com barro e refinado em casa. Fica dum branco encardido, cristais visíveis, gostosíssimo no café, estragando o chá.

Como se vê são ainda processos bem primários de fábrica... Os pessimistas falam que pelo menos 30 por cento do açúcar perde. Parece muito... Porém 20 por cento que seja, o brasileiro já está cansado com quatrocentos anos de banguê... Pede usinas. O "coqueiro" se inspira e na "pancada do ganzá" celebra as turbinas modernas...

- Adonde eu vi nove trubina?...
- Na Usina Brasileira.
- Adonde eu vi nove trubina?...
- Na Usina Brasileira.

Natal, 10 de janeiro, 23 horas

Pra tirar o Boi Tungão, Chico Antônio geralmente se ajoelha. Parece que ele adivinhou o valor artístico e social sublimes dessa melodia que ele mesmo inventou e já está espalhada por toda esta zona de engenhos. Então se ajoelha pra cantá-la. Está na minha frente e se dirige a mim:

Ai, seu dotô
Quando chegá em sua terra
Vá dizê que Chico Antonho
É danado pra embolá!

Ôh-li-li-li-ô!
Boi Tungão

Boi do Maiorá!...
(Maiorá é o diabo).

Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida. Chico Antônio apesar de orgulhoso:

Ai, Chico Antônio
Quando canta
Istreméce
Esse lugá!...

Não sabe que vale uma dúzia de Carusos. Vem da terra, canta por cantar, por uma cachaça, por coisa nenhuma e passa uma noite cantando sem parada. Já são 23 horas e desde as 19 que canta. Os cocos se sucedem tirados pela voz firme dele. Às vezes o coro não consegue responder na hora o refrão curto. Chico Antônio pega o fio da embolada, passa pitos no pessoal e “vira o coco”. Com uma habilidade maravilhosa vai deformando a melodia em que está, quando a gente põe reparo é outra inteiramente, Chico Antônio virou o coco:

Quem quisé pegá ãa moça
Ponha laço no caminho;
Inda ontem peguei uma
Cum zôio de passarinho,
Veja lá!...
– Pá-pá-pá-pá
Meu rimá!...

Que artista. A voz dele é quente e duma simpatia incomparável. A respiração é tão longa que mesmo depois da embolada inda Chico Antônio sustenta a nota final enquanto o coro entra no refrão. O que faz com o ritmo não se diz! Enquanto os três ganzás, único acompanhamento instrumental que aprecia, se movem interminavelmente no compasso unário, na “pancada do ganzá”, Chico Antônio vai fraseando com uma força inventiva incomparável, tais sutilezas certas feitas que a notação erudita nem pense em grafar, se estrepa. E quando tomado pela

exaltação musical, o que canta em pleno sonho, não se sabe mais se é música, se é esporte, se é heroísmo. Não se perde uma palavra que nem faz pouco, ajoelhado pro Boi Tungão, gonzá parado, gesticulando com as mãos doiradas, bem magras, contando a briga que teve com o diabo no inferno, numa embolada sem refrão, durada por dez minutos sem parar. Sem parar. Olhos lindos, relumeando numa luz que não era do mundo mais. Não era desse mundo mais.

Quase meia-noite e mandamos Chico Antônio parar. Ele se despede da gente com o "Pr'onde vais, Helena..." Se despede de tudo:

Adeus, as moça sentada,
Adeus luz de alumiá,
Adeus casa de alicerce
E a honra desse lugá!...

E terei de ir para São Paulo... E terei de escutar as temporadas líricas e as chiques dissonâncias dos modernos... Também Chico Antônio já está se estragando... Meio curvo, com os seus 27 anos esgotados na cachaça e noites inteiras a cantar...

Bom Jardim, 11 de janeiro

Passei hoje o dia com Chico Antônio, conversando, grafando algumas das melodias que ele canta. Agora ele está de novo giragirando no coco e vou dedicar mais esta crônica a ele.

Principiou a cantar faz pouco e até onde o vento leva a toada, os homens do povo vêm chegando, mulheres, vultos quietos na escuridão, sentam no chão, se encostam nas colunas do alpendre e escutam sem cansar. A encantação do coqueiro é um fato e o prestígio na zona, imenso. Se cantar a noite inteira, noite inteira os trabalhadores ficam assim, circo de gente sentada, acocorada em torno de Chico Antônio irapuru, sem poder partir.

Toda a gente o imita e coco que ele cante se torna "coco de Chico Antonho", apesar de muitos não serem da invenção dele. Até o menino prodígio, que apareceu anteontem com o "Boi" de Fontes, caso quase

repugnante de precocidade, envelhecido na voz, na ruga e no saber desse mundo: esse menino, também cantador, é discípulo de Camarão, outro coqueiro, porém o mimetismo quase dramático dele se manifesta em copiar Chico Antônio.

Porque Chico Antônio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco. Não canta nunca sentado e não gosta de cantar parado. Forma os respondedores, dois, três, em fila, se coloca em último lugar e uma ronda principia entontecedora, apertada, sempre a mesma. Além dessa ronda, inda Chico Antônio vai girando sobre si mesmo. Ele procura de fato ficar tonto porque, quanto mais gira e mais tonto, mais o verso da embolada fica sobrerrealista, um sonho luminoso de frases, de palavras soltas, em dicção magnífica. Poemas que nenhum Aragon já fez tão vivo, tão convincente e maluco. É prodigioso.

No geral as emboladas são mesmo assim. As mais das vezes não têm sentido como tipicamente o "Bambu bambu" prova. Isto é: não é que não tenham sentido propriamente. Não se trata do verso *nonsense* feito pra dar habilidade rítmica. É um painel de sonho que passa, feito de frases estratificadas, curiosas como psicologia: "Bela mandou me chamar" ou "Porto de Minas Gerais" ou "Meu ganzá, meu ganzarino" etc. etc., às quais se juntam verbalismos, frases tiradas do trabalho quotidiano, do amor; referências aos presentes e aos acontecimentos do dia; desejos, ânsias... Todos os coqueiros são assim.

Mas Chico Antônio ultrapassa de muito os que tenho escutado, pela força viva do que inventa e a perfeição com que embola. Alto, corpo de sulista, magruço, meio lerdo no gesto comprido, com uma cara horizontal, bem chata e simpática, de nordestino em riba. Olhos maravilhosos, já falei. E a voz incomparável. Não é possível imaginar sons levemente anasalados, másculos, num decrescendo perfeito como os que Chico Antônio entoava no fim das frases do *Jurupañã*.

Bom Jardim, 12 de janeiro

A tarde cai numa tristura que machuca, assombrada pela saudade de Chico Antônio, partido faz pouco.

Aliás desde minha viagem pelo Amazonas já reparei uma coisa curiosa: as tardes por aqui jamais são tristes. Uma diferença enorme das paulistas. Boca da noite, mesmo na fazenda de café mais agradável de paisagem, sempre é tristonha. Por aqui não. As mais largas, o sentimento que despertam é duma calma guaçu, do tamanho da morte, perfeitamente sossegada. Mas no geral são alegres, bem visíveis, um certo quê de espetacular muito refletido na psicologia do nordestino.

Mas a tarde de hoje está triste por causa do Chico Antônio que partiu. Não eram bem 17 horas, foi encilhar o cavalo, pôs espora, o chapelão de aba larga sempre escurentando a cara simpática, veio se despedir de mim. Careceu dizer o que sentia e trouxe o ganzá porque só pode contar os sentimentos cantando! Tirou o Boi Tungão. Certamente um dos cantos mais sublimes que conheço, principiou por uma fermata solene, que ninguém não esperava:

Boi Tungããããã!...

e foi falando.

E falou coisas duma comoção tão simples, ditas com a verdade verdadeira dos homens simples; disse que quando eu chegasse na minha terra havia de ter saudades dele; mas que se voltasse por estas bandas que o mandasse chamar e ele viria. Então principiou se despedindo dos nossos trabalhos, do papel em que eu assentara as melodias dele, da tinta, do piano, tudo.

Adeus sala! adeus cadêra!

Adeus piano de tocá!

Adeus tinta de iscrevê!

Adeus papé de assentá!

– Boi Tungão!...

Estava despedido. Estendeu a mão comprida num adeus de árvore e lá foi-se embora no passinho equipado come-légua dos cavalos daqui.

E a boca da noite já está queimada de tristura, quase negra, estrelas, uma luzinha de habitação no lado do açude.

Por detrás da casa, parecendo perto, principia um bate-bate surdo. É longe. É um zambê, coco pra dançar, acompanhado a puíta, zambê,

ganzá e a “chama”, outro tambor de voz medonha, atravessando os ares. A “chama” é o telegrama de convite. Quem a escuta vem pro coco.

Olê, rosêra,
Murchasse agora!...

A luzinha do querosene é quase inútil na noite. O braseiro fumacento alumia a taipa bordada da parede e serve de pano de fundo. O cabrocha dá um salto pro meio da roda, gira e cai numas letras duma leveza espantosa, saúda os “coqueiros” e tocadores, faz mais outras letras, dá umbigada num parceiro e sai da roda. É a vez deste. O coco esquenta e fico por ali vendo o pessoal, encompridado pelo fundo do braseiro, saracotear num espetáculo assombrado. O “zambê” instrumento, que qualifica a dança, é pesadíssimo, tronco em que o tocador amonta pra bater no couro esticado.

São 24 horas e me deito. O zambê continua no longe. E continuará decerto até que rompa a arraiada. Uma sensação estranha de século XIX... Samba de escravos perpetuado através de todas essas liberdades servis... Que não acabarão de verdade enquanto não vier uma fatal, mas longínqua ainda, bandeira encarnada.

Bom Jardim, 13 de janeiro, 13 horas

Leio Ferreira Itajubá, um dos nomes da poesia norte-rio-grandense. Dizem que era muito ignorante e felizmente parece mesmo. As ideias dele não vão além da conversa, o que inda pode ser uma pena, porém os versos não têm no geral esses requebros de poética que deslustram a naturalidade do lirismo.

Desse tempo risonho do passado
Cheio de tantos sonhos, de ilusões
Eu tenho o peito agora incendiado
No fogo vivo das recordações...
De ti me lembro. E quando, nestas plagas,
A luz desaba cristalina em jorros,
Eu vejo ao longe, sem rumor, as vagas
E a solidão tristíssima dos morros.

No geral a poesia de Itajubá era assim, verdadeira. Tem por isso um sabor de terra bem forte. Às vezes (é certo que lera Guerra Junqueiro) emprega umas palavras convencionais, "aldeia", "batel", mas, porém, este Brasil é um mundo! O outro dia eu censurava Ferreira Itajubá por ter empregado a nefanda "Bonina" em poesia dele. Danou-se! toda a gente riu de mim. Uma gentilíssima se levantou, foi no vergel da casa onde paro, e me trouxe de presente, juro pelo que tem de mais perfeito neste mundo... um oloroso ramilhete de boninas. É de fato uma flor singela, e comum por aqui da mesma forma que "acolá". Não tem dúvida que o Brasil é um mundo...

Ferreira Itajubá não foi um mundo tamanho não, porém é um dos poetas mais perfeitamente líricos, mais puramente poetas da geração de Bilac. O verso dele é duma suavidade impregnante, canta manso em melodia gostosa. Traduzido acho que perderá inteiramente o sabor, porém não estou convencido que isso seja um mal em poesia. Certos Lieder de Goethe também não suportam tradução, mas na literatura alemã são coisas das mais puras. Pura cantoria.

O Brasil precisa conhecer melhor Itajubá...

Como é doce viver o luar velando,
O luar que alveja a terra florescendo;
Moças, a noite clara vem descendo,
Cordas, a noite branca vem rolando!
Antes que o pescador faça-se ao mar
Antes que a luz ardente apague a neve,
Moças, cantai que a mocidade é breve,
Cordas, vibraí que abril custa a voltar!

As moças e o violão foram o refrão da vida dele... E o fraque.

– Quando você casa, Itajubá!

– Inda não tenho fraque.

Acabaram mandando fazer um fraque pra ele. Então casou mas continuou na gandaia. Violão em punho, por praias e ruas suspeitas, cantando. De fraque. Fazia discursos nos circos de cavalinhos. De fraque. Esse fraque foi a salvação de calças de vida longa.

Cinco meses depois de casado participava aos amigos o nascimento do primeiro filho.

– Itajubá! que é isso! seu filho não é de tempo!

– É sim. O casamento é que não foi de tempo...

Ponteava as cordas e cantava outra modinha. E assim viveu até o fim: de violão, de fraque e na gandaia:

Quero às vezes cantar, mas um doente não canta

Que a moléstia lhe trunca as notas na garganta.

Morto me considero... As trovas melodiosas

Esqueci no infortúnio... As tranças perfumosas

Que amei, deixei de amar... Fecharam-se as janelas;

Foram-se as ilusões; casaram-se as donzelas.

Bom Jardim, 15 de janeiro

Tenho tentado de obter aqui algumas informações sobre a empreitada de Ford na Amazônia porém consegui mas é quase nada. De fato a repercussão desse mais que perigoso sintoma do imperialismo ianque foi quase nula aqui no Nordeste. Isso é mais ou menos natural. Nós aí no Sul por essa esquematização precipitada em que o espírito vive pra pensar prático, costumamos imaginar que da Bahia pro Equador está "o Norte". Ora, não tem nada de mais afastado que o Norte do Nordeste. O Norte vive estigmatizado por aquela umidade fabulosa que chega a embolorar objeto de uso cotidiano. E a assombração deste Nordeste é a seca. Se um tempo inda o nordestino atraído pela borracha, nem bem seca chegava, tornava-se paroara no Acre, no Amazonas, isso está passando já. Agora são as fazendas e cidades do Sul, principalmente paulistas que atraem o nordestino. Já falei nisso por alto uma feita e João Fernando de Almeida Prado, bem melhor, num capítulo admirável dos seus *Três sarmentos* que a *Revista de Antropofagia* está publicando. Mais ainda: neste mesmo *Turista aprendiz* registrei um documento nordestino confessando a mesma fuga pro Sul, o bonito poema de Jorge Fernandes.

"Vam'bora pro Sul!" que nem se canta no aboio pernambucano, parece um lema dos proletários nordestinos de agora.

Essa eterna ida e volta do trabalhador nordestino fez com que Antônio Bento de Araújo Lima, num artigo muito sério publicado pela *República*, de Natal, procurasse relacionar o... problema Ford com o Nordeste.

Além de tudo, o fenômeno das secas que nos assaltam periodicamente, desorganizando quase toda a nossa vida e determinando a emigração forçada do nosso proletário rural, constitui o primeiro e o mais sério dos problemas que temos a resolver. Considere-se ainda como ficará angustiada a situação da economia capitalista do Nordeste quando por exemplo as empresas industriais estabelecidas no extremo norte estiverem oferecendo salários mais elevados ao nosso proletário que trabalha muitas vezes mais de doze horas por dia, mediante uma remuneração insignificante.

As "empresas industriais" são aqui as norte-americanas pois Antônio Bento de Araújo Lima considera que "a vinda da Empresa Ford para as terras do Pará vem marcar o começo duma nova época para o norte do Brasil".

Os nortistas achavam isso também, mas parece que já estão um bocado desiludidos. Pelo menos foi o que me falou um capitalista paraense a bordo do *Manaus*. Achava que o procedimento de Ford não passara duma "fita" pra quebrar os planos ingleses e baixar o preço da borracha indiana. Esta baixou de fato e Ford se abastecera por três anos. E ainda acusava o ricaço de já estar torcendo o contrato, pois em vez de principiar o hospital a que se obrigara, tinha se limitado a enviar pra possessão norte-americana que conquistara no Brasil um navio hospital... Mas por mim acho cedo pro paraense se desiludir.. Ele que se prepare pra ter junto com todos os brasileiros uma desilusão mais vasta. E sem presumíveis Sandinos...

Great Western, 16 de janeiro, 20 horas

Mas parece que o ricaço paraense de que falei ontem ou está despeitado com a empreitada Ford na Amazônia e caluniou ou não sabia das coisas direito...

A Great Western desde o primeiro dia do ano está fazendo viagem de um dia só do Recife a Natal. Embarco nela em Goianinha, partido do

Bom Jardim, compro o *Jornal do Comércio* de Recife e leio nele um artigo-lhão sobre a concessão Ford. Aí creio que já sabem que tem havido pela Amazônia umas revoltas de proletários rurais, descontentes por muitas razões legítimas e sonhos.

A primeira principiou nas terras de José Júlio de Andrade cujos proprietários eu visitei em Arumanduba, o ano passado. Visitei só. Não eram seis da manhã e os meus companheiros de viagem dormiam ainda no pleno dia. Era bonito de ver o porto, imponência de quatro ou cinco gaiolas pertencentes ao dono do latifúndio formidável. Muitas casas, jeito de cidade lacustre, tudo, os próprios arruados de madeira sobre espeques. Por baixo de tudo o Amazonas banza na época das cheias. Visitei armazéns, almoxarifado, a velha e bem bonita casa de morada, chata, com um ar de esposa, muito moral. Não gostei foi de ver os búfalos africanos, bicho imundo, gostando da lama, feioso e primário. Fui muito bem recebido, até hoje agradeço a recepção e não sei por que foi a revolta dos empregados de Arumanduba.

Mas a revolta dos empregados de Ford foi por causa da exiguidade dos salários. Os proletários rurais estavam recebendo além da comida e da assistência médica, de três a quatro mil réis diários. Se revoltaram com justiça. O que parece, pelas informações dum diário paraense, é que a injustiça não provinha de Ford propriamente, mas dum dos administradores da empreitada dele, um brasileiro safado por nome Dico Monteiro. Embolsava três contos mensais mas desaconselhou pagar pros trabalhadores rurais a diária de dez a doze mil réis designada por Ford.

Então um grupinho de descontentes se revoltou e, segundo informam os jornais paraenses, coagiu sob ameaça todos os brasileiros de Boa Vista a se retirarem do trabalho, uns quatrocentos.

O que resta saber agora é se de fato os trabalhadores brasileiros foram readmitidos no trabalho, como conta o prefeito de Santarém.

Um senhor Raimundo Brasil, diz-que conhecedor vasto das regiões do Tapajós, descreveu a atividade que vai pela Boa Vista, desmentindo tudo quanto me informou de pessimista o ricoço paraense de ontem. Viu já dois quilômetros desbravados, destocados, várias oficinas mecânicas, hospital provisório, farmácia, drogaria, padaria, gado, batelões de

quarenta toneladas, rebocadores, lanchas, nove caminhões, 23 tratores, mais máquinas pra tudo e vários arranha-céus dum andar. Eis aí.

Esse sr. Raimundo Brasil continua em profecia: dentro de três meses a vila estará construída. Ford Avenue, Fordson Street. Mas afirma que os avisos, anúncios etc. são, por enquanto, em português.

Natal, 17 de janeiro, 20 horas

Estou preparando as malas pra seguir amanhã numa viagem de automóvel fazendo quase que toda a volta do Rio Grande do Norte. Essa viagem me interessa bem. Já conheço a região do açúcar. Vou visitar agora a do sal e a do algodão.

O algodão é mesmo a grande fonte de riqueza que o estado possui. Em parte, em reserva ainda pelas terras não aproveitadas, pela falta de seleção e pelo regime latifundiário que infelizmente inda impera por este imenso Brasil.

Só ultimamente se tem trabalhado na seleção de sementes e aperfeiçoamento de tipos nobres, duns cinco anos pra cá. São mantidas pra isso duas fazendas-modelo em Macaíba e Sant'Ana. Também instalaram um laboratório em Jundiá (Macaíba) pra estudo das pragas do algodoeiro.

Tudo isso é pouco porém pra corresponder às necessidades do estado e urgência da grandeza dele, o laboratório é precário como informa o próprio jornal oficial e a procura de sementes selecionadas pelos agricultores é maior que a produção das fazendas de sementes.

Apesar dessa precariedade e infância de trabalhos de aperfeiçoamento que inda perseveram pelo Nordeste, já possuímos um tipo de primeira ordem, o algodão mocó de fibra longa, que alcança nos mercados, Liverpool, São Paulo, classificação nobilíssima, tipos 1 a 4. É dos melhores que há pela uniformidade e resistência da fibra, resiste bem à fome nem sei como chame! da lagarta rosada e a produção de pluma pra cada árvore é de porcentagem excelente.

Inda por cima é quase que só plantar e colher quando a gente sabe o trabalho que dá o cultivo do algodoeiro no Egito, nos Estados Unidos e na Índia.

O Nordeste se tornará facilmente um dos maiores, senão o maior produtor de algodão do mundo. E a gente percebe aliás que o nordestino já está se convencendo disso; o que é melhor do que achar o Brasil uma boniteza e discutir a intensidade de calor entre o Nordeste, Manaus, Rio e Buenos Aires. A gente percebe que o calor já principia sendo outro: ânsia de crescer deveras.

Macau, 18 de janeiro, 16 horas

Vemos em pouco mais de sete horas de Natal até aqui, automóvel bom, estrada assimzinha, paisagem horrorosa de medonha. Foi bom mesmo chegar nas salinas bonitas porque atravessar assim no solão sincero, léguas e léguas de caatinga, um naco de sertão e mais caatinga em plena seca, palavra: quebra a alma da gente, vista de cinza malvada! Em Epitácio Pessoa foi difícil resistir a um desses assombros sentimentais que diz-que arrancam lágrima. Miséria semostradeira de vilareco, sem ninguém mais quase, morto de todo nas 13 horas do dia, onde os corajosos que moram ali estão comprando a cruzado, a 500 réis a lata d'água, vinda de léguas longe.

Enfim as salinas adormeceram a tristura, com Macau lá na ponta, chão de telha e a torrinha branca. Macau terá seus quatro mil habitantes de sal, sal magnífico. As últimas análises provaram definitivamente a excelência do sal norte-rio-grandense, muito superior ao de Cádiz por menor coeficiência de sais magnesianos. Além do mais a produção potiguar pode abastecer o mundo quando a indústria se desenvolver completamente. Sendo uma das indústrias em que mais se perde matéria-prima, essa perda nas terras salineiras do Rio Grande do Norte é compensada pela facilidade de cristalização do sal por causa da violência mucuda do Sol e do vento e a impermeabilidade do solo.

A usina Pereira Carneiro estava em atividade e a visitei. Aí se beneficia o sal pra exportação. O calor, apesar do vento, é pavoroso nela. Os operários trabalham oito horas diárias, das 7 às 11 e das 13 às 17. Assim mesmo sofrem por demais. A própria Companhia reconhece isso e agora anda instalando eletricidade nas salinas dela pro trabalhador salineiro poder trocar a noite pelo dia, evitando o calorão do Sol. Na usina já

muitas feitas se trabalha de noite. O ganho diário na usina é de 5 mil réis pelas oito horas de trabalho, o que se não chega a ser propriamente um crime é porque custa bem a gente distinguir o que seja crime nesta sociedade em que vivemos. Outra acusação grave a fazer aos proprietários dessa Companhia é não se utilizarem senão duma porcentagem absolutamente mínima (talvez não passe de 10 por cento) das terras salineiras que a elas estão aforadas. Isso empecilha o desenvolvimento da indústria diminuindo imaginem de quanto a produção e o emprego de capitais no estado! Temos que ler de novo o que falei atrás sobre a dificuldade da gente alcançar um conceito de crime na civilização americana de agora.

Mas que boniteza as salinas!... Graças a Deus aliás que elas já estão perdendo a sensação metafórica de Holanda que davam pros sabidos. Os moinhos já estão sendo substituídos por motores elétricos, menos visíveis na paisagem que pra logo ficará tão somente sal e Sol, uma geometria em luz. Nos baldes a água crespa, nos cristalizadores a larga quadra alvinha, a reta da estrada, quilômetros! no meio e as pirâmides brancas, branquíssimas quase todas, túmulos de ninguém, cinco, seis, às vezes mais metros de altura. É ùa maravilha.

Inda faz pouco, depois da janta, voltei lá na luz forte do quarto crescente. Que fresca batia no vento resmungador! Mas inda era cedo, 20 horas e por isso os fantasmas inda descansavam no chão, sob as mortilhas, antes de irem por esse mundo, assombrando tudo.

Automóvel, 19 de janeiro

Cinco e quinze. Carreira maravilhosa no leito do Açu, leito chato, planície dando sensação de deserto. Penetramos no vale do Açu, carnaubais formidáveis. As carnaúbas desfolhadas pela colheita recente têm ar espantado muito pândego.

A estrada é quase que um arruado só, povoadíssima. Pessoal que vive da carnaúba e do samba. Não tem noite quase em que a "chama" não gagueje surda chamando os festeiros pro zambê. Gente alegre. Que nem no litoral, vestido encarnado é muito por aqui. Porcos cruzados com tamanduá, cada focinho destamanho!

Às 7 e 3 quartos, atravessamos o restico do rio Açu e três minutos depois a cidade do Açu. Foram dez léguas de várzea fértil, esse carnaubal formidável.

Açu, 2.500 habitantes. O município terá 25 mil. Produção deste ano: 24 mil arrobas de cera de carnaúba. Município feliz por causa do rio e das lagoas: na seca não só não “produz” retirantes como até os recebe.

O regime do vale inda é latifundiário. O trabalhador rural na época da colheita ganha o jornal de 4 mil réis. No geral duas colheitas anuais, rentes uma da outra. Vai tudo pro carnaubal, moços, moças, mulheres, homens. Colheita e farra danadas.

Às 8 e 15 partimos da cidade simpática, ar de alegria. A caatinga ficou mais simpática. Os troncos de marmeleiro e da catanduba arborescente não queimam os pés no chão atapetado pelo panasco seco, meio doirado. Quando senão quando o chão esturrica e racha. Pra esquerda a serra do João do Vale no longe, preta, às vezes irritada em serrotes e cuscuzeiros de pedra. Sertão. Atravessamos o arruado do Espírito Santo. O que entragica bem esses povoados é o vermelhão das casas tijoladas, queima e apavora.

Domínio da pedra agora. Muitas feitas as cercas das fazendas são muros de pedra, léguas e léguas!

Na sombra esperançosa dum pereiro, uma família de retirantes. Fico besta. Nem dinheiro atiro pra eles. A viagem virou desgraçada.

Atravessamos Augusto Severo às 10 e 40. Na vastidão de ao pé da serra a chuva já peneirou. Peneirou só, porém tudo está verdinho e o tejuauçu lagarteia no solão exato da estrada. Seriemas.

E continua, só que verdolenga, a mesma monotonia dramática de sertão, fazendas num silêncio atordoante e de hora em hora as vilas e cidadinhas inexplicáveis. Solidariedade de miséria. Sai da estrada um gadinho escalavrado, envergonhado de viver, humilde, batido, com a anca debaixo das pernas. Uma vaca surubim faz sinal pra pararmos:

– Por obséquio: os srs. não viram alguma cacimba por aí?

Pouco depois das 12 chegamos a Caraúbas, meia almofadinha, caiada de novo pra inauguração do trem de ferro de Mossoró até aqui. Calor de Iquitos. Almoçamos e fugimos.

A estrada segue melhorada. Ora tudo seco, ora esverdeando já segundo a fantasia dos chuviscos escoteiros. No seco as arvoretas mostram todos os ninhos.

Estamos quase tocando com a mão a serra do Martins, mas os corpos continuam secos e o calor pavoroso. E estamos perdidos, o caminho errou. No solão das 15 horas, através do juremal ressecado, pinoteando no trilho dos carros de boi...

Afinal topamos com Gavião, lugar de gente brigona, a cangaceirada, o caminho vai todo espinhando de cruzes.

Aproveitamos a sombra duma casa pra mudar o pneu e beber água. Crio coragem, fecho os olhos, bebo. A casa é dum homem que andou se atrapalhando com Lampião quando este passou por aqui, via Mossoró. Foram duma burrice estratégica tão gentil que Lampião de enjoo só matou "três anjos", como costuma falar. Topamos com as três cruzes juntas, logo partidos.

A estrada nem merece nome de vereda pra cargueiro. É um trilho de janduí. Erradas. Cada homem, cada casa, perguntamos caminho. Cada um segunda dum jeito, faltam duas léguas, faltam três, faltam seis! Velocidade máxima: cinco quilômetros por hora! E a noite cai rápida trazida pelo vento de tempestade. Estamos subindo a serra e já chove ali na esquerda, cada clarão! Os trovões são desta grossura! O farol não vale nada. Se não fossem os relâmpagos não podíamos avançar. E a tempestade nos pega. Dentro do automóvel relampeia, chove, o trovão estronda. Os galhos batem na gente. Ora dum lado, ora do outro, o abismo aumenta, exagerado pela noite. As derrapadas criam uma marcha de acaso enquanto os raios nos ensurdecem. Estamos num perigo desgraçado muito sério. Me convenço que não é nada agradável a gente deixar uma pobre de mãe chorando a nossa morte. As árvores estão se esfacelando. Os galhos até servem pra endurecer um bocado mais o caminho. Um, enorme, careceu tirar da estrada, o diabo! Tivemos também o momento da morte pertinho, clássica dessas ocasiões. O automóvel enveredou pro abismo, inconscientemente torci pra esquerda e atrapalhei a manobra do chofer, quase que fomos!

Afinal a ventania foi levando a tempestade pro outro lado da serra. Conseguimos derrapar até o arruado de Boa Esperança. Não era o nosso

destino, porém impossível de ir pra diante, sem correntes, sem farol bom, nós encharcados e exauridos pela sensação estúpida do perigo.

Todo o povoado acordou com as buzinas. Recepção positivamente hostil. O pessoal por aqui vive obcecado pela presença do cangaço, imaginaram que éramos cangaceiros, quatro homens esquisitos. Foi um custo desdesconfiarem. Boiamos carne de sertão com farinha, coalhada com rapadura e caímos nas redes. Maravilha da noite fresquinha!...

Agora estou dormindo.

Caicó, 21 de janeiro, 20 horas

Hoje não se viajou. Paramos nesta cidade em progresso, pra mais de 4 mil almas, eu na esperança de pegar uns cantos de negros que por aqui inda elegem rei e rainha e cantam. Espécie de “Maracatu” sobrevivente neste sertão onde mesmo o cabrocha é raríssimo. Os negros não vieram, visitei a cidade com as casas monumentalizadas pela ausência de plantinhas de enfeite e agora estou imaginando.

A estrada de rodagem de Caicó pra Catolé do Rocha, ligando o Rio Grande do Norte com a Paraíba, empregando quatrocentos trabalhadores – o que quer dizer quatrocentas famílias alimentadas – com o jornal ridículo de 2\$500, o Governo Federal suspendeu de supetão. Esse povaréu todo ficou na miséria completa em plena seca, morrendo de fome. Serviço não há nenhum. Segundo informações dum técnico da Inspetoria de Estradas, só os direitos alfandegários da gasolina importada pelo Estado, só esses direitos dão pra pagar o serviço. O Governo Federal gasta 5 contos semanais com ele. E tem verba destinada a ele só que inda não foi distribuída! E o serviço é parado derrepentemente: a seca se tornou palpável, a fome, a morte ou a deserção... Mas o Governo Federal faz uma estrada de luxo Rio-Petrópolis...

A reverendíssima Ex^a do dr. Washington Luís passa pelo Nordeste em discurso, não tirando luva da mão, sem experimentar o tapa-mão de couro do vaqueiro, bem hospedado, comendo, e muito, as comidas morenas de por aqui. E antes ou depois da viagem, que nem todos os brasileiros (até o nordestino!), continua lendo as literatices heroicas de Euclides da Cunha.

Pois eu garanto que *Os sertões* é um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura duma vez pra encetarmos o nosso trabalho de homens. Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopeia... Não se trata de heroísmo não. Se trata de miséria, de miséria mesquinha, insuportável, medonha. Deus me livre de negar resistência a este nordestino resistente. Mas chamar isso de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão-se embora.

Vam'bora pro sul!...

O nordestino é prolífico. Dez meses de seca anual. Não tem o que fazer, faz filho. Os mais fortes vão-se embora. Fica, mas é a população mais velha, desfibrada pelo Sol, apalermada pela seca, ressequida, parada, vivendo porque o homem vive, acha meio de viver até aqui! Mas fica porque... meu Deus! porque não sabe partir!... É medonho. Por toda a parte onde se passa o mesmo refrão amargo eles repetem pra nós: "Porque fulano, o filho da Maria Sousa, o filho do João etc., o filho de não-sei-quem partiram pra São Paulo. E quinta-feira partem o filho de fulano e o de sicrano." Os filhos partem. Um melhorzinho diz-que mandou 800 mil réis pra família. Outro mais piedoso voltou. Mas foi pra levar não sei quantos. E lá se foram todos pra São Paulo, pra Goiás, pra Mato Grosso.

A história da volta sempre do nordestino é uma blague sentimental ridícula. Volta um ou outro apenas. E voltavam principalmente do Acre onde a situação aquática é tão mortífera como a seca nordestina. Os que vão pro Sul não voltam não.

Os nordestinos arranjados, cheios de regionalismo e literatice, zangam com o funcionário de não sei que repartição de secas porque este aconselhava o abandono de certas regiões nordestinas, as do sertão sáfaro. A opinião deste era de fato leviana pela maneira com que a contam, porém o regionalismo sentimental e... euclidiano também já está fora de tempo.

O homem arranjado que para em Catolé do Rocha ou em Parelhas, está sofrendo? Pronto: embarca no automóvel, vem pra Natal vai pro Recife, tem água sempre e até gelo. Um cruzado pra ele não é nada, compra quantas latas de água quer e morta a sede se põe cantando a resistência do povo, o nativismo dos retirantes que voltam etc. Nessa mesma gente que volta, os arranjados não estão imaginando o sofrimento diário, o abatimento miserável, mesquinho, infinitamente desinfeliz. Mas os mais fortes vão-se embora pro Sul...

Isso pra nós sulistas é um benefício enorme, recebendo essa emigração de moços fortes, selecionados pela própria energia de partir sem sentimentalismo. Porém graças a Deus que não sou nem paulista nem patriota! O que vejo mesmo é a seleção depauperando o Nordeste. E o sofrimento do homem. O Rio Grande do Norte mesmo tem vales magníficos ver o do Ceará Mirim. No vale do Açu param 25 mil almas e pode conter folgadoamente 100 mil. Era preciso canalizar esses sertanejos pra esses vales, pro litoral, e atarraxá-los aí por meios suasórios que ao mesmo tempo terminassem com o regime latifundiário que inda subsiste colonialmente por aqui.

Não tenho dúvida que o problema do sertão e da caatinga em seca há de se resolver. Não entendo dessas coisas e temo dizer bobagem. O que sei é que por enquanto tudo está errado e ao proletário rural não beneficiaram quase nada as medidas existentes que o Governo Federal tomou. Os açudes grandes não passam dum paliativo e os retirantes que se arrancham na praia deles são duma arribação dolorosa...

O sertanejo estava com um desejo danado de experimentar o automóvel. Quando atravessava o Olho d'Água topou com um, vazio. Pediu pra andar nele um bocado, o chofer deixou. Amarrou a besta numa oiticica e lá foi no macio. O chofer perguntou se bastava, pediu pra andar mais um bocado. Afinal bastou e o auto foi embora deixando o sertanejo agradecido no meio da estrada, que solão!

– Dona, que distância vai daqui pro Olho d'Água?

– Doze léguas.

Pois isso é que careciam de fazer com o dr. Washington Luís, deixar ele doze léguas da recepção, comendo a miséria medonha desta seca. Miséria medonha.

Automóvel, 22 de janeiro

Atravesso Caicó, partindo pra vencer a última etapa dessa viagem. 7 e 40. Caicó me assombra, bem arrumada, casas novas. São casas pequenas, enfeitadas muito, no geral feiosas, porém se sente o progresso. "Aqui vai ser uma rua". O que se vê é um conjunto de pedras desengonçadas, lajes, blocos. E aí vai ser uma rua... E assim, grupos de casas novas, sem nenhuma espécie de vegetação, a gente tem uma impressão danada de monumentalidade.

Essa impressão vai continuando estrada fora. Estrada excelente cortando uma paisagem quase que exclusivamente de pedra. O chão é pedregulho só. A própria vegetação do deserto nordestino rareia muito. Por momentos a gente fica cercada só de pedra e de xiquexique rasteiro que parece vegetação de pedra também. Os serrotes vão amansando. Larguezas formidáveis e no longe à direita a serra de Borborema menos recortada, ondulando estendida. A rodovia inteligentemente estudada vai no divisor das águas entre o rio Seridó e o Barra Nova. E as cercas das fazendas por aqui são exclusivamente muros intermináveis de pedra. As obras de arte da estrada, pontes de cimento, mata-burros de trilho, tudo reto. É monumental. Um monumental desolado, em que a monotonia do grandioso tem uma psicologia de perversão baudelairiana amarga.

Às 9 cortamos Jardim do Seridó, uma cidadinha de Tarsila, toda colorida limpa e reta. Catita por demais, lembrando Araraquara por isso. Cidade pra inglês ver. Mas não tem dúvida que é um dos momentos de cor mais lindos que já tive neste aprendizado pra turista.

30 minutos depois tomamos café e água verdadeira em Parelhas nascida ontem, com ar de saúde. A região do Seridó mostra com evidência um ar de progresso que até agora eu não tinha sentido neste raide nem mesmo nas salinas. De fato é a região mais progressista do estado, valorizada pelo algodão mocó e facilitada pelos processos econômicos em uso. O trabalhador aqui, no geral, é meeiro. O proprietário das várzeas e dos açudes dá a terra, o proletário planta e colhe algodão, o resultado é metade pra cada um. Isso prende um bocado mais o proletário à região e o êxodo de moços diz-que é menor aqui. Mas existe também. Em Caicó nos enumeraram nomes de rapazes partidos ou em vésperas de partir pro

sul e já encontramos um grupinho, seis ou oito, trouxa nas costas, pé na estrada, indo-se embora.

Mas nesta viagem assim rápida, correndo pelo divisor das águas, os sinais de progresso são apenas as cidades. Também quando senão quando nos ramos desfolhados das juremas estão presos flocos de algodão ficados dos fardos em viagem. E é só. Não se vê os açudes. No entanto a açudagem particular tem realizado milagres na região. Basta dizer que dos mais ou menos 1.500 açudes do Rio Grande do Norte, me informaram que perto de 1.200 estão no Seridó.

Açudagem particular porque o Governo Federal mesmo... Passada Acari às 11 e 28 logo topamos com o açude... que ia-se fazer, de Gargalheira. Gastaram com as obras preparatórias um colosso de dinheiro, máquinas, transporte de material, salários, construções de casas e, sim, os intermediários. Passei. Construções por acabar... em ruínas, barracões, maquinário caríssimo, barragem iniciada, tudo no abandono, inútil, coisa hedionda, crime famoso, desgraçados!

Não é possível se pregar revolução nesse país. Na certa que haverá traidores. O que nós carecemos é dum cangaço secreto, matando friamente fulano que é gatuno, fulano que é burro, fulano que é abúlico, assim. Matar. Matar friamente. Então o açude de Gargalheiras juro que já estava acabado, beneficiando a uma região produtora, prendendo gente no solo nordestino, enriquecendo o país.

Almoçamos em Currais Novos e uma hora depois, 13 e 20, de novo entre pedra e xiquexique, as juremas sempre rareadas. Principia o facheiro pardo sujo, implorando licença pra se chamar de verde, anunciando a serra do Doutor. Agora é quase só facheiro, uma facheirada espeloteada beiradeando as nascentes do seco Potenji.

Mais um grupo de retirantes. Mulheres guindadas sobre badulaques de mudança que os dois burros carregam. Homens de pé. Um jerico leva os caçuás cheinhos de crianças. Decerto vão pro açude federal de Santa Cruz onde já tem mais de duzentas famílias arranchadas...

15 e 15. Santa Cruz. Passamos. Os pneus já estão dando o prego. Paradas irritantes. Já estamos nas barras do sertão. Mais um grupo de rapazes, três, gente forte, trouxa no ombro. Entramos definitivamente na caatinga, com a serra baiada por último espicaçando a planura. As

câmaras de ar não podem mais também. Abrimos numa carreira maluca fugindo da pane definitiva.

Às 17 e 40 fechamos o "O" da viagem topando com a estrada de Lajes, tomada na manhã, cinco dias atrás. A boca da noite fecha rápida. Desilusória como todo o fim de viagem. Macaíba. Às 19 e pico o triângulo elétrico da capelinha de São Pedro no Alecrim. Natal. 1.105 quilômetros devorados. E uma indigestão formidável de amarguras, de sensações desencontradas, de perplexidades, de ódios. Um ódio surdo... Quase uma vontade de chorar... Uma admiração que me irrita. Um coração penando, rapazes, um coração penando de amor doloroso. Não estou fazendo literatura não. Eu tenho a coragem de confessar que gosto da literatura. Tenho feito e continuarei fazendo muita literatura. Aqui não. Repugna minha sinceridade de homem fazer literatura diante desta monstruosidade de grandezas que é a seca sertaneja do Nordeste. Que miséria e quanta gente sofrendo... É melhor parar. Meu coração está penando por demais.

Natal, 23 de janeiro

Henrique Castriciano é que nem eu, a respeito do Brasil, e temos conversado horas úteis para mim. Talvez ele seja apenas um espírito menos prático que o meu mas pra compensar tem uma erudição e um conhecimento tradicional excelente das coisas do Brasil e do mundo. Como cultura brasileira franqueza: é um dos poucos nordestinos com quem tenho privado cujas reações intelectuais funcionam em relação ao Brasil. Regionalismo paulista... O que eu vejo é um nordestinismo atrasadão, assoberbante, às vezes ridiculamente vaidoso, apoucando a sensibilidade, a atualidade de muitos por aqui.

Henrique Castriciano afinal das contas não é nem pessimista nem otimista a respeito do Brasil. O *Retrato* de Paulo Prado é certo que causou nele, excetuadas as bobagens está claro, a mesma reação que causou na crítica oficial (!) brasileira. Mas também está convencido que vamos por uma formidável decadência moral.

Uma das provas disso, ele me falou, está na própria transformação do cangaceirismo nordestino. Essa transformação foi definitivada por

Lampião e os companheiros dele, hoje verdadeiros salteadores, gatunos sem grandeza e sem nenhuma espécie de dignidade, estupradores, roubadores, gente ruim.

Dantes o cangaceiro não era assim não. No geral cavalheiresco, protegendo as mulheres, não roubando propriamente, apenas se apropriando de posses alheias nas vinganças. E a riqueza apropriada assim era de todos, acabava servindo aos pobres. Ninguém não se fazia cangaceiro não. Era feito por essa incompatibilidade em que se botou a pseudocivilização social em que vivemos com a justiça verdadeira. O indivíduo sofria uma desgraça sem cura, tiravam o sítio dele, estragavam a mana etc., então virava cangaceiro pra justiça. Justiça, o que quer dizer que ficava fora da Justiça... Era o cangaço. Cangaceiros tanto de ontem como de agora são uma prova admirável de resistência, de saúde, de força e coragem física. Isso não tem dúvida. Vida com o olho direito sempre acordado, uma atividade sem parada, abstração de clima, de dengue, de malinconia... Mas os de dantes possuíam afinal das contas ãa moral lá deles, não matavam, não atacavam sem razão, respeitavam, protegiam, coisas que o temor do ridículo faz a gente chamar de "românticas". Não tenho medo do ridículo nem do "romantismo". Chamo isso de moral lá deles e de meu tio, fazendeiro prático achando que, sem palmatória, menino é bicho ineducável.

Mas parece que Lampião tinha no grupo dele uns malandros cheios de curso escolar... De primeiro ele não era o que é, não. Os tais é que, cangacismo praticado, voltavam pra roubar, estuprar e o Cão! Lampião... Lampião era brasileiro da República (não sou monarquista) e se acostumou. O certo é que cangaceiro é sinônimo agora de tudo quanto é desagradável e incerto. Decadência... Resistência... Mas resistência não basta para nada... Veja-se o dr. Washington Luís... Minha maior esperança está mesmo nos gaúchos.

Natal, 24 de janeiro

Luís da Câmara Cascudo, além do mais, é uma crônica viva das tradições norte-rio-grandenses. Me falou hoje sobre uma que vai se perdendo, a

dos curadores de cobra. Verdade por mentira o certo é que faziam proezas incríveis.

Um desses curadores, popular no estado, foi o negro Gambeu, indivíduo troncudo, varapau, sempre se rindo. Muita gente saiu da morte com os sortilégios dele. Como todos os curadores, jamais matava cobra por matar. Até fazia criação delas e não viajava sem carregar numa cabaça um elenco de cascavéis e jararacas. As de mais estimação traziam enfeites, campainhas feitas com dedal e cabeças de alfinete e mesmo às vezes um laço de fita.

Durante uns tempos em que sofreu de reumatismo, Gambeu se alimentou muito de cobra. Cortava ritualmente um palmo da cabeça, outro palmo da cauda, assava o resto, que comia. A profissão mais constante de Gambeu era amestrar cachorros de caça, pra vender no Piauí. Isso prova pelo menos que tem pouca mordida no Rio Grande do Norte.

Gambeu era um pândego. Se vestia fantasistamente e gostava de mangar de todo mundo. A roupa era de cor berrante e o chapéu coberto com pele de maracajá. Morreu beiradeando cem anos, sempre com a mesma lucidez de espírito. Inventava resposta no pé das perguntas.

No sertão da Paraíba também se guarda memória doutro curador famanado, o Bento. Este, chegava num campo, assuntava o capim e ia falando:

– Neste campo tem três cobras, uma jararaca e duas cascavéis.

Mandavam que as fosse matar, se recusava.

– Curador que vive de cobra não deve fazer mal a elas... Pau se vinga quanto mais os bichos! Posso trazer.

Ia e trazia as três cobras.

Ficou célebre dele a cura dum cavalo. O animal já estava estrebuchando, mordido por jararaca. Bento chegou maneiro, guspiu na boca do cavalo e berrou:

– Levanta, preguiçoso!

Não sei... O cavalo parou de estrebuchar, fincou as patas no chão, fez esforço... Daí a pouco estava andando com os outros.

Paraíba, 1º e 2 de fevereiro

Só agora vou conhecendo melhor a cidade da Paraíba. Muito trabalho e queda de tempo de passear!... Assim mesmo acho que a Paraíba é seguramente duas vezes maior que Natal e bem menos compreensível. É das cidades mais enigmáticas que já encontrei, e não sei resolver se é bonita se é feia.

Isso vem muito de ser uma cidade velha e nova, muito desmantelada com tudo de mistura. Perspectivas excelentes inda não aproveitadas ou aproveitadas mal. Inda não teve um Omar O'Grady (brasileiro), prefeito de Natal e inventor de Areia Preta, de Petrópolis e da ladeira que desce da praça do Palácio do Governo.

Paraíba tem um parque delicioso onde fica a fonte do Tambiá que dava de beber pra cidade nos tempos de dantes. O parque possui pra mais de vinte ipês seculares que quando estão florados imaginem só a magnificência.

Paraíba tem condução difícil. Às 20 e 30 passa o último bonde e com este calorão descer até o hotel Luso: antes pagar os cinco mil réis pelos três minutos de automóvel. E o calçamento antiquado que nem o de certas partes de Natal, jamais não permitirá um desastre de automóvel. Dois quilômetros por hora, com exagero e tudo.

Paraíba tem antiguidades arquitetônicas esplêndidas. Algumas como boniteza, outras só como antiguidade. E já falei que o convento de São Francisco é a coisa mais graciosa da arquitetura brasileira. Dantes possuiu um subterrâneo enorme, no tempo de holandês, comunicando com a fortaleza de Cabedelo. No subterrâneo vivia um dragão que comia as crianças de medo.

Paraíba tem bastante preto e os homens são dois centímetros mais altos que os natalenses. São mais esguios também e menos faladores, com exceção do dr. Epitácio Pessoa e família.

Paraíba tem o culto de Epitácio Pessoa. Rua principal é rua Epitácio Pessoa. Dispensário Epitácio Pessoa. Na frente do Palácio do Governo, onde mora e rege o estado com satisfação de quase todos o dr. João Pessoa, tem a estátua de Epitácio Pessoa. Escultura impossível, degradante, insultuosa. Cultuar assim é lesar.

Paraíba tem edifícios novos excelentes. Os Correios e Telégrafos são os melhores que conheço. Mas Paraíba tem muitos mocambos e bairros operários mal-amanhados, desruados. A pobreza e o sofrimento tratados assim ficam semostradeiros em casinhas cujo tope, de muitas, minha altura paulista atinge com a mão erguida.

Paraíba tem algumas moças bonitas, não muitas. No geral menos conversadas que as de Natal, porto de mar.

E Paraíba além de outras coisas tem José Américo de Almeida, autor da *Bagaceira*, todos no Brasil sabem. Aliás José Américo de Almeida nasceu no "brejo" em Areia para onde vou amanhã. Mas José Américo mora na capital, jurisconsulto, conhecedor profundo do Nordeste, míope dos olhos apenas, secretário-geral do Estado, modesto e justamente célebre.

Por enquanto foi isso que eu vi da cidade da Paraíba e que pode aumentar o leitor.

O resto não se conta, são carinhos de amizade, gente suavíssima que me quer bem, que se interessa pelos meus trabalhos, que me proporciona ocasiões de mais dizer que o Brasil é uma gostosura de se viver. Vai mal? Acho que vai. Acho que vai e sofro. Porém sofrimento jamais perturbou felicidade, penso muito nos meus sofrimentos de brasileiro e eles fazem parte da minha felicidade do mundo. Que eu tivesse de escolher uma pátria decerto não escolhia o Brasil não, eu, homem sem pátria graças a Deus. Tenho vergonha de ser brasileiro... Mas estou satisfeito de viver no Brasil... O Brasil é feio mas gostoso.

Poesia

O cotidiano do trabalhador brasileiro em versos

Maria Juliana Horta Soares

Apesar de ser mais conhecido pela prosa literária, o que se justifica em parte pelo grande sucesso de *Macunaíma*, a poesia tem espaço importante na obra de Mário de Andrade. O fato de ser escrito em versos o primeiro livro do escritor, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1916, publicado sob o pseudônimo de Mário Sobral), já aponta para essa relevância. Um segundo aspecto diz respeito à extensão considerável que as poesias ocupam em sua obra, com diversos livros publicados em vida e postumamente.

Poucos anos antes de falecer, o escritor faz uma revisão de sua obra poética, para “polir arestas e limpar cacoetes das publicações que mais estimava”,³ o que proporcionou *Poesias* (1941), com o selo da Editora Martins. A obra passa não só pelo crivo do poeta, mas de outros escritores, como ele reforça em correspondência ao poeta mineiro Alphonsus de Guimaraens Filho: “Dei ao Manuel para me aconselhar e ele repudiou muitos. Dei ao Prudente que também repudiou muitos. [...] Resolvi abandonar de vez o aconselhamento da minha geração. Andei mostrando para alguns moços que tem muita liberdade, mas a máxima liberdade comigo: não repudiaram nenhum! São versos brutais, representam uma das piores crises morais, ou melhor, imorais, que já enfrentei. Vou conservar.”⁴

³ ANDRADE. *Poesias completas*, p. 26.

⁴ ANDRADE. *Poesias completas*, p. 32.

Os versos brutais de que fala Mário de Andrade se referem à fase final de sua poesia, quando o autor deixa de se preocupar tanto com o modernismo como movimento para focar o homem em uma sociedade desigual e injusta. Em carta a Henriqueta Lisboa, ele discorre sobre ser enquadrado na chamada poesia social:

Acho que não se deve chamar de poesia "social" a que tem preocupações com a coletividade. Porque toda poesia, toda obra de arte é "social", porque mesmo se preocupando exclusivamente com as reações pessoais do artista, interessa à coletividade. [...] O que em geral andamos chamando por aí de poesia social, é poema de circunstância, é arte de combate.⁵

A presente antologia destaca dezoito poesias do autor (além do poema dramático *Café*) cujas temáticas giram em torno do tema trabalho e dos personagens trabalhadores, de diversos ofícios e diversas regiões do nosso país. Mário de Andrade é sensível às precárias condições a que esses personagens se submetem em nome da sobrevivência, demonstrando sempre empatia pelo sofrimento e miséria dessas pessoas.

Um exemplo é o poema 19 de "Lira Paulistana", que retrata a dura vida de Pedro, desde seu nascimento, num quarto alugado. Pedro representa metonimicamente os trabalhadores como um todo, explorado, vendo seus sonhos se perderem um a um, como pode ser visto nos versos a seguir:

Vida que foi do trabalho,
Vida que o dia espalhou,
Adeus, bela natureza,
Adeus bichos, adeus, flores,
Tudo o rapaz, obrigado
Pela oficina, largou.
Perdeu alguns dentes e antes,
Pouco antes de fazer quinze
Anos, na boca da máquina
um dedo Pedro deixou.

⁵ ANDRADE. *Querida Henriqueta*: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa, p. 156.

Já os “Dois poemas acreanos”, ao mesmo tempo em que registram aspectos da atividade profissional do seringueiro, ampliam o sentimento de brasilidade que, apesar da distância, une esse personagem aos demais brasileiros:

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu.

Em “Tostão de chuva”, o protagonista Antônio, sitiante pobre que ao menos “possuía um cavalo cardão”, recorre a Padre Cícero para solucionar seus problemas com a seca: “Mas a seca batera no roçado.../ Vai, Antônio Jerônimo um belo dia / Só por debique de desabusado / Falou assim: Pois que nosso padim / Pade Ciço que é milagreiro, contam, / Me mande um tostão de chuva pra mim!” Ironicamente, a chuva chega, inunda a região, e mata o cavalo do trabalhador rural Antônio.

A poesia de Mário de Andrade é ora piedosa, ora debochada. A narração detalhada do sofrimento de muitos trabalhadores personagens por vezes parece buscar o enternecimento do leitor, por outras traz acidez e humor ao texto. O que não se pode negar é que em sua poesia, como em outros gêneros, Mário de Andrade fez sua a voz da massa trabalhadora esforçada e explorada, a qual enxergou pela ótica da justiça social.

Por último, com o intuito de referenciá-los, destacamos as fontes dos poemas reproduzidos neste capítulo: “Arraiada”, “Tostão de chuva” e “Dois poemas acreanos” foram retirados do livro *Clã do jabuti*; “Aspiração” e “Louvação matinal”, do livro *Remate de males*; “Melodia moura”, de *A costela do grã cão*, publicado como parte do livro *Poesias*; “O Carro da miséria” foi publicado postumamente, assim como “Lira Paulistana”; “Obsessão” e “[SAMBINHA]” são poemas avulsos, não publicados em livro.

Arraiada

a Tarsila

Manhãzinha

A italiana vem na praia do ribeirão.

Vem derreada e com a sombra do sono no canto dos olhos.

Põe a trouxa de roupas na lapa

E erguida fica um momentinho assim no sol.

A narina dela mexe que nem peito de rolinha.

Mastiga a boca sem lavar

Que tem um visgo de banana e de café.

Respira.

Afinal se espreguiça

Erguendo pros anjos o colo criador.

Tostão de chuva

Quem é Antônio Jerônimo? É o sitiante
Que mora no Fundão
Numa biboca pobre. É pobre. Dantes
Inda a coisa ia indo e ele possuía
Um cavalo cardão.
Mas a seca batera no roçado...
Vai, Antônio Jerônimo um belo dia
Só por debique de desabusado
Falou assim: "Pois que nosso padim
Pade Ciço que é milagreiro, contam,
Me mande um tostão de chuva pra mim!"
Pois então nosso "padim" padre Cícero
Coçou a barba, matutando e disse:
"Pros outros mando muita chuva não,
Só dois vinténs. Mas pra Antônio Jerônimo
Vou mandar um tostão".
No outro dia veio uma chuva boa
Que foi uma festa pros nossos homens
E o milho agradeceu bem. Porém
No Fundão veio uma trovoada enorme
Que num átimo virou tudo em lagoa
E matou o cavalo de Antônio Jerônimo.
Matou o cavalo.

Dois poemas acreanos

a Ronald de Carvalho

I

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da Rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

II

Acalanto do seringueiro

Seringueiro brasileiro,
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.

Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar uma cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso,
Quero sentir e não sinto
A palavra brasileira
Que faça você dormir...
Seringueiro, dorme...

Como será a escuridão
Desse mato-virgem do Acre?
Como serão os aromas
A maciez ou a aspereza
Desse chão que é também meu?
Que miséria! Eu não escuto
A nota do uirapuru!...
Tenho de ver por tabela,
Sentir pelo que me contam,
Você, seringueiro do Acre,
Brasileiro que nem eu.
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.

Seringueiro, seringueiro,
Queria enxergar você...
Apalpar você dormindo,
Mansamente, não se assuste,
Afastando esse cabelo
Que escorreu na sua testa.
Algumas coisas eu sei...
Troncudo você não é.

Baixinho, desmerecido,
Pálido, Nossa Senhora!
Parece que nem tem sangue.
Porém cabra resistente
Está ali. Sei que não é
Bonito nem elegante...
Macambúzio, pouca fala,
Não boxa, não veste roupa
De palm-beach... Enfim não faz
Um desperdício de coisas
Que dão conforto e alegria.

Mas porém é brasileiro,
Brasileiro que nem eu...
Fomos nós dois que botamos
Pra fora Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra esses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porém pra comprar as pérolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme!
Porém nunca nos olhamos
Nem ouvimos e nem nunca
Nos ouviremos jamais...
Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jamais!

Seringueiro, eu não sei nada!
E no entanto estou rodeado
Dum despotismo de livros,
Estes mumbavas que vivem
Chupitando vagarentos
O meu dinheiro o meu sangue

E não dão gosto de amor..
Me sinto bem solitário.
No mutirão de sabença
Da minha casa, amolado

Por tantos livros geniais,
"Sagrados" como se diz...
E não sinto os meus patrícios!
E não sinto os meus gaúchos!
Seringueiro, dorme...
E não sinto os seringueiros
Que amo de amor infeliz!...

Nem você pode pensar
Que algum outro brasileiro
Que seja poeta no sul
Ande se preocupando
Com o seringueiro dormindo,
Desejando pro que dorme
O bem da felicidade...
Essas coisas pra você
Devem ser indiferentes,
Duma indiferença enorme...
Porém eu sou seu amigo
E quero ver si consigo
Não passar na sua vida
Numa indiferença enorme.
Meu desejo e pensamento
 (...numa indiferença enorme...)
Ronda sob as seringueiras
 (...numa indiferença enorme...)
Num amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme!
Brasileiro, dorme.
Num amor-de-amigo enorme
Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,
Brasileiro... dorme

Brasileiro. . . dorme.

Aspiração

Doçura da pobreza assim...
Perder tudo o que é seu, até o egoísmo de ser seu,
Tão pobre que possa apenas concorrer pra multidão...
Dei tudo o que era meu, me gastei no meu ser,
Fiquei apenas com o que tem de toda a gente em mim...
Doçura da pobreza assim...

Nem me sinto mais só, dissolvido nos homens iguais!

Eu caminhei. Ao longo do caminho,
Ficava no chão orvalhado da aurora,
A marca emproada dos meus passos.
Depois o Sol subiu, o calor vibrou no ar
Em partículas de luz doirando e sopro quente.

O chão queimou-se e endureceu.
O sinal dos meus pés é invisível agora...
Mas sobra a Terra, a Terra carinhosamente muda,
E crescendo, penando, finando na Terra,
Os homens sempre iguais...

E me sinto maior, igualando-me aos homens iguais!...

Louvação matinal

É de-manhã. Se sente a fadiga boa do sono.
Porém o corpo estica, chupando com os poros abertos,
Toda a luz, todo o frescor, todo o ímpeto da manhã.

Eu fiz da minha vida sempre um rasgo matinal...

Enquanto a água rija do banho me bate no corpo
Sinto a manhã se levantando viva no país...
Sinto movendo as coxas das coxilhas lá no sul;
Adiante os colonos monótonos erguem o mate,
E na sombra fraca do carijo a brisa trabalha,
Deitando sobre a congonha o bafo sedento dela;
Nos sítios de serra-acima o solzão dependurado,
Polido e carnudo que nem fruta de jerimum,
Despenca dos itaquás sangrentos e se esbandalha
Nas roças de milho, nas roças de arroz e nos corgos,
Afugentando a sombra funda das canhadas;
Nas terras de milagre as águas prenhes dos garimpos
choram em cada bateia a lágrima dum diamante;
Mais pra arriba o grito pontudo do Cabuji
Achata o murmurejo religioso das juremas;
E quando lá no Amazonas as águas vadias se listram
Com os círculos dos jacarés que afundam pra descansar,
Vida de trabalho brabo, vida de todo dia.
Os gaiolas sobem lentamente o rio,
E os passarões, de pernas esticadas,
Mergulham em reta nas nuvens morenas do céu...

Tudo o que acorda na manhã do dia natural
Segue uma linha bem traçada, linha já sabida,
Aonde assusta de supetão o prisco do imprevisto,
Ver codorna que sem querer o camarada levantou.
Possuir consciência de si mesmo isso é a felicidade,
Isso é a glória de ser, fazendo o que será.
Que a vida de cada qual seja um projeto de casa!
Seco, o projeto agride o olho da gente no papel,
Porém quando a casa se agarra no lombo da terra,
Ela se amiga num átimo com tudo o que enxerga em volta,
Se adoça, perde a solidão que tinha no projeto,
Se relaciona com a existência, um homem vive nela,
E ela brilha da força do indivíduo e o glorifica.

Deflorar a virgindade boba do que tem de vir!...
Eu nunca andei metido em sortes nem feitiçarias,
Não posso contar como é a sala das cartomantes,
E minhas mãos só foram lidas pelos beijos das amadas,
Porém sou daqueles que sabem o próprio futuro,
E quando a arraiada começa, não solto a rédea do dia,
Não deixo que siga pro acaso, livre das minhas vontades.
O meu passado. . . Não sei. Nem nunca matuto nele.
Quem vê na noite? o que enxerga na escuridão assombrada?
O que passou, passou; nossa vaidade é tão constante,
Os preconceitos e as condescendências são tão fáceis
Que o passado da gente não é mais
Que um sono bem comprido aonde um poder de sombras lentas
Mostram que a gente sonhou. Porém não sabe o que sonhou.
Não recapitular! Nunca rememorar!
Porém num rasgo matinal, em coragem perpétua
Ir continuando o que um dia a gente determinou!

Eu trago na vontade todo o futuro traçado!
Não turtuveio mais nem gesto meu para indeciso!
Passam por mim pampeiros de ambições e de conquistas,
Chove tortura, estrala o mal, serenateia a alegria,
Futuro está gravado em pedra e não se apaga mais!
Por isso é que o imprevisto é para mim mais imprevisto,
Guardo na sensação o medo ágil da infância,
Eu sei me rir! eu sei me lastimar com ingenuidade!
Nombrada da terra em força nova na manhã!

Ao pé de mim São Paulo em rosa vibra cheirando vida!
O Sol abrindo o pára-quedas de ouro na amplidão
E peneirando o pólen do calor sobre esse mundo...
Rangem os caminhões. Padeiro entrega o pão. O leite
Ferve no fogo. A feira grita de cor. As notícias
Correm povo no galopão folgado dos jornais.
Auto-ônibus bufando. Tudo bufando, abrindo asa...
A cidade mexe de vida fresca, temporã.
É a manhã! é a manhã! a glória formidável da manhã!...
Eu fiz da minha vida sempre um rasgo, uma nombrada matinal...

Isso é a felicidade.

É a minha glória.

Melodia moura

Quando as casas baixarem de preço
Lá na cidade, Laura Moura,
Uma delas será sua sem favor.
Será um bairro bem central,
Pra que o nosso mistério engane mais.

Quando as casas baixarem de preço,
Você há de ter a vossa, Laura Moura,
Lá na cidade em que trabalho...
Há de ser bom, pousando o rosto em vosso colo,
Me entediar feito um dono,
Mal escutando as mágoas de você.

Laura Moura viverá bem sossegada,
Me servindo,
Toda puxada pelo Piauí.
Num *longing* quase bom,
Comendo alimentos comprados,
Laura Moura falará de Teresina
E das boiadas e dos boiadeiros
E da polvadeira seca do Piauí.

Quando as casas baixarem de preço,
Laura Moura, prenda minha,
Uma delas será sua sem favor.

Lá fora a bulha da cidade
Disfarçará nosso prazer.
E a gente, numa rede maranhense,
Ao som dum *jazz* bem *blue*,
Balancearemos no calor da noite,
Sonhando com o sertão.

O carro da miséria

a Carlos Lacerda

I

O quê que vêm fazer pelos meus olhos tantos barcos
Lenços rompendo adeuses presentinhos
Charangas na terra-roxa das estações um grito
Um grito não um gruto
Que me faz esquecer a miséria do mundo pão pão...
O quê que vem fazer na minha boca um beijo
A mulher da Bolívia agarrando
Um penacho de viúvas restritas
Restritas não restrutas
Que o papagaio repassa e põe na vida...
Ah... caminhos caminhos caminhos errados de séculos...
Me sinto o Pai Tietê. Dos meus sovacos
Saem fantasmas bonitões pelos caminhos
Penetrando o esplendor falso da América.
Dei-vos minas de ouro vós me dais mineiros!
Glória a Cícero nas vendinhas alterosas
Com a penugem dos pensamentos sutis
Feito ninho de guaxe
O passado atrapalha os meus caminhos
Não sou daqui venho de outros destinos
Não sou mais eu nunca fui eu decerto
Aos pedaços me vim – eu caio! – aos pedaços disperso
Projetado em vitrais nos joelhos nas caiçaras
Nos Pireneus em pororoca prodigiosa
Rompe a consciência nítida: EU TUDOAMO.
Ora vençam los zabumbas

Tudoamarei! Morena eu te tudoamo!
Destino pulha alma que bem cantaste
Maxixa agora samba o coco
E te enlambuza na miséria nacional.

V

Plaff! chegou o Carro da Miséria
Do carnaval intaliano!

Tia Miséria vem vestida de honour
Cor de cobre do tempo
Atrás dela recolhendo guspe.

O caronel o ginaral o gafetão
O puro o heróico o bem-intencionado
Fio da usina brasileira
Requebra o povo de Colombo.

Tia Miséria vai se ajeita
E tira o peido da miséria.
Mármore estralam rebentados
Vento sulão barrendo as chamas
Contorce os pinheiros machados
Zine o espaço carpideira
Arrancando os cabelos
Dos luminosos magistras
E à luz dos raios que te partam
Colhida pelos vendavais
Faz bilboquê com a bolinha do mundo
A cibalização cristã.

VI

Ah eu sei que as trompas fúnebres
Chamam os novos pra circuncisão!...
São os moços negros não da África
São os moços nugros lá das oficinas
Fábricas e chavascais
Chapéus fálicos no cocuruto
E enormes maracás simbólicos na mão...

Caipiras praieiros bichos-do-mato rendeiras

Trazei pro cortejo mil carros de milho!

A oficina apita no grão da arraiada
E vamos ter brigas e mortes que bão!

Ao poeta tu pagas ao farda tu pagas
Louvores e guerras escorre tostão...

Larinhos crespinhos e matarazinhos
Lá vem o esculápio num pingo quartão...

Mas eu sei sei que as tropas fúnebres
Chamam os novos para circuncisão!

Bilboquê por bilboquê
Os moços nugros lá da oficina
Fazem bilboquê da civilização

XII

Mas eu mas eu rapazes
Canto com convicção.

Eu canto as viúvas canto os marmeleiros
Canto o gosto do mel e da amplidão
Librar librar asas de ouro e granada
Sobre o Carro da Miséria
Mas si o carro está escarlate
Que parece um bonifrate
Isso é sangue era-não-era
Que só com a Vaca-Amarela
Parou o esguicho coagulou
Com tanta arte de repuxo
Que é ver pluma de avestruz
Zás-trás quem é?...

É o *chauffeur* que vem de Angola
Com a Internacional na boca
E o seu chapéu à espanhola.

XIV

Vou-me embora vou-me embora
Vou-me embora pra Belém
Vou colher cravos e rosas
Volto a semana que vem

Vou-me embora paz da terra
Paz da terra repartida
Uns têm terra muita terra
Outros nem pra uma dormida

Não tenho onde cair morto
Fiz gorar a inteligência
Vou reentrar no meu povo
Reprincipiar minha ciência

Vou-me embora vou-me embora
Volto a semana que vem
Quando eu voltar minha terra
Será dela ou de ninguém.

XV

Estes zabumbas que eu quero!
Quero a vida franca nobilitada
Esquecida dos séculos atrás

Vocês sombras ignaras das enxadas
Punidos sem razão nas camisas listradas
Mães pra ter filho mães pra lavadeiras
Vermes barrigudinhos chins e Almeidas
Avança avança contra toda a Cristandade!

General serás derrotado
Há de o sabor da vida alumiar tantas almas
Quantas o dia contiver
Por que não serão sombras os passados
Por que não há de a glória dos povos
Ruir em saudade inocência vazia dos tempos escuros
Vertigem de tanto crime que se foi?...

Ainda não viveste
Não refaças com dulce e suciadade
A longa vida de inferioridade
Que os séculos atrás acumularam
Há um fulgor bravo em se datar a entrada
Sem reviver puxando atrás de si
A cauda do pavão e mil olhos de séculos
Te castigando o andar debilitado.

XVI

Nasce o dia canta o galo
O salvador não nasceu.

Não foram esses heróis heróis revolucionários
Que ficaram heróis heróis revolucionários
Martirizados pelo encalhe do café
Não foram esses heróis vestidos de farda e farsa
Capazes de vencer na luta pizzico-física
Crentes ainda de corage e covardage
Que fizeram vosso dia
Não nasceu o salvador.

Nasce o dia canta o galo
Tudo é angústia e Tia Miséria
Grunhe junto aos portões feito capado e dorme
Acorda acorda Tia Miséria
Vem nascendo um dia enorme
Mas pouco se vê porém!
Oi Tia Misemiséria
Tens de parir o que espero
Espero não! esperamos
O plural é que eu venero
Nasce o dia canta o galo
Miséria pare vassalo
Pare galão pare crime
Pare Ogum pare xerém:

Pois então há de parir
Nossa exatidão também.

Lira Paulistana

13

Numa cabeleira pesada
Que ondula defronte de mim
 No bonde,
Há reflexos de sol vermelho.

Um calor nasce no meu corpo
Que todo se defronta em dedos
 Amigos
Que eu perco pelas multidões.

Os reflexos do sol vermelho
Incendeiam multidões
 Felizes
Que construirão a outra São Paulo

Que conduzirá meus dedos
Para a conclusão do meu corpo
 No leito
Duma cabeleira pesada.

Agora eu quero cantar
Uma história muito triste
Que nunca ninguém cantou,
A triste história de Pedro,
Que acabou qual principiou.

Não houve acalanto. Apenas
Um guincho fraco no quarto
Alugado. O pai falou,
Enquanto a mãe se limpava:
– É Pedro. E Pedro ficou.
Ela tinha o que fazer,
Ele inda mais, e outro nome
Ali ninguém procurou,
Não pensaram e Alcebíades,
Floriscópio, Ciro, Adrasto,
Que-dê tempo pra inventar!
– É Pedro. E Pedro ficou.

Pedrinho engatinhou logo
Mas muito tarde falou;
Ninguém falava com ele,
Quando chorava era surra
E aprendeu a emudecer.
Falou tarde, brincou pouco,
Em breve a mãe ajudou.
Nesse trabalho insuspeito
Passou o dia, e nem bem
A noite escura chegou,
Como única resposta
Um sono bruto o prostrou.

Por trás do quarto alugado
Tinha uma serra muito alta
Que Pedro nunca notou
Mas num dia desses, não
Se sabe por quê, Pedrinho
Para a serra se voltou:

- Havia de ter, decerto,
Uma vida bem mais linda
Por trás da serra, pensou.

Sineta que fere ouvido,
Vida nova anunciou;
Que medo ficar sozinho,
Sem pai, mesmo longínquo, sem
Mãe, mesmo ralhando, tanta
Piazada, ele sem ninguém...

Pedro foi para um cantinho,
Escondeu o olho e chorou.
Mas depois foi divertido,
Aliás prazer misturado,
Feito de comparação.
O menino roupa-nova
Pegava tudo o que a mestra
Dizia, ele não pegou!
Porque!... Mas depois de muito
Custo, a coisa melhorou.

Ele gostava era da
História Natural, os
Bichos, as plantas, os pássaros,
Tudo entrava fácil na
Cabecinha mal penteada,
Tudo Pedro decorou.
Havia de saber tudo!
Se dedicar! descobrir!
Mas já estava bem grandinho
E o pai da escola o tirou.
Ah que dia desgraçado!
E quando a noite chegou,
Como única resposta um sono bruto o prostrou.

Por trás da escola de Pedro
Tinha uma serra bem alta
Que o menino nunca olhou;
Logo no dia seguinte
Quando a oficina parou,

Machucado, sujo, exausto,
Pedrinho a escola rondou.
E eis que de repente, não
Se sabe porquê, Pedrinho
Para a serra se voltou:
– Havia de ter por certo
Outra vida bem mais linda
Por trás da serra! pensou.

Vida que foi do trabalho,
Vida que o dia espalhou,
Adeus, bela natureza,
Adeus bichos, adeus, flores,
Tudo o rapaz, obrigado
Pela oficina, largou.
Perdeu alguns dentes e antes,
Pouco antes de fazer quinze
Anos, na boca da máquina
um dedo Pedro deixou.
Mas depois de mês e pico
Ao trabalho ele voltou,
E quando em frente da máquina,
Pensam que teve ódio? Não!
Pedro sentiu alegria!
A máquina era ele! a máquina
Era o que a vida lhe dava!
E Pedro tudo perdoou.

Foi pensando, foi pensando,
E pensou que mais pensou,
teve uma ideia, veio outra,
andou falando sozinho
não dormiu, fez experiência,
e um ano depois, num grito,
louca alegria de amor,
a máquina aperfeiçoou.
O patrão veio amigável
E Pedro galardoou,
Pôs ele noutra trabalho,
Subiu um pouco o ordenado:

- Aperfeiçoe esta máquina,
Caro Pedro! e se afastou.

Era um cacareco de
Máquina! e lá, bem na frente,
Bela, puxa vida! bela,
A primeira namorada
De Pedro, nas mãos dum outro,
Bela mais bela que nunca,
Se mexendo trabalhou
O dia inteiro. Nem bem
A noite negra chegou,
O rapaz desiludido
Um sono bruto prostrou.

Por trás da fábrica havia
Uma serra bem mais baixa
Que Pedro nunca enxergou,
Porém no dia seguinte
Chegando para trabalhar,
Não se sabe porquê, Pedro
Para a serra se voltou:
Havia de ter decerto,
Uma vida bem mais linda
Por trás da serra, pensou.

Oh, segunda namorada,
Flor de abril! cabelo crespo,
Mão de princesa, corpinho
De vaca nova... Era vaca.
Aquele riso que faz
Que ri, nunca me enganou...
Caiu nos braços de quem?
Caiu nos braços de todos,
Caiu na vida e acabou.

Com a terceira namorada,
Na primeira roupa preta,
Pedro de preto casou.
E logo vieram os filhos,
Vieram doenças... Veio a vida

Que tudo, tudo aplainou.
Nada de horrível, não pensem,
Nenhuma desgraça ilustre
Nem dores maravilhosas,
Dessas que orgulham a gente,
Fazendo cegos vaidosos,
Tísicos excepcionais,
Ou formando Aleijadinhos,
Beethovens e heróis assim:
Pedro apenas trabalhou.
Ganhou mais, foi subindinho,
Um pão de terra comprou.
Um pão apenas, três quartos
E cozinha, num subúrbio
Que tudo dificultou.
Menos tempo, mais despesa,
Terra fraca, alguma pera,
Emprego lá na cidade,
Escola pra filho, ofício
Pra filho, um num choque de
Trem, inválido ficou.

– Sono! único bem da vida!...

Foi nessa frase sem força,
Sem história natural,
Sem máquina nem patente
De invenção, que por derradeiro Pedro na vida inventou.
E quando remoendo a frase,
A noite preta chegou,
Pedro, Pedrinho, José,
Francisco, e nunca Alcebíades, um sono bruto anulou.

Por trás da nova morada
Não tinha serra nenhuma,
Nem morro tinha, era plano devastado e sem valor,
Mas um dia desses, sempre
Igual ao ontem que passou,
Pedro, João, Manduca, não
Se sabe porquê, António,
Para o plano se voltou:

- Talvez houvesse, quem sabe,
Uma vida bem mais calma
Além do plano, pensou.
Havia, Pedro, era a morte,
Era a noite mais escura,
Era o grande sono imenso;
Havia, desgraçado, havia
Sim, burro, idiota, besta,
Havia sim, animal,
Bicho sem história,
Só da história natural!...

Por trás do túmulo dele
Tinha outro túmulo... Igual.

Obsessão

Na noite boca aberta num bafo rescaldo de mato
Escravos cabindas bum-bum bailam...
Lentos, lânguidos, olhos palermas, dentes brancos,
Escravos cabindas batendo umbigadas...
Vem do escuro da noite o convite carnal das sovacas,
Os negros remexem ardentes batendo umbigadas...
Os negros resfolegam fungando batendo umbigadas...
Primeiros corpos fugindo na sombra da noite...
Os negros fungando rolando na sombra da noite...
Últimos arrancos do samba bum-bum banzo
No bodum grosso dos corpos largados...

[SAMBINHA]

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.
Afobadas, braços dados, depressinha,
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.
As costureirinhas vão explorando perigos...
Vestido é de seda.
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas
As duas costureirinhas passam por mim.
– Você vai?
 – Não vou não!
Parece que a rua parou pra escutá-las.
Nem trilhos sapecas
Jogam mais bondes um pro outro.
E o Sol da tardinha de abril
Espia entre as pálpebras crespas de duas nuvens.
As nuvens são vermelhas.
A tardinha cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquelas duas costureirinhas...
Fizeram-me peito batendo
Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras!
Isto é...
Uma era ítalo-brasileira.
Outra era áfrico-brasileira.
Uma era branca.
Outra era preta.

Poema dramático

O poema dramático *Café*

Luiz Paixão Lima Borges

Embora seja bastante significativa a relação de Mário de Andrade com a música, revelada através de reflexões teóricas, e mesmo na composição de algumas letras do cancionário popular, seu projeto mais arrojado são, sem dúvidas, os dois libretos de ópera, *Pedro Malazarte* e *Café*.

Escrita em 1942, *Café* se caracteriza, ao contrário da ópera-bufa *Pedro Malazarte*, por sua carga dramática e força poética, sem perder o caráter popular, tão perseguido por Mário de Andrade.

Eu tenho desejo de uma arte que, social sempre, tenha uma liberdade mais estética em que o homem possa criar a sua forma de beleza mais convertido aos seus sentimentos e justiça do tempo da paz. A arte é filha da dor, é filha sempre de algum impedimento vital. Mas o bom, o grande, o livre, o verdadeiro está em cantar as dores fatais, as dores profundas, nascidas exatamente desta grandeza de ser e de viver.⁶

Consonante à qualidade literária da obra, há que se ressaltar a profunda consciência de Mário de Andrade, que configura esteticamente um dos momentos mais significativos da economia brasileira: produção, beneficiamento e exportação do café. Sua perspectiva silencia os “barões do café” para dar voz e visibilidade aos trabalhadores, homens e mulheres com os seus dramas, seus sonhos e a constante exploração da sua força de trabalho. Mário de Andrade localiza sua obra no porto, instante

⁶ ANDRADE. *Poesias completas*, p. 340.

de exportação do produto, e, em seus primeiros versos, define o caráter social da obra:

Minha terra perdeu seu porte de grandeza...
O café que alevanta os homens apodrece
Escravidado pela ambição dos gigantes da mina do ouro.
A planta nobre, o grão civilizador
Que jamais recusou a sua recompensa
Nada mais vale, nada mais.
Que farei agora que o café não vale mais!
Essa força grave da terra era também a minha força.⁷

O libreto é dividido em duas partes. A primeira é composta por uma descrição técnica da ação cênica a ser realizada durante a encenação. No entanto, não se limita exclusivamente, como na dramaturgia tradicional, a fornecer informações objetivas sobre o comportamento dos personagens e suas ações; o que se apresenta ali, mais que simples “rubrica”, é uma localização histórica dos diversos atos e cenas, complementado por um claro posicionamento crítico do autor a respeito do tema a ser tratado, como se pode verificar na primeira cena do primeiro ato, “Porto parado”: “Desde muitos que os donos da vida andavam perturbando a marcha natural do comércio do café. Os resultados foram fatais. Os armazéns se entulharam de milhões de sacas de café indesejado. E foi um crime nojento.”⁸

A segunda parte é o texto literário propriamente dito, escrito em versos, caracterizado pelo autor como “Concepção melodramática”, em três atos, a ser cantada por personagens, e por corais que acompanham o movimento dramático da ópera. Cada parte vem acompanhada de um título, o que empresta um caráter distanciado e crítico que define a estética e ideologia da obra.

Ainda inédita enquanto obra musical, o seu libreto tem merecido diversas montagens teatrais, sendo assim abordada como peça dramática. Cabe registrar que, na cidade de Belo Horizonte, foi realizada, na década de 1980, uma montagem produzida pelo Teatro Universitário da UFMG, dirigida por Haydée Bittencourt.

⁷ ANDRADE. *Poesias completas*, p. 345.

⁸ ANDRADE. *Poesias completas*, p. 321.

Café

a Liddy Chiaifarelli

Concepção melodramática

Primeiro ato

Primeira cena

Porto Parado

Desde muito que os donos da vida andavam perturbando a marcha natural do comércio do café. Os resultados foram fatais. Os armazéns se entulharam de milhões de sacas de café indesejado. E foi um crime nojento. Mandaram queimar o café nos subúrbios escusos da cidade, nos mangues desertos. A exportação decresceu tanto que o porto quase parou. Os donos viviam no ter e se aguentavam bem com as sobras do dinheiro ajuntado, mas: e os trabalhadores, e os operários, e os colonos? A fome batera na terra tão farta e boa. Os jornais aconselhavam paciência ao povo, anunciavam medidas a tomar. Futuramente. A inquietação era brava e nos peitos dos estivadores mais sabidos do porto parado, numa hesitação desgraçada, entre desânimos, a cólera surda esbravejava, se assanhavam os desejos de arrebentar.

A orquestra, de supetão, está agitadíssima, desagradável, quase tão irrespirável como o turbilhão que agita interiormente os estivadores. O pano se ergue rápido no armazém do porto. O armazém está sombrio, apenas no fundo a fresta da vasta porta de correr. As pilhas de sacas de café sobem até o teto no fundo, dos dois lados. Na frente, as sacas se amontoam mais desordenadas, às quatro, às três, outras sozinhas. Sobre elas, deitados, sentados, aos grupos, os estivadores quase imóveis esperam. Mais deixam raivar o turbilhão que têm do peito do que esperam, esperar o quê! A um lado, junto à ribalta, um grupo deles no chão quer matar o tempo no jogo do truco. A vestimenta de todos é a mesma, calças escuras, largas, e as camisas de meia com listas vivamente coloridas, vermelho e branco, azul marinho e branco, amarelo e roxo, verde e encarnado. Esta calça de veludo cor-de-charuto denuncia um espanhol, assim como a boina que ele traz. Estes bigodes no estivador gordo,

denunciarão o português. Tem a palheta de banda deste rapaz amuladado, e dois negros de cabeça ao vento, enormes, luzindo.

Na fresta da porta de fundo entra mais um estivador. Vem desanimado, lento, lerdo, se arrastando até o centro da cena. O jornal que tinham mandado ele buscar não trouxe notícia nenhuma, e ele o arrasta no chão, da mão pendida. Todos os estivadores se interessam pelo que dirá o recém-chegado, mas ele nem fala, coitado, faz um gesto só: amarfanha o jornal de parolagem e o atira com nojo no chão. E o desânimo agora abafa a todos, mais completo. Aqueles homens enormes, forças brutais, se sentem feito crianças na decisão a tomar. Como será possível que aquela terra deles, sempre tão ativa, tão generosa também, tenha perdido assim o seu porte de grandeza?... O que fazer, agora que o café está baixo, sem valor. E manso, melancólico, sofrido o queixume daqueles homens fortes enche o bojo sombrio do armazém. E morre num abafamento implacável. Talvez fosse melhor morrer... E os estivadores se estiram por aí, na fraqueza vil da pasmaceira. Os jogadores voltam ao seu truço disfarçador. Fosse domingo, iriam ser sugados totalmente de suas forças morais, no futebol apaixonante, que isto, os generosos donos da vida não se esquecem de arranjar. E ainda um italiano e o rapaz da palheta se adormecem no jogo da morra. E parece que nada vai suceder.

Mas eis que duas mulheres de repente espiam pela fresta da porta. São eles sim, são os companheiros que elas andaram buscando pelos botequins do cais. Mas o portuga do boteco deu o basta no fiado e eles vieram ali. As mulheres, raivosas, correm a porta do armazém em toda a extensão. E agora se enxerga bem nítido o porto parado, a linha reta do cais vazio, o verde gasto do mar vazio, e um céu claro, branquiçado, sem nuvens, da mesma impassível desolação.

E o grupo agitado de umas vinte mulheres corre para o centro da cena. Estão quase delirantes, não podem mais, os filhos choram em casa pedindo pão, elas também estão famintas, e os maridos, os companheiros, o que fazem? Os seus vestidos femininos de fazendas lavradas, botam uma nota turbulenta e multicolor no ambiente. "Eu quero o meu pão!" que elas gritam, quase desvairadas. Mas aqueles homens, amolentados ainda pela indecisão, num desalento cínico não têm mais esperança

em nada. “Quem pode dar pão!”, eles murmuram, ecoando em cinza de eco, o grito vivo das mulheres.

Quem pode dar pão?... O café pode dar pão. Sempre dera o pão, a roupa e a paz relativa dos pobres. Mas agora aquele companheiro generoso de outros tempos, jaz ali, inútil, vazio de força, como o cais, como o porto: vazio. E as mulheres e os homens, numa alucinação, contemplam as pilhas mudas de sacas. Eles amam, sempre amaram aquele café paterno, que agora parece falhar. Mas ainda há-de estar nele a salvação de todos. As mulheres se aproximam das sacas, se abraçam com elas, contando os seus segredos de miséria, acarinhos o grão pequenino que não falhará. E o grão pequenino lhes segreda o segredo que eles não se animavam a se revelar. Aquela fome que eles sentiam não era apenas uma fome de alimento, mas outra maior, a fome milenar dos subjugados, fome de outra justiça na terra, de outra igualdade de direitos para lutar e vencer.

E o pano desce lentamente, dando tempo a que o segredo que a cena revelou, se grave pra sempre no coração de todos os oprimidos.

Segunda cena

Companhia Cafeeira S.A.

Também noutras partes daquelas terras a fome e a angústia vai feroz. A orquestra, muito triste e abafada, chega coleando, fazendo esforço pra saber o que será da existência. Mas eis que se aclara porque o pano sobe nos dando o céu claro das dez horas da manhã, cafezal pleno. A cena mostra uma encruzilhada de carregadores, árvores já taludas, com oito anos, saias grandes pousando na terra-roxa. Na ponta dum dos carregadores está uma laranjeira carregadinha de fruta madura. É o único gesto de altura, vivo de cor, variando os horizontes longínquos, largos, levemente ondulados no célebre cafezal da Companhia Cafeeira S.A.

Os colonos estão por ali, terminando de almoçar. É fácil de perceber idade e condição deles pela roupa. As moças solteiras estão de vestido vermelho, cor sexual de quem deseja homem na vastidão dos campos. Os rapazes já não querem mais a cassa das camisas bordadas, com que os pais deles chegaram da Europa bestial das aldeias. Estão de azulão vivo, e algum já terá seu chapéu de caubói, aprendido no cinema.

As mulheres casadas, relembram a *Colona sentada* de Cândido Portinari, a saia de um vermelho já bem gasto e lavado, aquela espécie de matinê largo de um azul quase cinza, bem neutro, e o lenço também de vermelho gasto, protegendo os cabelos. Os seus maridos, calças de brim cinzento que aguenta a semana, camisas brancas, sem brancura. As velhas estão de preto completamente, e os velhos estão ridículos, com suas calças grossas, muito largas, pardacentas, e aqueles blusões de cores que foram vivas, rosadas, amareladas, esverdeadas. As meninas de vermelho, e os meninos da cor do chão.

Pois um destes não se conteve. Percebendo que todos estavam distraídos na arrumação dos badulaques do almoço, roubou uma laranja da árvore, a furou com o dedinho e vai chupá-la. Uma velha viu, mostra o menino à outra. Aliás vários colonos viram, mas fingem que não: que o animalzinho aprenda por si. E o menino, se imaginando livre de olhares, chupa a fruta com ansiedade. Faz uma careta e joga a laranja longe, enquanto velhos e velhas caem na risada. Agora o bobo vai ficar conhecendo pra sempre o provérbio da terra: "Laranja no café, é azeda ou tem vespeira."

Mas a mocidade e os casados, menos filósofos pra se divertirem com os provérbios da experiência, já agarraram no trabalho da colheita. Nada dispostos, aliás, mecanizados, fatalizados apenas pela obrigação. O almoço foi insuficiente, já de muito que os colonos não recebem pagamento, o café para nas estações do trem de ferro, os armazéns não fiam mais. A visão da fome espia nas esquinas dos carregadores. Os velhos enfim se decidem a trabalhar também. Mas imediatamente lhes volta a dureza da realidade e um deles, num assomo de desabafo ao menos físico, coça a cabeça com raiva e dá um pontapé na saia da árvore que devia colher.

Ora, sucedeu que justamente no instante do pontapé, chegavam pela boca esquerda da cena, os donos da Companhia Cafeeira S.A. e os comissários. Ex-donos aliás, porque se vendo na possibilidade de curtir alguns anos gastando o que já tinham amontado, eles acabaram de entregar a fazenda aos comissários, como pagamento de dívida. É gente bem vestida, está claro, vestindo brim do bom. Só que os comissários estão de "brim de linho S.120", como se diz, branco, corte de cidade,

pra luzir nos escritórios e na Bolsa. Os donos ainda trazem o brim cáqui, de fazenda, calça de montar, polainas bem engraxadas, chapéus largos, panamás legítimos.

Esquecidos de que a fazenda já não lhes pertence mais, ficam indignados com o velho e a colheita destratada, passam pito. Os colonos vão pra baixar a cabeça, mas as mulheres, sempre a mulher que é mais perfeita, intervêm irritadas, desesperadas, a discussão cresce rápida, se azeda. Tem um momento em que tudo está pra estourar. Os colonos vão perder o tino, vão “amassar” aqueles senhores impiedosos que não arranjam nada, não querem pagar os ordenados de meses, pouco estão se amolando com a fome dos pobres. É um instante bravo de silêncio aquele da decisão. E os donos se preparam também pra brigar, buscando sem disfarce os revólveres no bolso traseiro da calça ou na cinta. Qual, assim não vai mesmo nem adianta: o melhor é abandonar a fazenda, desistir daquela espera improvável, ir buscar pão onde ele se esconder. E os colonos anunciam que abandonarão a fazenda. Não era isto exatamente o que os senhores queriam. Queriam era a submissão, a sujeição total. Em todo caso livraram as epidermes, e aproveitam a decisão dos colonos pra fugir dali, um bocado apressadinhos não tem dúvida, mas bancando gestos de indignação.

E agora os colonos estão sós. Então consigo de novo, e a orquestra, com eles, cai na realidade terrível. Acaso não teriam sido precipitados por demais?... É o desemprego, é o caminhar nas estradas do acaso, é o bater nas portas, é o mofar na impiedosa indiferença das cidades. Se sentem inermes, desprotegidos, incapazes. Têm a noção muito vaga ainda de que tudo é um crime infame. Não poderão gritar. A poeira dos caminhos vai secar a voz nas gargantas. Ou poderão gritar! Não sabem, não conhecem, não entendem. Parece que tem momentos nesta vida dura em que a gente se revolta, não é porque queira decididamente se revoltar, mas porque uma força maior move a gente e se fica sem capacidade mais pra não se revoltar. As velhas já partiram em busca da colônia, arranjar seus trastes, suas trouxas. As mulheres casadas principiam partindo também. Melancolicamente. E o pano cai depressa, bem depressa.

Segundo ato

Primeira cena

Câmara-Balé

É bem difícil explicar o que teria levado o autor à invenção subitânea deste Câmara-Balé, que até pelo nome, já denuncia a sua intenção de vaia. É possível se crer, se deve crer numa humanidade tão civilizada que permita a existência de Câmaras eficazes. E afinal são sempre Câmaras a cachimbada dos Velhos na tribo e as salas improvisadas dos soviets. Por isto, a intenção do Câmara-Balé se limita, é vaia, mas por tudo quanto de falsificação e de ridículo, os anões subterrâneos do servilismo fizeram das Câmaras o que a história conta. Ineficientes, traidoras e postas a serviço dos chefes.

Estamos em plena farsa, e até o pano “farseia”, não querendo subir, caindo de repente. Os personagens são vários, pois o enredo cai em cheio numa sessão de Câmara de deputados. A mesa da presidência está na boca da cena, bem junto do ponto, e por trás dela se vê as bancadas numa inclinação leve, de maneira que presidente, vice, e os secretários da Mesa dão as costas ao público, ao passo que os deputados nos encaram de frente. E mais ou menos a meia altura da cena, atrás, estão as galerias da assistência pública. Quando a reunião não é secreta.

A sala de sessões é bem chique, todos os móveis, mesa, bancada, parapeito das galerias, até o chão, tudo branquinho, dum branco alvar. Ao passo que todos os personagens da Câmara estão de preto, Mesa e deputados de sobrecasaca, e um *plastron* gordo com uma enorme pérola branca de enfeite. Os serventes também de preto, com os botões de prata no dólmã. E os jornalistas? Se os serventes são cinco, de pé, do lado direito da cena, na mesma linha da Mesa, na mesma linha ainda da Mesa, mas do outro lado, os jornalistas também são cinco, sentados em cadeiras enfileiradas, uma atrás da outra. Sucede que as cadeiras jornalísticas estão de perfil pro público, não deixando por enquanto ler o título do jornal a que cada uma pertence, por honra e graça inusitada e inusada dessa força enorme e tão facilmente servil que é o jornal. Ora, os títulos dos jornais da terra, que se erguem do encosto das cadeiras,

são *O Patativa, Diário da Luz, O Clarim, O Providente* e o *Jornal das Modas*. Os jornalistas também se vestem seriamente de preto, mas não usam sobrecasaca mais, são modernos. Usam um paletozinho curto, calças apertadas ainda mais curtas acabando um palmo acima do tornozelo, deixando ver as lindíssimas meias brancas de seda e os *escarpins* de verniz. E quanto a gravatas, aiosamente, os jornalistas só aceitam enormes gravatas cor-de-rosa, com um laço borboleta bem pintor, são lindos. Francamente, esse tal de jornalista é um amor.

Como se vê, tudo é branco e preto. O que vai variar de colorido muito é o pessoal das galerias, que será o mais berrantemente colorido possível. Repetem-se as camisas-de-meia dos estivadores, o azulão proletário, dólmas, quepes, o cáqui de um soldado-raso. Mas as mulheres, muitas e também com tons vivos, serão fazendas lavradas, fazendas de ramagens, fazendas “futuristas” com desenhos abstratos de muitas cores berrantes. Nada de tecido duma cor só, logo se perceberá por quê.

E da mesma forma que o presidente e o vice, alguns personagens têm seus nomes distintivos. Tem, por exemplo, o Deputado do Som-Só, o Deputado da Ferrugem, o Deputado Cinza e o Secretário Dormido.

Quando ergue o pano, está falando o Deputado do Som-Só, um escolado velhusco, que já sabe que se falando num som só, todos dormem e as falcatruas se fazem com mais facilidade. Tem o discurso escrito num papel gigantesco, difícil de manejar de tamanho. Como era de esperar todos dormem, toda a Mesa, os vários deputados, todos os jornalistas, e até um único operário que está nas galerias e ronca de papo pro ar. Só os serventes à direita é que parolam suas intriguinhas de ofício, problemas de gorjetas, intercâmbio de amantes de deputados, chamados de magnatas e banquetes oficiais – a vida deles. É o Quinteto dos Serventes.

E este é que acaba musicalmente porque o Deputado do Som-Só não acabaria nunca, se não fosse entrar o Deputadinho da Ferrugem, muito novo ainda, filho de chefe político não há dúvida, com ar de quem descobriu a pólvora. Não vê que tendo estudado Direito e se formado em nove anos rápidos, percorreu o *Corpus Juris* e toda a legislação existente, e com assombro (lá dele) descobriu que ainda ninguém não legislara sobre o ínclito fenômeno da ferrugem nas painéis de cozinha. E decidiu salvar a pátria. Se fechou seis meses a fio num cabaré, só saindo pra

comer dinheiro público na Câmara, e escreveu um discurso de embolada maravilhoso sobre o dito assunto. Ele é que entrou pimpante, na emoção gavotística da estreia felicíssima que os jornais já elogiaram. Está claro, durante todo o bailado é um entra-e-sai de deputados que não se acaba. Ao passo que as galerias vão se enchendo pouco a pouco e quando arrebentar a bagunçona, estará repleta.

Pois o Deputadinho da Ferrugem está louco pra falar, mas quem disse o Deputado do Som-Só dar fim ao lero-lero. Agora todos acordaram, menos o Secretário Dormido, sempre de bruços, sonhando sobre a mesa. O resto não, quer escutar a estreia do Deputadinho da Ferrugem. Os jornalistas aspiram tomar muitas notas. Pegam do chão, ao lado, os seus maços de papel pra notas, que pelo maço e o tamanho servem também pra outra coisa, e os lápis, que lápis! desses gigantescos, feitos pra anúncio nos mostradores das papelarias. Mas vamos ter o discurso, porque entrou um polícia muito lindo, até polainas brancas, bateu no ombro do Som-Só e fez pra ele parar. Ele para que é só pra isso mesmo que ele existe e principiará dobrando o discurso, dobrando que mais dobrando até o fim do Câmara-Balé.

O Deputadinho da Ferrugem fala enfim. Fala bem, fala verdade, e é tão gostosa a fala *andantino grazioso* dele, que entre aplausos e gostosa satisfação toda a Câmara entra no movimentinho suave se movendo pendularmente de cá pra lá, de lá pra cá. Menos o povo das galerias que procura saber o que se decide da vida. Um operário não se contém afinal. "Pra que falar em ferrugem de panela, se não tem o que cozinhar!" ele estoura. Outros querem que se trate do problema do café. Os deputados se contrariam muito, o presidente bate no sinão enorme. Ora, no princípio do discurso da ferrugem, o Secretário Dormido, que já estava cansado da posição, se aninhara no colo do secretário seu vizinho e lhe dormira no ombro. Meio que acorda com a baguncinha do povo, muda de posição outra vez. Se ajoelha no chão, com a bunda nos calcanhares e se debruça no assento da sua própria cadeira, aí pondo sobre os braços, a cabeça dormida.

Ora, nos bastidores estava esperando que o discurso acabasse o Deputado Cinza. Não que pretendesse fazer discurso também, não vê que ele ia se comprometer. Mas o Deputado Cinza é desses uns que

gostam muito de estar bem com todos. Eu cá sou pelo que é justo, como eles dizem. D'áí se vestirem completamente de cinzento, que é a cor neutra por excelência. Pois do que mais ele havia de se lembrar! Industriou bem (pensou que industriou) a Mãe, uma colona cheia de filhos, fez ela decorar um discursinho bem comodamente infeliz, contando que os filhos tinham escola dada pelo Governo, roupa de inverno dada pela Liga das Senhoras Desusadas e muito feijão com arroz que o Ministério da Abastança iria plantar no ano que vem. Remédio então era mato, remédio, dentista, calista, manicura, boninas, *water-closet* e balangandãs. A Mãe decorou, decorou, custava decorar aquele final dizendo que a vida estava triste e o Governo era muito bom, não havia jeito de lembrar as palavras! Mas enfim estava ali nos bastidores com o Cinza, esperando muito nervosa, diz que era pra ela falar naquele meio de tanta gente elevada tão limpa. De forma que quando, amedrontado com a baguncinha o Deputadinho da Ferrugem acabou, uf! ela não quis entrar e o Deputado Cinza teve que arrastar a infeliz pro recinto lustroso da Câmara. E a Mãe entra chamando a atenção de todos. Coitada, botou o único vestido completo que ainda possuía. É aquele vestido todinho encarnado vivo, duma cor só. Na cabeça, escondeu os cabelos destratados no lenço de cetineta verde vivo. E traz consigo os três filhinhos que não tinha com quem deixar. Os dois maiores, que andam, se agarram horrorizados na saia dela. O recém-nascido lhe dorme no braço, envolto no xale amarelo cor-de-ovo. E de cor-de-ovo estão também os outros dois, fazendinha que sobrou de incêndio. E a Mãe com os filhos botam a cor do alarma no recinto. Que será! que não será! E o Deputado Cinza gesticulava pra ela: "Fala, diabo de mulher!" Mas a Mãe estava horrorizada, queria, pedia pra sair, fugir dali. "Fala, diabo!" que ele gesticulava.

Então a Mãe se viu perdida. Numa espécie de delírio que a toma, se evapora todo o discurso decorado. Sem resolver, sem decidir, sem consciência, sem nada, apenas movida por um martírio secular que a desgraça transmite aos seus herdeiros, ela se põe a falar. Não são dela as palavras que lhe movem a boca, são do martírio secular. São palavras duma verdade não bem sabida, não bem pensada, são palavras bobas. Muitos deputados vão-se embora pra não perder tempo. Outros adormecem. Falar nisso: o Secretário Dormido mudou de posição outra vez. A

cadeira estava incômoda decerto. O fato é que ele a empurra e sempre de joelhos, põe os braços no chão e sobre eles descansa a cara dormida, agora se amostrando ao público, e a bunda ao vento, erguida como parte principal dos secretários de Câmaras.

Bom, os demais não estão muito se amolando com a fala da Mãe, só as galerias lhe devoram as palavras. E aos poucos, deputados, jornalistas, serventes, a Mesa, todos esses anões subterrâneos do servilismo, utilizados pelos gigantes da mina de ouro, todos, pra não escutar tanta besteira, se botam recordando o maravilhoso discurso sobre a ferrugem das panelas de cozinha. E o mesmo ritmo balangado de antes volta aos poucos e afinal se afirma franco, quando as palavras alucinadas da Mãe se tornam insuportáveis de ouvir. Tudo se mexe, tudo cantarola, tudo dança na Câmara. Os jornalistas montaram a cavalo em suas cadeiras e com pulinhos vão formando roda, afinal mostrando os títulos dos jornais ao público. Os serventes também dançam de roda, se dando as mãos. O que fez o presidente? É que, não podendo mais escutar os gritos lamentosos da Mãe, mas correspondendo a ele, a galeria, realistamente se move, se revolta, insulta, berra, diz nomes feios com razão. E o presidente, movendo o sino engraçado, não vê que se esqueceu da vida e está brincando com o sino, jogando ele no ar. Também o Deputado Cinza, quando viu a bagunçona estourar, disse consigo: "Bem, cumpri com o meu dever, agora lavo as mãos." Lavou mesmo. Lavou na água astral do cinismo, e pra enxugá-las, puxou do bolso aquela espécie de lenço de Alcobaça, lenço não, lenço vasto, de todas, mas todas as cores. De todas as cores.

Mas isto não se aguenta mais, é o cúmulo! Onde se viu agora o povo querer ter opinião! Onde se viu nunca as Mães falarem! Aqui é que entra o destino precípua da polícia dos gigantes. Entram corvejantes nas galerias uns polícias, tiram os sabres com realismo cru, e principiam chanfalhando o povo. Como reagir, ainda somos poucos, a coisa inda não se organizou num destino unânime. Ainda não surgiu do enxurro das cidades, o Homem Zangado, o herói moreno que os há de anular na erupção coletiva final. E o povo foge, as galerias se despovoam, enquanto mais dois polícias, que entraram no recinto da Câmara, levam presa, aos

empuxões, aquela doida. O pano cai com violência, sem achar mais graça nenhuma na farsa.

Segunda cena

O Êxodo

São os ritmos de uma marcha pesada, arrastada, fatigadíssima já. Sons tristes, sons lastimosos, se diria de marcha fúnebre. Estamos numa dessas estaçõezinhas do trem de ferro, postadas nos vilarejos de três, quatro casas, pra serviço de embarque da grande indústria do café. Até lhe puseram o nome de "Estação Progresso", que se lê na tabuleta do início da plataforma, que começa no meio do palco. A estaçõezinha mesmo quase não se vê. Apenas, na direita da cena, o princípio do edifício e quase meia porta apenas. É a tardinha. Pra cá da plataforma e do edifício passa a linha do trem. No lusco-fusco rosado, os trilhos ainda colhem um resto mais franco de luz. A paisagem do fundo ainda se percebe, cafezal, cafezal, o cafezal infundável, no ondular manso dos morros. Nada mais.

Só aquela marcha pesada que vem chegando. Primeiro chegam os moços. São os colonos, aqueles mesmos colonos da famosa Companhia Cafeeira S.A. que vimos despedidos no primeiro ato. Na frente vieram os moços, mais fortes, que podem andar sem a ajuda de ninguém. Rapazes e raparigas, cada qual vem por si, e param por aí, na espera do trem de segunda classe, que ninguém sabe a que horas será composto. Não há mais vagões de segunda classe. É que de todas aquelas terras felizes, agora tornadas invivíveis, o povo está fugindo. Onde vão parar? São estes os que vão parar desocupados nas esquinas das ruas, no para-peito dos viadutos, nos crimes da noite urbana, roubando quando podem, esmolando, matando pra roubar. São os criminosos. Não os criminosos natos, são os criminosos feitos.

Pois os moços se arrancharam por aí, na espera do trem. Brincam, são moços. Os namorados aproveitam pra namorar, se separando aos pares. Mas os outros passam o tempo com brinquedos ásperos de colonos, se atiram coisas com intenção de machucar um pouco, sem machucar não é brinquedo, meio que se generaliza esse brinquedo, até que aquela rapariga mais perigosa teve a ideia melhor. Tirou da trouxinha um alimento, uma última banana que toma o cuidado de mostrar bem. Todos

ficam logo desejando e ela atira a banana bem no meio da cena. Isso, os rapazes todos se atiram sobre a fruta boa, até os namorados se esqueceram que amavam. E aquele bolo humano, pernas, braços, tombos, se mexemexendo no chão. Um consegue a banana e com brutalidade se destaca do grupo, triunfante. Vai pra comer, mas ainda com tempo se lembra da proprietária. Lhe põe a banana na boca que ela morde com vontade, enquanto ele devora o resto. Ninguém mais está com vontade de brincar. Uns sentam no chão, outros na plataforma. Fazem silêncio, mudos, pensativos, e se escuta outra vez o ritmo lamentoso da marcha, na orquestra.

Agora são os casados que chegam. Estes vêm aos pares, braços dados, se ajudando. E também se ajeitam por aí, sem mais nenhum ar de brinquedo. Não sabem brincar mais. O coração está apertado com aquela solução de vida. Pois não venceram tantos trabalhos, tantos sacrifícios, não aguentaram tantas omissões? Agora já estavam bem regularmente arranjados na vida. Tinham enfim conquistado as graças daquela cidade terrível, postada como sentinela impiedosa na abertura dos caminhos de serra-acima, dona das sete doenças do frio, não deixando ninguém passar. Mas eles tinham conseguido vencer a ciumenta de serra-acima e então ela os tomara pelas suas próprias mãos e os trouxera para aqueles chãos felizes. E eles tinham amado tanto aqueles chãos... Ali a vida era boa, e o trabalho sadio, muitos enriqueciam e se passavam para o bando dos gigantes... Eles amavam aqueles chãos e quem disse pensar em partir outra vez! Haviam de viver e de morrer ali. Mas aqueles chãos felizes e a cidade legítima foram traídos, a ruína chegara, o café apodrecera no galho. E como o fumo ácido afugenta os insetos de beira-rio, eles também partiam de seus chãos, afugentados pela fumaça torva do café queimado.

É quase noite já. A cólera ronda aquele troço de infelizes. O ódio aos gigantes da mina fareja sangue no ar. Tudo está escuro, muito escuro já. Apenas na fímbria do horizonte uma faixa encarnada violenta denuncia a existência de um sol. A orquestra marcha cada vez com mais dificuldade, se arrasta aos socos pesadíssimos de pés exaustos. Muito longe se escuta um rumor estranho, feio. Parecem uivos lamentosos, parecem choros de morte. E o rumor aumenta pouco a pouco, aumenta. Agora se

distingue bem: são uivos, são lamentos humanos, são gritos horríveis de imprecação. E os colonos tapam os ouvidos, escondem os olhos, se agitam, não suportam aquela visão horrível que vem chegando. E vêm chegando os grupos de velhos e crianças. Parecem monstros, pencas de monstros, aos três, aos quatro, se ajudando em grupo, que ninguém pode consigo mais. O chefe da Estação Progresso surgiu da meia porta. Atravessa a cena, e bem aqui na frente, na ribalta, pendura um cartaz que trouxe e lhe põe uma lâmpada por cima, pra que todos saibam que

“TREM DE SEGUNDA CLASSE
NÃO HAVERÁ MAIS”

É o que diz o cartaz. E naquele estrondar de uivos, de lamentos lancinantes, os grupos vão atravessando a cena toda e desaparecem. Ritmo cadenciado, lento, aos empuxões pesados. Ritmo de coisa que marcha por desgraça, ritmo de supliciados. E o pano cai ainda mais lento, como sem cair, enquanto os grupos marcham, se arrastam, se morrem naquela marcha monstruosa.

Terceiro ato

O Dia Novo

O que eu chamo de “Dia Novo” é o dia da vitória da revolução que afinal acabou estourando mesmo. Chegara enfim o tempo em que o povo não tivera capacidade mais pra não se revoltar, se revoltara. Vai haver luta, briga brava em cena, que estamos num desses tentáculos de guerra com que a revolução se espriando pela cidade convulsionada, a dominara afinal. As mulheres, no cortiço em que a cena se desenrola, são mulheres de operários, as mesmas vestimentas vivas das mulheres dos estivadores do primeiro ato. Os soldados da situação governista estarão num cáqui acinzentado bem neutro, contrastando com as cores vivas dos revoltosos. Estes, carece fazer todos eles vibrar muito no colorido. São operários, estivadores, ascensoristas em vermelho, rapazes estudantes com suas blusas de esporte, uniformes civis, empregadinhos. E alguns soldados também, mas dólãs abertos, lenço encarnado no pescoço, libertados de seus quepes.

O pano subiu vagarento num completo silêncio musical. É noite, não se divisa nada no escuro, apenas umas luzinhas vão se abrindo muito longe e talvez, no fundo uma pequena mancha rubra. Um clarão de incêndio talvez. O palco está vazio. Depois de um meio minuto decorrido assim, mais para o fundo do palco, se ilumina um lampião de rua. Luz bem fraca, desses lampiões destratados de bairro pobre, não permitindo perceber ainda o pano de fundo, jogando apenas a sua mancha branquiçada sobre o muro que lhe está na frente e separa o pátio do cortiço em que estamos, da rua que faz o fundo do palco. Como que despertado pela iluminação do lampião, um instrumento grave na orquestra principia rondando entre as tonalidades, numa voz indecisa.

Eis que bem na frente, junto à ribalta, no canto direito de cena se acende uma lâmpada e o espectador ainda pega a operária com os dois braços erguidos, no ato de fazer a ligação elétrica. E a lâmpada nova apenas ilumina esse interior de casinha, uma das várias que dão para o pátio do cortiço. Mas como a janela da casinha está aberta, uma réstia larga de luz vai morder o chão do pátio. Pátio naturalmente vazio, sem plantas, sem nenhum prazer. Bem no centro dele, junto do ponto quase, está o poço, que naquele bairro pobre e longínquo ainda não chegou a rede de águas e esgotos.

Mas naquele pedaço pequeno de casinha operária, a mulher está meia inquieta, meia sem quefazer. Vem à janela e fica espiando as bulhas da noite. A orquestra, soturna sempre, está se arrepiando toda de frasi-nhas angustiadas. A luz da casinha mostra apenas, mais para a frente a mesinha do rádio, talvez um banco, e mais no fundo um colchão no chão, onde já dormem duas crianças-bo-necas de três e cinco anos. Mas a mais velha, seus sete anos, está acordada, muito entretida em mexer com o rádio. Afinal consegue obter uma ligação e na soturnidade do ambiente, o espíquer agudo principia contando coisas da revolução. Meio parece parolagem o que ele diz, cheio de frases-feitas. Diz que a revolução está vencendo, mas isso toda a gente diz, faz três dias que o marido dela não aparece, e esta coisa não se acaba nunca! Irritada a mulher fecha o rádio. Mas a orquestra agora já se completou, e divaga, cheia de bulhas soturnas, arrepiada de frasinhas de ansiedade, um caos inquieto, de interrogações e ameaças.

É neste instante que se abre a porta duma das casinhas do cortiço, do outro lado da cena. E mais uma luz de lâmpada elétrica que morde o vazio do pátio. Um meninote surgiu, seus dez anos. Se escuta um grito atrás dele. E o menino foge atravessando o pátio todo e vindo, por instinto, na direção da outra luz, da casinha iluminada. Mas vem atrás dele a mãe correndo com angústia, o persegue, o consegue alcançar já bem próximo da janela luminosa que o chamou, o esconde nos braços, o protege com o corpo, não vá alguma bala perdida destruir aquele filho. Com o grito, a mulher da casinha se precipitou para a janela. Porém, não foi ela só que escutou o grito. De todas as casinhas, as portas se abrem, jogando jatos retos de luz no pátio. E surgiram por elas mulheres, mulheres moças, casadas, algumas velhas trôpegas, vêm saber, querem saber, correm todas pra junto da mulher e seu filho, estão assustadíssimas, o grito ainda as desarvorou mais naquela inquietação medonha da espera, estão juntinhas umas das outras, e se contam o seu susto, num cânone veloz, que as ideias e os sentimentos de todas são sempre os mesmos e lhes encurtam numa corrida desesperada o pensamento e o coração.

Um grito de alarme rasga a cena. Passou um homem fugindo pela rua, atrás do muro. A orquestra zanga, esbravejando muito, e em bulhas abafadas na rua, por detrás do muro, se percebe que um grupinho de homens persegue o fugitivo. Há um pequeno choque de armas. Um tiro, um soluço de dor, um tombo pesado. Batem com fúria no portão do cortiço. As mulheres estarecidas nem se mexem, como que até se unem mais, um bloco humano apavorado. Mas a menina da casinha sabe lá agora o que é revolução! Estava mexendo no rádio outra vez e consegue ligar de novo. E o rádio, como falara mesmo, enquanto espera notícias frescas pra comunicar, está no lero-lero duma valsa besta, bem "hora da saudade", em pleno choro de sensualidades fáceis. A valsa chega a tocar seu bom minuto, porque a mulher, ainda muito tomada de pavor, à janela, junto das outras, não pusera reparo na festa. Mas afinal percebe, faz um gesto de desesperada, vem, fecha o rádio, empurra a menina pra longe.

Mas corre à janela outra vez. Não vê que o barulho recrudescer na rua, e não tem dúvida mais, a revolução chegou no bairro afastado, e agora é um grupo grande que está brigando na rua. O som parece

agradável, que os soldados governistas estão mudos, mas a voz clara, entusiasmada, viril dos revolucionários vai cantando, luta cantando, com o som da música animando os corações. Mas batem com violência, batem muito no portão. A luta parece que vai cessar outra vez, cessar não, vai passar, vai continuar subindo a rua, já deve ter virado a esquina longe, o silêncio volta, mais claro, porque era visível, os revolucionários é que vinham perseguindo os situacionistas.

Tam... tam... tâtam, batidas convencionais no portão. Isso uma mulher, completamente vestida de amarelo, se destaca do grupo, corre feito doida, amalucada, corre rapidíssimo até o centro do pátio, não sabe o que fazer, gira sobre si mesma na indecisão, morde uma mão com a outra e afinal se atira ao portão e abre, o abre ao meio, e pelo vão entram rápido dois operários arrastando um chefe revolucionário, visivelmente um chefe, no dólma aberto uns galões de sargento e na camisa a mancha rubra do sangue. Está gravemente ferido e vai morrer. Mas agora as mulheres perdem o medo, o esquecem, chamadas ao seu destino de mulher. Se afobam. Entram nas casinhas, saem, trazendo água, panos, uma almofada bem cor-de-rosa pra encostar o moribundo. O qual, carregado pelos dois rapazes e a esposa, veio ser sentado na borda do poço. Mas ele não tem forças mais, escorrega para o chão, enquanto a mulher o aninha no seu peito pra morrer, escorregada com ele. Os dois rapazes operários não têm mais nada que fazer ali, o chefe está em melhores mãos. Um parte rápido e a mulher que lhe vai abrir o portão, agora ficará junto deste, pra abrir se necessário. Mas o outro fica, meio esquecido da luta, é o chefe do esquadrão dele que morre. Em pé, ereto, o rapaz sofre muito e mesmo num momento, num gesto raivoso de vergonha, limpa com as costas da mão a lágrima. Mas o chefe se estertora na morte. Chega a visita da saúde. Para de tremer, vai erguendo o pescoço, se soergue nos iraços da mulher que não existe mais pra ele, nem sabe que ela está ali, não saberá mesmo? Os sentidos são muitos. Na aparência, o moribundo apenas com os olhos desmesuradamente abertos e o ouvido à escuta colhe e devora os ruídos da luta que recrudescer na rua. Então o chefe repara no operário ali inútil, vendo ele morrer. Faz um gesto raivoso de ordem. O operário vai pra obedecer, hesita, volta, beija a testa do chefe e parte, desaparecendo pelo portão. O chefe soergue mais o torso,

dá um sorriso de esgar vitorioso e cai morto. A mulher chora soluçando sobre o corpo dele.

As coisas se precipitam. A luta está completamente generalizada por detrás do muro. As mulheres, dignificadas pela morte do chefe, reagem, se entranhando na sanha da luta. Só a menina, completamente de alma azul, está mexendo no rádio outra vez. Por vezes, em cima do muro há um reflexo de baioneta. O portão às vezes é violentamente sacudido. Os cantos se sucedem, coléricos, em fuga, vêm os gritos insultuosos dos soldados governistas, reagindo cegos, feito anões. São anões. E o canto dos revolucionários se torna cada vez mais firme e pertinaz. Não é agitado mais, nem rápido. É firme. É obstinado. E pertinaz. "Fogo e mais fogo! Fogo até morrer" cantam num fugato feroz. A bulha da luta aberta é alastrada pela orquestra. Se abre, muito no longe um clarão de incêndio mais forte. E aos poucos irá, nos clarões rubros dos incêndios, se delineando a paisagem vasta do fundo. Estamos num subúrbio alto e todo o pano de fundo, sem nenhum céu, é a vista da cidade. No longe, batido pelos incêndios, é o centro da cidade com seus arranha-céus formidáveis. Mais próximo, são as casas de um, de dois andares do bairro, com as janelas de perto suficientemente largas pra se abrirem, aparecer gente nelas.

O portão foi de novo sacudido com ansiedade. E o soldado fugitivo surgiu no alto do muro, trepado. Ao ver o grupo das mulheres, agora decididas, eretas, enérgicas, hesita. Mas sempre a um fugitivo governista um grupo de mulheres soará menos perigoso que gente bêbeda de revolução, o soldado pula no pátio. Mas logo atrás dele um revolucionário, um estudante apenas, seu blusão de esporte, tem dezenove anos, vem perseguindo o covarde, apenas com um pau na mão. Pula no pátio. Um clarão fortíssimo de um segundo ilumina toda a cena. Foi uma granada que arreventou bem perto, mas que a música, por elevação de arte, desdenhará fazer soar. E o covarde, atemorizado com a criança que lhe vai bater de pau, como ele apenas merece, atira a carabina longe e se joga de joelhos aos pés das mulheres, pedindo a vida. Elas caem sobre ele e o estraçalharão sem piedade, sanhudas. O rapazelho troca o pau pela carabina do soldado, abre o portão, se engolfa na luta, agora enfim entrevista pelo público. E o canto enorme de guerra, nota contra nota, harmônico,

sem grã-finagens mais de polifonias, unânime, coletivo, se alastra largo e potente pelo teatro todo. "É guerra! É guerra! É revolução!... É de parte a parte fogo na nação!... É hora, é hora, é hora! Chegou! chegou! chegou!..." Uma das mulheres agarra o pau abandonado pelo estudantinho, corre ao portão, se engolfa no bolo de morte, batendo, mordendo. A menina conseguiu ligar o rádio outra vez, que agora está berrando as últimas notícias. O presidente da nação já fugiu do palácio e se escondeu no quartel da polícia. Os revolucionários já estão de posse dos Correios e Telégrafos... No Bairro Dourado os gigantes da mina do ouro resolveram morrer com muita aristocracia, bancando Maria Antonieta, marias-antonieta de borra, em grande toailete, se embebedando que nem gambás. "Patrão! Patrão! Patrão!" invocam os soldados governistas, pedindo água pra anões subterrâneos. E fogem pelo pátio, entram pelas portas das casinhas, fugindo. Os revolucionários os perseguem sem piedade. Um novo clarão vivíssimo, mais vivo, mais próximo que o primeiro cega a cena toda, o muro cai com a explosão. As mulheres estão lutando também. O rádio grita, berra, estronda, "Vitória! Vitória!" o presidente foi preso, o Bairro Dourado está em chamas. Os clarões dos incêndios agora clareiam toda a cidade longínqua, lambendo as paredes dos ilustres arranha-céus, as pombas enlouquecidas se agarram nas marquesas dos arranha-céus, "Piedade! piedade!" berram os soldados jogando longe as armas de aluguel. "Perdão! perdão! perdão!" Mas os revoltosos, cegos, impiedosos, que piedade nada! "Café! Café! Café!" gritam desvairados, "café! café! café! Vitória! Vitória!" E vêm, quem são! são os palhaços, são anões subterrâneos, são apenas um magote de deputados de negro, vêm, são as prima-donas da vida, vêm, junto da ribalta, entre a casinha iluminada e o poço, vêm, e com gestos de prima-dona, botando as mãos no peitinho, caem mortos, formando um bolo de cadáveres divertido. E vêm, vêm também numa revoada, um ramilhete de aristôs de ambos os sexos, casacas, decoletês, vidrilhos, garrafas de uísques, de champanha, define, vêm até a ribalta, do lado oposto ao dos deputados e caem mortos noutro bolo engraçado de esqueletos podres, emborcando pela última vez as garrafas desonradas.

E vem, mas até parece outra, no delírio da vitória, vem a Mãe no seu vestido vermelho estraçalhado, um seio todo à mostra, o lenço verde

da cabeça caindo num dos ombros, vem completamente louca, delirando, com uma enorme bandeira vermelha e branca nas mãos. Avança, corre, seguida de muitas mulheres tão selvagens como ela, tão assanhadas, tão doidas, manchadas de sangue, rasgadas, muitos revoltosos as seguem cercando o grupo feroz. Ferozes, ferozes, todos rindo em esgares horríveis, caras numa exaltação primária, são monstros admiráveis, irracionais, faz medo olhar. Todas as janelas de fundo estão abertas, iluminadas, com gente incitando os vitoriosos. Os incêndios tomaram tanto a cidade que tudo está claro agora, violentamente clareado numa luz vermelha. A Mãe trepou no poço. Tem aos pés o chefe que morreu, tem as irmãs em torno, os revolucionários cercando, todo o palco cheio da vitória. Os camarotes, frisas do proscênio são invadidos por mais gente da vitória com suas enormes bandeiras vermelho-e-branco oscilando. Só a menina, depois que o rádio acabou de falar, já cansadinha foi dormir com os manos no colchão.

A calma desce do ar, a calma forte, já agora mais sadia e humana da vitória, e a Mãe se imobiliza. Todos são dominados pela grandeza augusta daquela mulher. E ela entoia o hino da vitória da vida, que todos repetem. "Eu sou a fonte da vida, Força, Amor, Trabalho, Paz!..." Os holofotes estraçalham as últimas escurezas esparsas no ar. E o povo berra imensamente vasto: "PAZ!..." o pano cai com estrondo.

Eu me sinto mais recompensado de ter feito esta épica. Dei tudo o que pude a ela, pra torná-la eficaz no que pretende dizer, lhe dei mesmo com paciência os mil cuidados de técnica, pra convencer também pelo encantamento da beleza. Mas duma beleza que nunca perdi o senso, a intenção de que devia ser bruta, cheia de imperfeições épicas. Nada de bilros nem de buril. Pelo contrário, muitas vezes a perversidade impiedosa da ideia definidora por exagero, fiz acompanhar da perversidade tosca da voluntária imperfeição estética.

Me sinto "recompensado" eu falei, não tive a menor intenção, nem sombra disso! de me dar por feliz. Como eu tenho uma saudade incessante dessa paz, dessa "PAZ" que os vitoriosos invocaram para um futuro mais completado em sua humanidade. Eu tenho desejo de uma arte que, social sempre, tenha uma liberdade mais estética em que o homem possa criar a sua forma de belezas mais convertido aos seus sentimentos e

justiças do tempo da paz. A arte é filha da dor, é filha sempre de algum impedimento vital. Mas o bom, o grande, o livre, o verdadeiro será cantar as dores fatais, as dores profundas, nascidas exatamente desta grandeza de ser e de viver.

Há de ser sempre amargo ao artista verdadeiro, não sei se artista bom, mas verdadeiro, sentir que se desperdiça deste jeito em problemas transitórios, criados pela estupidez da ambição desmedida. Um dia o grão pequenino do café nunca mais apodrecerá largado no galho. Nunca mais os portos de todos hão de se esvaziar dos navios portadores de todos os benefícios da terra. Nunca mais os menos favorecidos de forças intelectuais estarão nos seus lugares, porque não tiveram ocasião de se expandir em suas realidades. Não terão mais de partir, na busca lotérica do pão. Então, estarão bem definidas e nítidas pra todos as grandes palavras do verbo. Terá fraternidade verdadeira. Existirá o sentido da igualdade verdadeira. E o poeta será mais verdadeiro.

Então, o poeta não "quererá" ser, se deixará ser livremente. E há de cantar mandado pelos sofrimentos verdadeiros, não criados artificialmente pelos homens, mas derivados naturalmente da própria circunstância de viver. Me sinto recompensado por ter escrito esta épica. Mas lavro o meu protesto contra os crimes que me deixaram assim imperfeito. Não das minhas imperfeições naturais. Mas de imperfeições voluntárias, conscientes, lúcidas, que mentem no que verdadeiramente eu sou.

Tragédia coral em três atos

O poema

Primeiro ato

Primeira cena

Porto parado

(A cena representa o interior de um armazém de café, no cais. Os Estivadores na entressombra.)

I

Coral do Queixume

Os Estivadores:

Minha terra perdeu seu porte de grandeza...
O café que alevanta os homens apodrece
Escravizado pela ambição dos gigantes da mina do ouro.
A planta nobre, o grão civilizador
Que jamais recusou a sua recompensa
Nada mais vale, nada mais.
Que farei agora que o café não vale mais!

Essa força grave da terra era também a minha força.

Ela era verde e me ensinava o futuro.
Ela era encarnada e audaciosa
Era negra e aqueitava o meu coração.
Foi ela que deu à minha terra o seu porte de grandeza
E hoje nada mais vale, nada mais.

Café!... Café!... Eu exclamo a palavra sagrada
Café!... O seu fruto me trazia o calor no coração

Era o cheiro da minha paz, o gosto do meu riso
E agora ele me nega o pão.
Que farei agora que o café não vale mais!

Porte de grandeza, odor da minha terra, força da minha vida,

Que farei agora que pra mim não vales mais!

(Os Estivadores se encostam nas pilhas de sacas de café, desanimados. Um grupo deles, no chão, está jogando baralho.)

II

Madrigal do truço

Um Jogador Solista (em parlato):

– Truco!

(cantando):

Arreda porteira! Aí vai
Os peitos do Zé Migué
Laranja não tem caroço
Jacaré não tem pescoço
Truco de baralho velho!

O Grupo Madrigalista:

Seis papudo! Sai tapera
Seis seu cara de tatu
Seu portão de cemitério
Arapuca de bambu
Toma seis que três é pouco!

Sai do caminho porqueira
Toma nove, seis é pouco
E diga porque não quer
Quem não pode não me espera
Seu cara de jacaré!

Truco mesmo! Sai perneta
Reboco de igreja velha
Esteira de bexiguento
Sapicuá de lazarento
Sumfítico arrisque o tento!

Trucou, aguenta a parada
Carrapato é bicho feio
Tem cabelo até no joeio
Mosquito não leva freio
Pernilongo não se capa!

(O compositor poderá, se quiser, juntar com o truco, de um certo momento em diante, mais dois cantores jogando a morra, um italiano e um preto, porque assim o ariano cantará “Trè! Cinque!” etc., lá na língua de Dante, e o tizio, cá bem na língua nossa de Camões, secundando “Dois! Óito!”)

III

Coral das famintas

(Umás mulheres aparecem na fresta da porta de fundo do armazém. Correm a porta larga que agora deixa ver cais vazio e mar vazio. E as mulheres dos estivadores irrompem desabaladamente pela cena.)

As Mulheres (em frases amontoadas):

- Eu tenho fome! Meus braços já se armam na ordem
[fatal da maldição!
- Não sou mais eu! Não choro mais em vão!
- Porto parado! mar vazio! sangue à vista!
- Eu tenho fome! Na minha boca nasce a palavra da
[decisão!
- Não sou mais eu! Chegou a hora da destruição!

Tutti das Famintas:

Não aguento a fome
Não há mais perdão
Deus dorme nos ares

Os donos na cama
Acordo no chão
Eu quero o meu pão!

Não aguento a fome
Lei no coração:
Malditos os homens
Maldito este tempo
Maldita esta vida
Eu quero o meu pão!
Eu quero o meu pão!

Não aguento a fome
Nesta maldição
Ódio em minha boca
Sangue nos meus olhos
Ordens nos ouvidos
Eu quero o meu pão!
Eu quero o meu pão!
Eu quero o meu pão!

Os Estivadores (enquanto a orquestra se melancoliza, baixinho, repetindo em eco a mesma frase melódica final das *Famintas*):

– Quem pode dar pão!...

IV

Imploração da fome

(À última pergunta, os *Estivadores* e suas *Mulheres* olham para as pilhas de sacas inúteis de café. Ficam como que extáticos, delirantes, quase sensuais de amor.)

Os Estivadores e suas Mulheres (coral misto):

Ôh grão pequeno do café, escuta o meu segredo
Grão pequenino
Não te escondas assim no silêncio infecundo

Grão pequenino
Não dorme na paz falsa da morte, a fome indica os

[caminhos

A fome vai fatalizar os braços
Grão pequenino do café!

Pois não escutas o rebato surdo das ventanias
Grão pequenino
Não vês o clarão breve dos primeiros fogos
Grão pequenino
Logo eu te acordarei da paz falsa da morte
E tu reviverás, razão da minha vida,
Grão pequenino do café!

EU SOU AQUELE QUE DISSE:

Eu tenho fome! eu tenho muita fome!

Grão pequenino

É uma fome antiga, de milhões de anos que renasce

Grão pequenino

Nem todo o trigo do universo feito pão

Acalmava esta fome antiga e multiplicada

Fome de fome

Fome de justiça

Fome de equiparação

Fome de pão! fome de pão!

(O pano vai caindo)

Segunda cena

Companhia Cafeeira S.A.

I

Coral do Provérbio

(Os Colonos, acabado o almoço, retomam de má vontade o trabalho de colheita, maltratando as plantas. Aliás, pouco antes um meninote colheu uma fruta madurinha daquela laranjeira nascida em pleno cafezal, foi pra

chupar e jogou fora. Velhos e velhas sorriram melancólicos, coralizando breve e reflexivamente sobre o provérbio: “Laranja no café – É azeda ou tem vespeira”. E retomam de má vontade a colheita. Um velho se exaspera, dá um pontapé na saia do cafeeiro, justo quando aparecem os donos da Companhia Cafeeira S.A. e seus comissários.)

II

A discussão

Os Donos (solenes):

– A ordem é de expulsar o que maltrata as árvores
[inocentes!

Colonos (homens melancólicos e mansos):

– Malvado o que abusou da inocência do fruto, o
[encarcerando nos armazéns insaciáveis, o
[queimando nas caieiras clandestinas da madrugada!

Os Donos (ásperos):

– Tonto é o que fala sem saber as altas leis da História!

Colonas (se abespinhando, há várias vozes amontoadas):

– História! A fraqueza do humilde, a espreteza do sábio!
– Não posso mais! Não posso mais!

Colonos (irritados, entrando na resposta das mulheres):

– Ainda o último verão não secava os caminhos e já me interrogavam as manhãs... O alarma vem chegando...

Os Donos (muito a gosto):

– Lavamos nossas mãos, eis vossos donos novos! (com gesto imponente aos Comissários) Falai, donos finais!

(Estupor geral dos colonos.)

Colonas:

– O homem não é propriedade do homem!
– Não posso mais! Não posso mais! (bis, ter, *ad libitum*)
– Mas quem paga! quem paga! quem paga!

Os Comissários (querendo acalmar, num unísono mecânico de quem já sabe de cor o que vai dizer):

– Oh fecundos trabalhadores rurais! Vós sois a fonte de toda a grandeza de nossa querida pátria! Falar é prata mas a paciência é ouro. Ora

sulcamos o *mare magnum* encapelado numa crise mundial que ameaça subverter a santa ordem das coisas...

Colonas (interrompendo irritadíssimas):

- Quem paga! quem paga! quem paga!
- Não pode ser! Não pode ser! (*bis, ter, ad libitum*)
- Fome chegou! Fome chegou! (*ad libitum*)

Comissários (imperturbáveis):

– ... a paciência é a maior virtude do operário! Os respeitáveis pais da pátria já garantiram ufanos que nem bem finde o próximo verão, secador dos caminhos, as Câmaras alvorotadas cuidarão do enigmático problema do café! Fé!... Fé!...

Colonas e Colonos (amontoados):

- O ano que vem! (sempre frases repetíveis *ad libitum*)
- Dia de São Nunca!
- Não posso mais!
- Quem paga! quem paga! quem paga!

Comissários e Donos:

– Mas senhores fecundos trabalhadores rú-

A Coloniada (em *hochetus*):

- Isso é conversa...
- ... pra boi dormir!
- Palavras ocas...
- ... ouvidos moucos!

Donos e Comissários (em *hochetus*):

- Calai-vos, brutos!
- Respeitai os chefes!

As Colonas (avançando dois passos):

– Mas tendes fome! tendes fome!

Comissários e Donos (depois de leve hesitação):

– Mas estamos profundamente tristes.

Colonos Velhos:

– Tristeza não paga dívida!

Os Rapazes (avançando dois passos, feito as Colonas):

– Triste, de barriga cheia!

As Moças (caçoando amargas):

– Vou fazer um vestido com a chita tristeza!

As Casadas (avançando mais um passo, no rojão):

– Vou dar pra meu filho só leite tristeza!

Casados e Velhos (avançando também mais um passo, coléricos):

– Eu pago armazém com dinheiro tristeza!

Donos e Comissários (inocentérrimos):

– Mas que quereis vós que façamos nós!

Colonos (tutti):

– Pagar!

Comissários e Donos:

– Pagar não podemos.

Colonos:

– Pagar!

Comissários e Donos:

– Pagar não podemos!

(Bagunça coral dos Colonos, a várias vozes mistas, sobre exclamações a escolher: “Unha de fome!”; “Avarentos e avaros!”; “Mentira! Mentira!”; “Maldição!”; “Quem paga! quem paga! quem paga!.”)

Comissários e Donos (uníssono):

– Paciência! Pagar não podemos! se arranjem!

(Silêncio completo de supetão, coros e orquestra. Os Colonos oscilam pra frente no desejo de avançar e matar. Comissários e Donos recuam meio passo, levando a mão aos revólveres. O que decidir! E súbito, numa violenta rajada da orquestra:)

Colonos (tutti):

– EU SOU AQUELE QUE DISSE: Não fico mais neste

[pouso maldito! Eu parto!

Eu vou-me embora! Adeus! adeus!

(Donos e Comissários aproveitam a decisão pra sair, meio com excessiva pressa. Dois Colonos que, durante a discussão, tinham mordido laranjas sem reparar, jogam fora as frutas, repugnados, enquanto ecoa pianíssimo na voz exausta das velhas o provérbio: “Laranja no café – É azeda ou tem vespeira”.)

III

Coral do Abandono

(A orquestra se acalmou, tristíssima, abatida. Nos Colonos imóveis bate nítida a visão da partida. Estão abandonados a si mesmos. Já pelo fim do cântico, irão partindo primeiro as Velhas, depois as Casadas, esboçando um movimento de êxodo.)

Os Colonos (coral a seis vozes mistas):

Um tremor me alucina o pensamento...

Nos meus pés indecisos vão rolar as estradas
A minha voz de porta em porta
Há de implorar o direito de vida...

A cada volta do caminho
Na poeira vermelha que me embaça os olhos
E apaga a minha voz
Me sentirei morrer nessa morte ignorada
Que o sol dos verões seca logo
E a poeira cobre eternamente.

E nada ficará como prova do crime insensato.

No túmulo das estradas estão escondidos
Milhares de mortos de bocas abertas.
Qual a culpa que me castiga
Na eternidade desta boca aberta?
Esta boca aberta a que ninguém responde
Boca aberta que o sol dos verões seca logo
A que a poeira apaga a voz.

Tutti (harmônico, de caráter hínico):

Povo sem nome das terras aradas
Tu vais morrer na poeira das estradas!
Mas uma voz te mandará do espaço
A lei maior te fataliza o braço!

Muitas vezes a gente se revolta
Não que falte a paciência de lutar
Muitas vezes a gente se revolta
Por incapaz de não se revoltar.

(Pano)

Segundo ato

Primeira cena

Câmara-Balé

(A cena representa o recinto duma câmara de deputados. Junto à ribalta a mesa da presidência, anfiteatro das bancadas em seguida, e no fundo, a meia altura, as galerias do público.)

I

Quinteto dos serventes

(Junto à ribalta, os cinco serventes em murmúrio, se comentam coisas deputadais, jogatinas, cambalachos, amantes, gorjetas. Todos dormem no recinto. Durante o diz que diz que dos serventes, está falando um deputado velho, bem sabido na arte das câmaras.)

O Deputado do Som-Só (num som pedal que durará todo o quinteto):

– ... Plápláplá chiriri côô pum. Blimblimblim térére xixi pum. Furrum-fum-fum, furrum-fum-fum. Pipi pipi pipi pipi a caridade pôpô. Porque zunzum zunzum zunzum baile das rosas lero-lero lero-lero lero -ler lero-lero! Cacá cacá cacá cacá cacá cá-pum?... Pois tataca teteca titica totoca tutuca! Pum!... Côôpum!...Xixipum!... Pipi pum!... Sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá sclá dem-dem pum. pum!... Térére térére térére térére

a grande dama pôpô. Bois sacré railway Tobias Barreto patati lenga-
-lenga fonfom pum. Sclá sclá sclááa!... Sclááááa!... Scláááááááááááááá-
scláááááááááááááááá!.. Xi!... Xi!

(Mas entrou o deputadinho estreiante filho-de-papai que está louco
pra falar. O polícia bate no ombro do Deputado do Som-Só dizendo pra
parar e este obedece com mansidão. Agora todos se acordaram, menos o
Secretário Dormido e querem escutar.)

II

A embolada da ferrugem

(No fim de cada estrofe os deputados aplaudem, convencionalmente fre-
néticos. E estão se conversandinho sobre como vai a saudinha, cassi-
nos, comissões, amantes, mulatas, corridas de cavalos e o presidente da
República Pôpô. Aos poucos, com o ritmo gostoso da embolada vão se
movendo num vaivém de corpos agradável e em breve toda a Câmara, a
Mesa, deputados, jornalistas, serventes, está dançadançando no alegrete
celestial. Uma voz da galeria, gritará num momento dado, indignada,
protestando.)

O Deputadinho da Ferrugem:

Sobre a ferrugem
Das panelas de cozinha

Do país maior mistério
Diremos uma cousinha
O assunto é sério
Que as cozinheiras já rugem
Coléricas com a ferrugem
Das panelas de cozinha.

Sobre a cozinha
Com ferrugem na panela
Tragédia gloriosa e bela
Desta pátria queridinha
Ouvide! embora
Nossas palavras se sujem

No tremedal da ferrugem
Das panelas de cozinha.

Porque as panelas
Com ferrugem, meus senhores,

Na cozinha são penhores
De vitamina mesquinha
Pois a verdade
Não se oculta com a babugem
Da Oposição: há ferrugem
Nas panelas de cozinha.

Dizer que não
Há ferrugem quem dirá
Nas panelas de cozinha
Garantimos que isso há
Juramos que há
E os maus não tujem nem mugem
Pois bem sabem que há ferrugem
Nas panelas de cozinha.

E tantas provas
Da cozinha não encobrem
Que as panelas se manobrem
Com essa ferrugem daninha
E se quiserdes
Damos prova de lambugem
Rejurando que há ferrugem
Nas panelas de cozinha.

E se a ferrugem
Não sairá sem mais aquela
Da cozinha na panela
Por ser cousa comezinha
O que propomos

É deixar que se enlambuzem
Nossos lábios com a ferrugem
Das panelas de cozinha.

III

A endeixa da Mãe

(Mas sucedeu que com o grito do homem irritado, as galerias principiaram se manifestando ainda tímidas. Vem um ritmo batido de vaia, murmurando num terceiro plano sonoro "Café, café, café – Café, café, café" um sem número de vezes, o presidente bate o sino. Todos reprovam muito, escandalizados, a falta de educação das galerias, com aquele povinho, numa bagunça ainda discreta, em que se escutam, espirradas num *stretto* surdo, frases como "Vá carregar piano!"; "Tééré não resolve!"; "Isso é conversa pra boi dormir!"; "Desgraça pouca é bobagem!"; "Deixa de lero-lero!". Durante a baguncinha o Deputado Cinza aproveitou pra entrar no recinto da Câmara. Entrada espetacular, porque ele vem puxando a Mãe. Ela se assusta com o ambiente, quer fugir. O Deputado Cinza ordena que ela fale, ela implora partir, ele insiste. E a Mãe, se vendo mesmo perdida, no medo, no susto, meio que delira.)

A Mãe:

... Depois que o grão apodreceu no galho
A miséria chegou com seus dias compridos
E as noites curtas por demais que a fome acorda.
Nunca mais o meu filho fugiu da horta
Amassando na boca as alfaces.

Os peitos das mães já secaram
Caíram as cercas das hortas
Vendeu-se a vaca, fugiu o sabiá dos pomares
E muitos homens jazem podres
Nos botequins de beira-estrada
Nos armazéns do cais vazio
Nas grunhas do conluio da noite.

Falai se há dor que se compare à minha!...

Nos caminhos da noite pressaga
Os infelizes vêm chegando, vêm chegando
Conduzidos pela estrela da cidade.
São todos os que abafaram o sonho, meninos
Todos os que só amaram no susto e no arrependimento
[da procriação]

Os que se viram já velhos sem ter o que recordar.

São os famintos, são os rotos, são os escravos,
São os mil e um cativos da vida, em procriação.

Falai!...
Falai se há dor que se compare à minha!...

No avanço lerdo dos bois
Os infelizes vêm chegando, vêm chegando.
A sentinela avançada de serra-acima
Se erriga toda de estátuas, de espantalhos, de estafermos
[doentes]

Movidos pelo rito da esmola e do furto.
Acaso não vedes que o ponteiro está chegando na hora?
As estátuas comungarão fatais no crime hediondo
Acaso não vedes que o ponteiro chega na hora do crime
[hediondo?]

Os peitos da Mãe se enrijarão no escudo seco de aço
Ruirão por milagre os muros, ruirão fortalezas e forças
A guerra vai passar com seu rancho de peste e de morte
Varrendo tudo na batucada infernal.

Falai!... Falai!...

Falai se há dor que se compare à minha!...

Ôh gigantes da mina do ouro
Ôh anões subterrâneos da servidão
Ôh magnatas e seus poetas laureados, galões e galinhas,

Pastéis, pastores, professores, jornalistas e genealogistas,
Furta-cores camiseiros e pontapezeiros,

Ôh melancias e melaços, burros borras, borrachas, molhos
[pardavascos

Oh grandavascos e vendidavascos
O vosso peito ladrilhado com pedrinhas diamantes
E concho e vazio feito a bexiga do Mateus
Monstros tardios sem olhos sem beijo sem mãos
O que fizestes do sentido da vida!
Oh vós gigantes da mina e vós anões subterrâneos
Falai!
O que fizestes, o que fizestes do sentido da vida!...

EU SOU AQUELA QUE DISSE:

Raça culpada, a vossa destruição está próxima!
Já o pato bravo avoou na escuridão da noite
E as gaivotas gritam no alarma lunar da praia!
Pois não vedes que os seres do campo e da rua
Estão se aquerenciando no malhadouro da praça
Já indiferentes ao chamamento passivo do ninho!
Raça culpada, a vossa destruição está próxima!
A aurora feito um gato verde se assanha por trás da cidade

E rompe antes do dia as barras triunfais do dia!

(Só que pelo meio da endeixa o povo das galerias não se conteve mais. E enquanto os deputados, não querendo escutar as verdades que

a Mãe estava clamando, reencetavam a dançinha e a cantarola da embo-
lada anterior, o povo estourou numa bagunçona desesperada. Gritam
em vozes amontoadas, em sanha: "Canalhas! Vendidos!"; "Infames!
Malditos!"; "A raiva incendiou meu desejo! Não quero mais dormir!";
"Nasceu a tigre dos caminhos! Eu baterei na porta dos gigantes!"; "Um
chefe! Um chefe!"; "Ele não para de crescer! Ele está rutilando por trás
da cidade!"; "Café, café, café – Café, café, café!". Os policiais estão chan-
falhando o povo das galerias. Levam a Mãe presa. Os deputados dançan-
dinho sempre.)

(Pano com estrondo)

Segunda cena

O Êxodo

(Na estaçãozinha do trem de ferro. Vêm chegando os colonos, respon-
dendo ao apelo da cidade. Primeiro chegam os solteiros, rapazes, garo-
tas. Estão esperançados, quase brincalhões. Confiantes de viver na
cidade terrível.)

I

Coral Puríssimo

Os Solteiros:

Quero trabalho
Firme nas ancas
Sede na boca
Força no braço
Brinca esperança
No peito cheio
Quero o trabalho.

Quero alegria
Mão na cintura
Canto na boca
Braço no braço
Peito batendo
De amor ardente

Quero a alegria.

Quero descanso

Cintura grossa

Riso na boca

Filho no braço

Sopa cheirosa

Calma de todos

Quero o descanso.

II

Mimodrama

(Comentados e sublinhados pela orquestra, os moços gastam o tempo entrebrincando. Uns namoram, outros empatam o jogo dos namorados. Principiam se atirando coisas, chapéus, trouxinhas de roupa. E uma tira de sua trouxa a banana que mostra no ar. Todos esperam com ânsia. Ela atira a fruta no chão, e os rapazes avançam na disputa, rolam no trilho, um bolo de homens, o que consegue pegar a banana, vai pra comer, se lembra da rapariga, lhe põe a banana na boca. Ela morde com volúpia, ele engole o resto. Vão se acalmando, sentando por aí, na espera do segunda classe. A orquestra cai no ritmo pesado de marcha, pesado.)

III

Coral da Vida

(Agora vêm chegando os casais. Estão fatigados e ardentes. Sérios. Aos pares. Os solteiros logo se afinam com os recém-chegados que também se arrancham por aí na espera do trem. Há como que uma intensificação ardente de vida em todos. A tarde está se avermelhando.)

Casados e Solteiros (coral misto a quatro vozes):

Cafezal grande na calma fatigada da tarde...

Uns homens de fala vagarenta e de nariz furão

Conquistaram estas paisagens, os chãos mais felizes da

[terra

Para sobre eles plantar o oceano da esmeralda
E eu vim à chama vermelha do grão pequenino.

Porém no princípio dos chãos está postada a cidade terrível

Grandiosa e carrancuda, histórica e completa
Cheia de passado e futuro, inimiga cinzenta do estranho,
Dona das sete doenças irascíveis do frio.
No seu rumor resmungam as animosidades desconfiadas
Dos seus bueiros brota o sentimento da solidão.
A cidade terrível repudiou o mar fácilimo
E se escanchou grimpada no penedo mais alto de serra-

[-acima

Gritando a todos o seu gélido e agressivo Quem vem lá!

Eco, fora de cena:

- Quem vem láááaa!...

Casados e Solteiros:

Mas eu penetrei na cidade inimiga e os meus pés não

[queriam andar de saudade

E a Terrível riu seu riso de garoa pervertida
E me fez punir as sete provas.
Ela me fez passar pelas sete provas da promessa.
A primeira foi obedecer mas eu me opus.
A segunda foi mandar e então eu obedeci.
A terceira foi sonhar mas eu me equilibrei num pé só e

[não dormi.

A quarta e a quinta foram roubar e matar
Mas eu, cheio da fragilidade, beijei de mãos abertas.
A sexta, a mais infamante de todas, foi ignorar.
Mas eu, chorando, provei o pó amargo da rua e lembrei.
Então a cidade insidiosa, cheia de música e festa,
Passou a mão de bruma nos meus olhos, me convidando

[a esquecer.

Mas eu com uma rosa roubada na abertura da camisa

Gritei no eco do mundo: Eu sou!

Eco, fora de cena:

- Eu soooooou!... Eu soooooooooooooou!...

Casados e Solteiros:

Pois então a cidade se fez mãe e eu descansei nela uma

[noite e um dia.

Ela é a mãe do trabalho, mãe do pensamento,

Ela é a mãe carinhosa do lar fechadinho bem quente

E nas suas noites graves todos dormem sem sonhar.

Só na lucidez do seu frio ácido

Só nela se pode beber o vinho generoso de corpo grosso

Só nela é permitido bailar sem vertigem

Só nela é possível querer sem miragem

Só nela, feiosa e leal, se eriça na boca do homem

O sal da verdade da hora

Sem se tornar salobro à glória do passado.

E depois que eu descansei a noite e o dia

A cidade me levou para os chãos mais felizes da terra Onde tudo é
carícia no seio dos morros mansos Onde o calor é ouro no dia coroadado
por noites de prata.

Ôh cafezal! cafezal grande na mágoa sangrenta da tarde

Gosto de um tempo acabado, será permitido sonhar?...

Raça culpada, raça envilecida maldita,
Os gigantes da mina com os seus anões ensinados
Traíram a cidade e os chãos felizes.
E tudo foi, tudo será desilusão constante

Enquanto não nascer do enxurro da cidade
O Homem Zangado, o herói do coração múltiplo,

O justiçador moreno, o esmurrador com mil punhos

Amassando os gigantes da mina e peidando para os anões.

O urro da tempestade acorda no seio alarmado do horizonte

De cada planta o cafezal destila o veneno grosso do ódio.

Em cada mão comichona a volúpia da morte.

O meu passo deixou rastro de sangue no caminho,

O céu se embebedou de sangue, o meu suor cheira sangue.

O herói vingador já nasceu do enxurro das cidades.

Ele é todo encarnado, tem mil punhos, o olhar implacável

Todo ele comichona impaciente no desejo voluptuoso da

[morte.

Neste instante ele está vestindo a armadura de ouro e

[prata

O seu chapéu de aba larga é levantado na frente
Ele tem uma estrela de verdade bem na testa
Ele tem um corisco no sapato
E um coração humano no lugar do coração.

(Só um largo listrão encarnado marca a fimbria do horizonte, no longe. Escureceu muito, e o chefe de estação precisou pendurar uma lâmpada sobre o anúncio que trouxe. E o anúncio avisa: "Trem de Segunda Classe – Não haverá mais". O silêncio abatido abafa os corações.)

IV

Coral do Êxodo

(E no silêncio abafado, de muito longe, vem aos poucos assombrando os ares um lamento medonho de uivos, gritos, de dor, imprecações. Os que estão ali, nem mesmo os solteiros conseguem se dominar, choram, escondem os rostos, gesticulam desesperados, se contorcem. Aquela marcha horrenda de uivos, de imprecações, marcha de morte. Estronda enfim bem perto e surgem aqueles velhos, aquelas velhas macabras, e crianças, esqueletos doentes aos grupos de três, de cinco, se arrastando na marcha do êxodo. E passam, atravessam lentamente, caindo, se arrastando, a cena toda, na escuridão preta, só rasgada no fundo pelo listrão encarnado do último sol.)

Velhos e Crianças (uivando):

- Aaaaaai... Aiááááai!...
- Ai, meu Deus!... Ai, meu Deus!...
- Vuúuuuuuu... Vuúuuuuuuuuuuuu...

(Estes três gritos formam a base obstinada de todo o coral. Além deles, se desfralda um tecido lamentoso de frases episódicas possíveis, como:)

- Não posso mais! (*bis, ter, ad libitum*)
- Quero viver!
- Quero morrer!

- Eu sinto frio!
- Eu tenho fome!
- (Etc.)

(Num momento dado, quando a marcha fúnebre do êxodo já se arrasta em pleno palco, os moços e os casais, no seu desespero, clamam ferozes, desumanos, mandados pela predestinação.)

Casados e Solteiros (entrando no coral):

Eu não fui criado do abraço noturno dos pais e das mães

Meu nome foi dito primeiro nos sulcos da terra profunda
Os ventos dos ares entraram nos sulcos da terra profunda
O beijo das águas baixou sobre os sulcos da terra
Sou a fonte da vida!

Que mando fatal me encaminha?
Quem sangra os meus olhos? Quem arma o meu braço?

Quem age por mim contra o meu próprio horror da

[matança?

E a fonte da vida
Que ordena vingança
Vingança!

(O pano cai lentíssimo)

Terceiro ato

O Dia Novo

(É o pátio de um cortiço, num arrabalde da cidade, convulsionada pela revolução. Todo o pano de fundo é tomado pela descrição da cidade, com o centro urbano longe, um amontoado de arranha-céus. Um esgahlo da revolução vem se aproximando do bairro pobre. Passa um homem

fugindo na carreira pela rua, atrás do muro do cortiço, no fundo. Na parte da casa operária que se enxerga dum lado, na boca da cena, junto à mãe inquietíssima, a meninota displicente, conseguiu ligar o rádio.)

I

1º Parlato do rádio

(Na saturnidade apreensiva da orquestra ainda pobre, arrepiada de frases inquietas, o rádio explode.)

O Rádio:

– Alô! alô!... Alô! alô!... Prezados ouvintes, alô-alô!... O Rádio é nosso! O Rádio acaba de cair em nossas mãos! urraaa!... Alô! alô!... A revolução está prestes a se tornar vitoriosa! ... Prezados ouvintes! patriotas devotados desta grande terra vilipendiada! já tomamos todas as estações de... Também! alô! alô! estou recebendo notícias! alô!... alô!... Urraaaaaaa! tomaram-se os Correios e Telégrafos! Os Correios e Telégrafos!... Tomaram-se os Correios e Telégrafos!... Ainda se luta com violência no Bairro Dourado mas a vitória há-de ser nossa, guardem os rádios ligados! Prezados ouvintes! Estou recebendo notícias, não desliguem o rádio!... Vamos agora executar a valsa Perfil duro, enquanto esperamos notícias...

(A mulher impaciente fecha o rádio.)

II

Cânone das Assustadas

(Um menino sai fugindo pelo pátio. A mãe dele grita de susto e vem protegê-lo. Todas as outras portas se abrem, deixando coar uma luz escassa no pátio. E vêm mulheres que se ajuntam apavoradas.)

As Operárias:

Chegou, chegou, chegou!
É hora, é hora, é hora!
Meu homem combate na rua
Que susto, susto, susto!
Eu tremo, tremo, tremo!
Mas EU SOU AQUELA QUE DISSE:
Parti! Parti! Parti!
Adeus! Adeus! Adeus!

Chegou, chegou, chegou!
É hora, é hora, é hora!

Estou nesta espera de angústia
Eu sofro, sofro, sofro!
Que medo, medo, medo!
Mas EU SOU AQUELA QUE DISSE:
Parti! Parti! Parti!
Adeus! Adeus! Adeus!
Chegou! Chegou! Chegou!
É hora! É hora! É hora!

III

Estância de combate

(Pequenos grupos em luta, brigas corporais vêm se alastrando pelo arrabalde. Um tiro, um tombo, na rua por detrás do muro. Agora um grupo mais numeroso e coeso está brigando.)

Os Revolucionários (invisíveis, cantando baixo, com sanha):

É o moço da estrela na testa que vem
Eu disse: Ele traz um corisco no pé
É um chefe mais brabo que a tigre ferida
Perverso que nem cascavel
Fatal como a enchente do rio.

IV

Estância da revolta

(Bateram convencionalmente no portão do cortiço, depois que o combate decresceu. A mulher desesperada foi abrir. Era o marido, um chefe revolucionário, sargento, que chega mal ferido, carregado por dois companheiros. Morre, coitado. As mulheres agora, com a visão do morto, perdem o medo, reagem sanhudas, animalizadas. A luta está recrudescendo por trás do muro.)

Revolucionários e Mulheres:

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
O segredo da paz se fez guerra!
Chegou! Chegou! Chegou!
O momento dos filhos da terra!

O momento dos filhos da terra
Chegou! Chegou! Chegou!

V

Fugato coral

(A luta está se generalizando na rua, é brava, selvagem.)

Revolucionários, Governistas, as Mulheres:

Fogo e mais fogo!
Fogo até morrer!

VI

2º Parlato do rádio

(Com a mãe inteiramente tomada pelo que está sucedendo no pátio e na rua, a menina voltou a mexer com o rádio e eis que o consegue ligar. As notícias explodem no ambiente feroz.)

O Rádio (exaltado, rápido):

– Alô! alô!... Estou recebendo notícias! alô! alô! prezados, o presidente já fugiu do Palácio, buscando abrigo no Quegê da Polícia! ... O presidente Papai Grande já fugiu! já fugiu!... Está escondido no Quegê da Polícia!... Prezados ouvintes! guardem sempre o rádio aberto, urra pela revolução!...

VII

Grande coral de luta

(Há incêndios lá pelo centro urbano manchando de vermelho o ambiente. Um situacionista na fuga, pulou o muro e veio se abrigar nas saias das mulheres, mas as furiosas o estraçalharam, é aquela posta informe de sangue. O clarão esplêndido duma bomba cega por um segundo, caiu o

muro do cortiço, a luta se generaliza em pleno palco. As mulheres entram nela.)

Todos:

É guerra! É guerra!
É revolução!
É de parte a parte
Fogo na nação!

VIII

O rádio da vitória

O Rádio (rapidíssimo, gritadíssimo):

– Alô! alô!... Vitória! VI-TÓ-RIAAAA!... O Bairro Dourado caiu! caiu! os gigantes morreram! Alô! Patriotas! Patriotas! o presidente suicidou-se-o-Quegê-se-entregou, se entregou! os anões se converteram à grande causa pública! a vitória é completa! Vi-tó-ria! VI-TÓ-RIA!... VI-TÓÓÓÓ-RIA!

(A meninota fatigadinha, desinteressada fecha o rádio e vai dormir. Que durma sossegada e viva dias novos melhores.)

VIII (bis)

(Gritos possíveis, para enchimento dos corais de luta.)

De Revolucionários e Mulheres:

– Café! Café! Café! (sempre ritmo e número de vezes
ad libitum)

– É hora! É hora! É hora!
– Chegou! Chegou! Chegou!
– Estrela na testa, corisco no pé!
– Vitória! Vitória!

De Soldados Governistas:

– Patrão! Patrão! Patrão!
– São ordens! São ordens!
– Prisão! Prisão! Prisão!

(Na derrota final):

– Perdão! Perdão! Perdão!

– Piedade! Piedade!

IX

Hino da fonte da vida

(Durante o Rádio da Vitória principiam entrando pelo pátio, fugindo desvairados deputados, gente chique, que caem por aí mortos. Nisto, ferocíssima, inteiramente irracional, desgrenhada, o rosto horrendo de volúpia sanhuda, entra correndo a Mãe. Está rasgada, um seio à mostra, nas mãos uma bandeira enorme, vermelha-e-branca. Entra correndo, pula a posta sangrenta do soldado estraçalhado. E canta, estática, na apoteose.)
A Mãe (solo) e todo o coral misto:

Eu sou a fonte da vida
Do meu corpo nasce a terra
Na minha boca floresce
A palavra que será.

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
Os homens serão unidos
Se a terra deles nascida
For pouso a qualquer cansaço.

Eu odeio os que amontoam
Eu odeio os esquecidos
Que não provam deste vinho
Sanguíneo das multidões.

É deles que nasce a guerra
E são a fonte da morte
Eu sou a fonte da vida:
Força, amor, trabalho, paz.

E se a força esmorecer
E se o amor se dispersar

E se o trabalho parar
E a paz for gozo de poucos

EU SOU AQUELE QUE DISSE:
Eu sou a fonte da vida
Não conta o segredo aos grandes
E sempre renascerás.

FORÇA!... AMOR!... TRABALHO!... PAZ!...

(Pano)

Alguns fatos biobibliográficos

Biografia

*São Paulo o viu primeiro.
Foi em 93.
Nasceu, acompanhado daquela
estragosa sensibilidade que
deprime os seres e prejudica
as existências, medroso e humilde.
E, para a publicação destes
poemas, sentiu-se mais medroso e mais humilde, que ao nascer.*

Abril de 1917

- 1893 – Nasce em São Paulo Mário Raul de Moraes Andrade.
- 1917 – Conclui o curso de piano pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.
- 1917 – Publica seu primeiro livro, de poesias, *Há uma gota de sangue em cada poema*.
- 1918 – Escreve em *A Gazeta* como crítico de música.
- 1919 – Passa a colaborar também em *A Cigarra* e *O Echo*.
- 1921 – Escreve para o *Jornal do Comércio* a série “Mestres do Passado”.
- 1922 – Colabora com a revista *Klaxon*.
- 1922 – Integra o Grupo dos Cinco com Tarsila do Amaral (1886-1973), Anita Malfatti (1889-1964), Oswald de Andrade (1890-1954) e Menotti del Picchia (1892-1988).
- 1922 – Ajuda a idealizar a Semana de Arte Moderna.
- 1922 – Publica *Pauliceia desvairada*.
- 1924 – Realiza com Olívia Guedes Penteado (1872-1934), Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, entre outros, viagem de estudos às cidades históricas mineiras com o objetivo de mostrar o interior do país ao poeta franco-suíço Blaise Cendrars (1887-1961).
- 1925 – Publica *A escrava que não é Isaura*.
- 1926 – Publica *Losango cáqui*.
- 1926 – Publica *Primeiro andar*.

1927 – Viaja pela região amazônica e, no ano seguinte, pelo sudeste e nordeste brasileiros, o que daria origem ao livro *O turista aprendiz*, publicado postumamente em 1976.

1927 – Passa a escrever para o *Diário Nacional*, órgão do Partido Democrático (PD), ao qual se filia.

1927 – Publica *O clã do Jabuti*.

1927 – Publica *Amar, verbo intransitivo*.

1928 – Publica *Ensaio sobre a música brasileira*.

1928 – Publica *Macunaíma*.

1929 – Publica *Compêndio da história da música* (reescrito como *Pequena história da música* em 1942).

1930 – Publica *Modinhas imperiais*.

1930 – Publica *Remate de males*.

1933 – Torna-se crítico do *Diário de São Paulo*.

1935 – Funda, com Paulo Duarte, o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, do qual se torna o primeiro diretor.

1933 – Publica *Música, doce música*.

1934 – Publica *Os contos de Belazarte*.

1935 – Publica *O Aleijadinho de Álvares De Azevedo*.

1935 – Publica *Lasar Segall*.

1936 – Participa da elaboração do anteprojeto da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

1937 – É eleito membro da Academia Paulista de Letras.

1941 – Publica *Música do Brasil*.

1941 – Publica *Poesias*.

1942 – Com outros intelectuais contrários ao regime ditatorial do Estado Novo, funda a Associação Brasileira de Escritores (ABRE), entidade que luta pela redemocratização do país. 1942 – Colabora no *Diário de São Paulo* e na *Folha de São Paulo*.

1942 – Publica *O movimento modernista*.

1943 – Publica *O baile das quatro artes*.

1943 – Publica *Os filhos da Candinha*.

1943 – Publica *Aspectos da literatura brasileira*.

1944 – Publica *O empalhador de passarinhos*.

1945 – Morre em São Paulo.

- 1945 – Publicação póstuma de *Lira paulistana*.
1947 – Publicação póstuma de *O carro da miséria*.
1947 – Publicação póstuma de *Contos novos*.
1976 – Publicação póstuma de *O turista aprendiz*.
1978 – Publicação póstuma de *Banquete*.
1989 – Publicação póstuma de *Dicionário musical brasileiro*.
1992 – Publicação póstuma de *Será o Benedito!*
1995 – Publicação póstuma de *Introdução à estética musical*.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *O Melhor de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Colaboração de Leandro Raniero Fernandes. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (IPHAN), 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O_turista_aprendiz.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. 2. ed. Brasília: INL; São Paulo: Martins, 1972.
- ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1947. (Obras completas de Mário de Andrade).
- ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*: edição anotada. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 1.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. v. 2.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição integral. Texto revisto por Luiz Carlos Cardoso. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- ANDRADE, Mário de. *São Paulo! comoção de minha vida...* Organização de Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.creasp.org.br/biblioteca/wp-content/uploads/2013/05/Sao_Paulo_comocao_de_minha_vida.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- LAFETÁ, João Luiz (Org.). *Mário de Andrade*: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por João Luiz Lafetá. São Paulo: Abril Educação, 1982. (Literatura comentada).
- MÁRIO DE ANDRADE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20650/mario-de-andrade>>. Acesso em: 7 ago. 2018.
- MARQUES, Aline Nogueira. O longo caminho dos Contos Novos. In: ANDRADE, Mário de. *Contos Novos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- MARQUES, Aline Nogueira. Uma história que Belazarte não contou. In: ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A553.Y-m

Mário de Andrade e os trabalhadores: antologia de prosa e verso /
Organizadores: Antônio Augusto Moreira de Faria, Denise dos
Santos Gonçalves, Maria Juliana Horta Soares. – Belo
Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2018.
222 p.: il. – (Viva Voz)

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7758-356-0 (digital)

ISBN: 978-85-7758-355-3 (impresso)

1. Andrade, Mario de, 1893-1945. – Crítica e interpretação. 2.
Crônica brasileira – Coletânea. 3. Poesia brasileira – Coletânea. 4.
Contos brasileiros – Coletânea. 5. Trabalhadores na literatura. 6.
Literatura brasileira – História e crítica. I. Faria, Antônio Augusto
Moreira de. II. Gonçalves, Denise dos Santos. III. Soares, Maria
Juliana Horta. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
de Letras. V. Título. V. Série.

CDD : B869.33

**Publicações Viva Voz de interesse para a
área de estudos literários**

**Poemas brasileiros sobre trabalhadores:
uma antologia de domínio público**

Antônio Augusto Moreira de Faria (Org.)

Rosalvo Gonçalves Pinto (Org.)

**Lima Barreto: antologia de artigos, cartas e
crônicas sobre trabalhadores**

Antônio Augusto Moreira de Faria (Org.)

Rosalvo Gonçalves Pinto (Org.)

Transespaços

Luis Alberto Brandão (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 75 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.